



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Samanta de Sousa Aguiar

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Um contributo para a didática da História de Portugal – A Expansão Marítima

Mestrado em 1º e 2º ciclos do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação do
Doutor Professor Henrique Rodrigues

abril de 2013

AGRADECIMENTOS

Apesar de ser uma investigação de carácter individual, eu só conseguiria concluir este estudo com o apoio especial de algumas pessoas e a quem devo um importante agradecimento. A primeira pessoa que agradeço é o meu orientador, Doutor Henrique Rodrigues, para além das razões óbvias, foi um orientador incansável e sempre disponível, em qualquer altura, oferecendo sempre apoio e uma dedicação incondicional, apesar de todos os percalços que apareceram durante todo o processo.

Ainda agradecendo a docentes, tenho de agradecer à professora Isabel Vale, responsável da PES, por todo o apoio e disponibilidade em responder a todas as dúvidas e preocupações, fossem elas particulares ou relacionadas com o curso e com os restantes colegas de curso.

Agradeço, igualmente a todos os professores cooperantes da PES II, que ajudaram e tornaram possível a implementação inicial do trabalho, facilitando assim o meu trabalho.

Ainda, tudo isto não seria possível sem o apoio da minha família, nomeadamente a minha mãe, o grande pilar da minha vida e a quem devo, para além da própria vida, o maior dos agradecimentos por estar presente, constantemente preocupada, interessada, e por me ter dado a oportunidade de realizar um percurso académico. Junto também a este agradecimento a restante família, tios, primos, madrinha, etc...

Não menos importantes, pois este caminho só é conseguido com a presença de vários intervenientes, estão os amigos. Uma presença constante e a quem agradeço é a Andreia Ribeiro, pela sua amizade, paciência e presença em vários momentos da vida desde que nos conhecemos, dando um apoio incondicional e uma amizade extrema, que nem todas as pessoas podem afirmar que têm. Sem citar mais nomes, porque nem sempre é preciso fazer uma lista, agradeço do fundo do coração a todos os restantes amigos e colegas que estiveram presentes e sensíveis às minhas preocupações.

RESUMO

No plano curricular do mestrado está presente a unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, com grande relevância para a formação do professor, pois serve de plataforma para a futura docência. Neste seguimento, surgiu um estudo que procurou conhecer e analisar os conhecimentos dos jovens de duas turmas, para assim, proceder a uma investigação onde o principal objetivo é ajudar os alunos a entenderem o conteúdo lecionado, com base nas atividades, jogos, documentos mais adequados às suas faixas etárias, conhecimentos, interesses e objetivos do currículo nacional.

Para se entender melhor a estrutura desta investigação e ter um delineamento lógico foram formuladas quatro questões que ajudam a entender o objetivo do trabalho: a) O que conhecem os alunos sobre a Expansão Marítima? b) Como tornar esse conhecimento mais compreensível para os alunos? c) Como trabalhar a didática em sala de aula e utilizá-la para expor o tema em questão? d) O que demonstram os manuais e o que podemos alterar para ajudar os alunos na sua aprendizagem?

Para tal, enveredou-se por uma metodologia de carácter quantitativa, contando com uma amostra de 38 jovens, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos. A recolha de dados foi obtida através da aplicação de um inquérito, cujos dados foram posteriormente analisados em *Excel*, para avaliar os seus conhecimentos acerca de um conteúdo particular do manual escolar, a Expansão Marítima. Passando para uma análise de dois assuntos de grande importância, a didática e a análise de manuais, estes capítulos dão a noção do que deve acontecer e do que deve ser trabalhado na sala de aula, de acordo com os alunos e os seus interesses.

Por fim, o estudo a seguir apresentado é concluído com a apresentação de uma planificação de uma aula, cujo objetivo é conseguir elaborar um momento de aprendizagem completo e enriquecedor para os alunos.

Neste estudo, não existe propriamente um resultado, pois não houve a oportunidade de implementar e retirar conclusões mais concretas sobre a planificação

criada. Mas, contando com toda a bibliografia analisada, citada e com base em experiências anteriores, de outros autores, o resultado é satisfatório.

Por fim, pretende-se sensibilizar os intervenientes educativos, de que nem sempre o que vem nos manuais é o mais correto e muitas vezes necessita de alterações. Pode-se dizer que se pretende dar um impulso na educação e nos docentes, tornando o contexto de sala de aula mais atrativo e diversificado.

Palavras-chave: Ensino, didática, história, aprendizagem, criança.

ABSTRACT

In the curricular plan of the master's course, it is present a curricular unit called Supervised Practice of Education, with a big relevance for the future teacher. Following this idea the present work emerged to know and analyze the knowledge of young people of two classes. To proceed throw an investigation where the primary objective is to help students to understand what is being taught, thanks to several activities, games, documents that are more appropriate to their ages, knowledge's, interests and to the objectives of the national curriculum.

To better understand the structure of this research and have a logical design were formulated four questions that help understand the purpose of the work: a) What do the students know about the Maritime Expansion? b) How to make this knowledge more understandable for students? c) Working with didactic in the classroom and use it to expose the issue at hand? d) Demonstrating the manuals and what we can change to help students in their learning?

As a base it was used a quantitative methodology, with a group of 38 young people, from both sexes, with ages between 10 years to 12 years. The data of collection was obtained by applying a survey, and the answers were subsequently analyzed in Excel, to assess their knowledge about a particular content of the school book, The Maritime Expansion

Turning to an analysis of two issues of great importance, didactic and the analyzes of school books, these chapters give the notion of what should happen and what should be done in the class room according to the students and their interests.

To finalize, the following work is concluded with a presentation of one planning of a class, whose objective is to achieve a moment of learning and enriching for the students.

In this work, it doesn't exist a result, because there wasn't the opportunity of an implementation to achieve conclusions about the class planned. But counting with all the

bibliography that was cited and with knowledge from others authors it is probable that the result will be reassuring. In short, it is intended to sensitize stakeholders of education that what is in the manuals isn't always the most correct and often requires changes. It is possible to give a boost in education and teaching, making the context of the classroom more attractive and diverse.

Key-words: Teaching, didactic, history, learning, children.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	iii
RESUMO	v
ABSTRACT	vii
ÍNDICE GERAL	ix
ÍNDICE DE TABELAS	xi
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xiii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xv
PARTE I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II	17
CAPÍTULO 1 - O CONTEXTO EDUCATIVO E A TURMA.....	19
1- Caracterização do Meio envolvente	19
2- Uma turma diferente	20
CAPÍTULO 2 – SELEÇÃO E REFLEXÃO DE UMA PLANIFICAÇÃO/EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM NAS QUATRO ÁREAS:	23
1- Ciências da Natureza	23
2- Matemática	24
3- Língua Portuguesa.....	25
4- História e Geografia de Portugal	26
5- Tema escolhido para a Investigação	27
PARTE II – O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.....	29
CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	31
CAPÍTULO 2 – ESTADO DA ARTE.....	37
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS	43
CAPÍTULO 4 – INVESTIGAÇÃO	47
1- Inquérito.....	47
2- Questões sobre a didática da História e Geografia de Portugal	63
3- Expansão Quatrocentista	73
4- Análise de dois manuais.....	87
CAPÍTULO 5 – EXEMPLO DE UMA AULA.....	97
CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO	103
1- Principais conclusões da investigação:	103

2-Reflexão final.....	104
PARTE III – REFLEXÃO GLOBAL	107
Reflexão Global	109
PARTE IV – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	121
ANEXOS	129
Anexo 1 - Planificações escolhidas para as reflexões.....	131
Anexo 2 – Inquérito realizado as turmas	145
Anexo 3 – Análise de todos os dados do inquérito por tabelas.....	153

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Calendarização das fases de estudo.....	45
---	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Porque gostam os alunos da escola?	50
Gráfico 2 - Temas escolhidos pelos alunos.	52
Gráfico 3 - Onde leem os alunos.	53
Gráfico 4 - Quando estudam os alunos.	53
Gráfico 5 - As conversas dos alunos sobre a escola em casa.	54
Gráfico 6- Nomes ligados à Expansão marítima portuguesa.	55
Gráfico 7- Embarcações utilizadas.	56
Gráfico 8- Objeto de marcação de presença.....	57
Gráfico 9- Objetivo do Tratado de Tordesilhas.	58
Gráfico 10- Data em que foi assinado o Tratado de Tordesilhas.	58
Gráfico 11- Estilo arquitetónico influenciado pelos Descobrimentos.	59

LISTA DE ABREVIATURAS

PES I - Prática de Ensino Supervisionada I

PES II - Prática de Ensino Supervisionada II

ICE – Intervenção em contexto educativo

HGP- História e Geografia de Portugal

PARTE I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA II

CAPÍTULO 1 - O CONTEXTO EDUCATIVO E A TURMA

O mínimo elemento influencia os diversos fatores que fazem um estabelecimento de ensino funcionar e o modo como este está inserido na cidade e no ambiente que o rodeia. Portanto, neste capítulo, exploramos a componente envolvente, onde foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada (PES II), durante a Intervenção em Contexto Educativo (ICE), o que rodeia a escola, as principais atividades, os meios disponibilizados e os principais acessos são caracterizados de forma a realizar um capítulo produtivo e explicativo para o leitor. No final, é feita ainda uma caracterização da turma, descrevendo os aspetos essenciais para um melhor entendimento do trabalho realizado.

1- Caracterização do Meio envolvente

A escola onde foi realizada a PES II (Prática de Ensino Supervisionada), escola básica de 2º e 3º ciclo, situa-se no concelho de Viana do Castelo, cujo agrupamento vertical é constituído por dez estabelecimentos de ensino. Conta com quatro polos do pré-escolar, cinco escolas de 1º ciclo e por fim uma escola de 2º e 3º ciclos. Fica localizada nas franjas urbanas, com um perfil misto da implementação urbana.

Viana do Castelo é uma das cidades atlânticas mais a norte de Portugal, de fácil acesso com vias funcionais e com ligações a Braga e ao Porto. Com a presença do mar, foz do rio Lima e monte, tudo ao seu redor, torna a cidade num espaço aprazível inigualável. A principal atração turística religiosa atrai a Viana do Castelo população de todos os sítios nos dias da feira e romaria que ocorre a 20 de agosto. Tem como principais atividades económicas: o comércio, artesanato e a pesca, tendo como grande ponto o porto piscatório e os estaleiros navais.

Como referido, esta escola situa-se na fronteira entre o meio rural e o meio urbano. Encontra-se num local de grande importância para a cidade, com polos de indústria e ensino.

A escola em questão está inserida na freguesia de Monserrate, uma freguesia do concelho de Viana do Castelo, com 2,07 km² de área. Nesta freguesia, situada entre Areosa e Santa Maria Maior, encontramos variados serviços e instituições, tendo como

principal ponto, os estaleiros navais e um dos polos do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a Escola Superior de Tecnologia e Gestão. O estabelecimento em questão apresenta uma estrutura relativamente nova e em boas condições, mas em termos de divisão de espaços e rentabilização dos mesmos, fica um pouco aquém. Pois, apesar de recente, não possui um espaço desportivo coberto para a lecionação de aulas dentro das instalações da escola, usando assim, um pavilhão situado ao lado da mesma. Em relação às salas de aula, estas são espaçosas e com o material necessário e atualizado para providenciar aos alunos várias práticas letivas.

2- Uma turma diferente

A turma onde estive inserida durante este semestre de prática pedagógica era uma turma de 5º ano de escolaridade, composta por 20 alunos. Esta turma é bastante homogénea, pois está dividida equitativamente por ambos os sexos, dez meninas e dez rapazes.

A nível socioeconómico, é importante referir que metade da turma tem apoio económico, com o benefício do escalão A e B, isto demonstra que a turma em geral e as suas famílias sofrem de uma certa dificuldade socioeconómica. Este aspeto pode ser explicado pelo facto de a escola, e logo os alunos, estar situada numa área de impacto do setor primário (pesca e agricultura), e da indústria de contenção naval.

Os alunos desta turma em termos de comportamentos de sociabilidade são relativamente calmos, sendo alguns mais ativos e outros extremamente calmos e calados. Nada de perturbador no ambiente de sala de aula. Contudo, há dois alunos que apresentam um comportamento mais hostil. Um deles tem um familiar direto com uma doença terminal, o que acaba por afetar determinados momentos da aula e os colegas com o seu comportamento frequentemente alterado.

Quanto ao aproveitamento escolar, é necessário referir como em todas as turmas que há alunos com mais dificuldades do que outros. Assim, três alunos apresentam um grau de dificuldade evidente, necessitando de mais apoio educativo, dentro e fora da sala de aula. Nesta turma, existe um aluno surdo, que beneficia da educação especial e com

esse aspecto não está inserido em todas as unidades curriculares, nem participa em todas as atividades.

É necessário acrescentar que alguns alunos, para além dos destacados como casos com necessidade de acompanhamento, mantinham um mau aproveitamento em sala de aula devido à influência e acompanhamento dos encarregados de educação, que não demonstrava ser a melhor, pois muitas vezes eram causadores de algumas situações menos positivas, como frequentes atrasos e o pouco incentivo na realização dos trabalhos de casa e estudo.

As capacidades são bastante boas e desenvolvidas na maioria dos alunos. Uma parte da turma é composta por alunos com boa aprendizagem, uma vez que nas diversas provas de avaliação demonstram o seu interesse, estudo e empenho. De modo geral, a turma gosta de atividades diferentes e é adepta das várias formas de ensino/aprendizagem, demonstra um grande carinho pelos docentes e pelas professoras estagiárias durante este período de tempo.

CAPÍTULO 2 – SELEÇÃO E REFLEXÃO DE UMA PLANIFICAÇÃO/EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM NAS QUATRO ÁREAS:

Nesta secção do relatório, serão apresentadas quatro planificações relativas à Prática de Ensino Supervisionada no 2º ciclo, mais concretamente na área das Ciências da Natureza, Matemática, da Língua Portuguesa e História e Geografia de Portugal. Estas foram cuidadosamente escolhidas e serão alvo de uma reflexão realçando o porquê da escolha feita, com base nos pontos fracos ou fortes desses momentos, reforçando as estratégias pedagógicas utilizadas, materiais e consequentes dificuldades ou facilidades da implementação das várias atividades. As planificações das respetivas reflexões encontram-se em anexo.

1- Ciências da Natureza

Esta foi uma área de grande interesse, pois os alunos ficaram bastante ansiosos com a chegada das professoras estagiárias e a provável realização de experiências e atividades diferentes do habitual, o que logo nos entusiasmou enquanto estagiárias. A turma apresentou um grande interesse, pois por diversas vezes afirmou que não tinha realizado muitas experiências. Em alguns casos, os alunos nunca tinham estado em contato com qualquer tipo de atividade mais prática. Este facto explica o porquê de realizar uma experiência que aparece frequentemente nos manuais e listas de atividades práticas do 1º ciclo, a dissolução. De facto, não se pode avançar para atividades mais complexas quando os alunos não têm noção do mais básico.

Apesar de a motivação já ser grande na turma, foi apresentado na altura um vídeo de uma série de desenhos animados conhecidos pelos alunos, Fineas e Ferbs, para que estes tivessem um início de aula que os chamasse a atenção. De seguida, foi iniciada uma apresentação em power point que acompanhou a restante aula, sendo esta também a linha orientadora dos alunos durante a realização das atividades. Para completar, foi entregue um protocolo no momento apropriado de forma faseada para se proceder aos devidos registos. A turma mostrou-se bastante interessada com o tema e algumas vezes até surpreendida com os resultados, ao tentarem ver se a farinha, areia, entre outros

materiais se dissolviam. Todos estes elementos levaram a concluir que a aula foi bem sucedida, na sua maioria.

Esta turma variava o comportamento consoante o professor que tinham na sala de aula, ou seja, sabiam como se podiam comportar, ou de forma mais liberal, menos respeitosa para com o docente e colegas, facilidade em começar e acabar a aula como desejavam, ou então comportavam-se com muita mais disciplina, respeito pelo espaço, colegas e adultos presentes na sala de aula. Esta aula e respetiva disciplina era palco constante de imensa liberdade a todos os níveis, chegando mesmo a haver falta de respeito para com os colegas e docente da disciplina. Este fator dificultou a minha ação como professora estagiária e consequentemente da minha colega, pois os alunos sentiam que deviam manter os mesmos comportamentos que tinham. Isto tornou-se sem dúvida um ponto extremamente difícil de ultrapassar e logo um ponto fraco, mas ao mesmo tempo considero um ponto forte, porque me levou a presenciar uma realidade e a utilizar diversas estratégias.

2- Matemática

Para os alunos, esta também era uma área bastante monótona e sem grande diversidade de atividades, o que mais uma vez levou os alunos a uma grande excitação, quando as professoras estagiárias iniciaram a lecionação.

A aula, por mim escolhida, onde iniciei e trabalhei a área do círculo, foi a meu ver uma das melhores aulas, porque os alunos mostraram-se confiantes no que afirmavam e na forma como levaram a cabo as atividades e respetivos exercícios. De forma a descobrir a área do círculo, foi proposto aos alunos que descobrissem a área do mesmo, decompondo-o em várias partes, até formar um triângulo. Aqui, os alunos conseguiram praticamente sozinhos (para surpresa dos próprios) descobrir a área do círculo sem lhes ser dada uma fórmula inicial mais complicada e que eles desconhecassem. Este aspeto deixou-os motivados e ao mesmo tempo mais interessados pelo conteúdo, o que facilitou o seguimento da aula. Tentei superar todas as dificuldades que tinham sido apontadas durante as primeiras aulas e nesta aula em particular, e com base nas avaliações feitas pela minha colega de estágio e professor cooperante, fiquei com a sensação que tinha

superado algumas das minhas dificuldades iniciais, levando os alunos com mais dificuldades ao quadro, explorando os seus pensamentos e raciocínios. Evitei também passar demasiado tempo no mesmo problema para evitar distrações. Com o decorrer da aula e o facto de esta ter ocorrido no tempo pretendido, foi possível abordar as questões que iam servir de trabalho de casa, de forma a elucidar os alunos e a retirar algumas dúvidas que surgissem na hora, facilitando assim a resolução dos mesmos.

Com esta turma, estabelecer uma relação de empatia, respeito e compreensão tornou-se um ponto complicado, pois o comportamento que os alunos adquiriam numa determinada aula (que eu pudesse considerar boa, muitas vezes) não se estendia às restantes áreas curriculares, uma vez que o que os alunos faziam com os outros professores também o faziam comigo e com a minha colega de estágio. Sendo assim, os alunos estavam habituados a um ambiente mais autoritário e restrito durante as aulas de Matemática e sabendo que com o par de estágio seria diferente tinham tendência a “abusar” da nossa boa vontade. Como explicado anteriormente, o controlo dos alunos tornou-se nesta aula um dos pontos mais fracos, apesar da boa participação nas atividades, do interesse e da motivação.

3- Língua Portuguesa

Em comparação com as outras áreas curriculares, a turma sempre reagiu de forma mais calma e menos desordeira. No entanto, tinha uma relação de empatia muito grande com a docente o que levava a que as respetivas aulas fossem mais descontraídas, com maior empenho por parte dos alunos. Com estes antecedentes, a nossa chegada não provocou grandes modificações de comportamento, pois mantivemos na grande maioria o mesmo esquema de aula.

Nesta aula escolhida por mim, em que decorreu a segunda observação por parte da professora supervisora, foi a meu ver uma das melhores e com mais conteúdos abordados. Como os alunos tinham uma ficha de avaliação no dia seguinte, a aula foi composta por uma análise de um pequeno poema. Como motivação inicial, achei interessante analisar o título, “Os Meus Tesouros”, antes de os alunos abrirem o manual e terem conhecimento do seu conteúdo. Assim, tornou-se uma atividade bastante criativa,

pois os alunos puderam explorar a palavra “Tesouros” e o que esta significava de modo geral e para cada um deles, chegando mesmo a um pequeno debate de alguns minutos. A aula foi seguida da análise do respetivo poema e da realização das atividades propostas pelo manual, sendo finalizada com a realização de uma ficha de consolidação e revisão dos vários conteúdos, de modo a preparar os alunos para o teste do dia seguinte.

Como pontos fortes, tenho a apontar que me senti muito mais confiante, descontruída, obtendo assim uma aula mais gratificante, tanto para mim como para os alunos. No entanto, continuam aspetos a melhorar, como algumas expressões do quotidiano que devo retificar, o controlo da turma ainda é algo que deve ser melhorado e por fim tentar revelar mais à vontade com perguntas mais inesperadas por parte dos alunos, não tendo receio de retirar as suas dúvidas em sala de aula, mesmo eu própria tendo dúvidas. Neste último aspeto, tido como ponto fraco, eu fico ciente que alguns destes pormenores podem ficar resolvidos com a utilização de materiais e objetos, como o dicionário, em sala de aula, juntamente com os alunos, através da realização de uma atividade em conjunto para ser mais benéfica.

Não desvalorizando todas as outras áreas curriculares, dou principal atenção a esta, pois trata-se da língua materna e vai dar muitas outras ferramentas a serem utilizadas nas outras disciplinas, o que torna, para mim, uma área na qual sinto mais receio de falhar e menos à vontade. Mesmo assim, a aula decorreu bem e de forma agradável.

4- História e Geografia de Portugal

Considero esta unidade curricular uma das minhas preferidas e como tal estava com bastante interesse em lecioná-la. Nesta disciplina, os alunos não demonstravam muita curiosidade ou interesse. A participação era reduzida, só alguns alunos tinham tendência a responder e a fazer questões. Apesar de a docente fazer uso de materiais com som, vídeo e diapositivos, a nossa chegada mais uma vez despertou nos alunos curiosidade pelo que íamos desenvolver e trazer à sala de aula. Por isso, durante o decorrer das aulas, acho que eu e a minha colega de estágio abraçámos esse desafio e conseguimos alcançar os objetivos pretendidos.

A aula escolhida por mim já foi uma das últimas lecionadas, mas que envolveu a iniciação de um novo tema, assim, é possível verificar a utilização de várias estratégias pedagógicas. Neste caso, foi iniciado o tema da “Expansão Marítima” e “Técnicas de Navegação”. Para começar este tema, foi mostrada uma imagem em grande plano, explorando a mesma e pedido aos alunos que formulassem questões pertinentes e que levassem ao pretendido, o tema em questão. Além disso, também era necessário demonstrar aos alunos que os acontecimentos têm lugar e são iniciados por alguma razão e não de forma aleatória. Assim sendo, foi lembrado o que eles sabiam das aulas anteriores de forma a criar um contexto para iniciar a aula, apoiando este contexto no tempo e espaço. Para finalizar, os alunos responderam a algumas questões do manual.

A aula foi seguida de uma apresentação didática do CD do próprio manual, pois continha sons agradáveis do mar e imagens que eram necessários. Acrescentei power points elaborados por mim e com diversas animações, onde aparecia a chegada à Serra Leoa e as várias técnicas de navegação utilizadas na altura.

Este tipo de aula com base em imagens e sons motiva imenso os alunos e quanto mais reais as imagens conseguirem ser, sejam originais ou mesmo imagens atuais dos instrumentos de navegação, melhor sentido à História dá, não a tornando tão “distante” para os alunos.

Desta forma, acho que fui capaz de controlar melhor a turma circulando bastante pela sala de aula, mantendo a calma, deixando os alunos serem ativos, pedindo aos menos comunicativos e com mais dificuldades para participarem. Com este nível de empenho e participação, foi difícil para os alunos se distraírem com outras coisas.

5- Tema escolhido para a Investigação

É com esta área de História e Geografia de Portugal, que é finalizado este capítulo reflexivo. É exatamente nesta área que o relatório final é baseado. A escolha desta disciplina baseou-se no meu interesse pela História e todas as suas componentes, como referido em cima ao iniciar a reflexão sobre esta unidade curricular. Claro que apesar do meu interesse, foi necessário recorrer, com a restante turma, a uma seleção das várias

áreas à disposição de forma justa sem prejudicar ninguém, o que felizmente consegui na minha área de agrado.

PARTE II – O TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

1- Escolha do tema

O presente relatório insere-se no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, do 2º ano do curso de Mestrado do Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico.

Ao iniciar esta fase da formação, o segundo ciclo de estudos, Mestrado em Ensino do 1º e 2º ciclo, eu e os meus colegas de turma, fomos colocados perante um imperativo decorrente da própria legislação: elaborar um relatório final, onde se refletisse uma investigação ou estudo sobre um tema à nossa escolha, inserido numa determinada área. No meu caso, a minha área foi a de História, que já era uma área da minha preferência, o que se tornou numa fonte de motivação importante.

Pretendo deixar alguns indicadores do meu esforço, motivação, desafios e mesmo dos obstáculos e dificuldades. Não foi fácil para mim e para o resto do grupo, numa fase inicial, em que trabalhamos em conjunto, tomarmos uma decisão para dar início ao projeto. Várias sugestões foram apresentadas pelo Professor Doutor Henrique Rodrigues, passando pelos mais variados quadros relacionados com a prática de ensino. Todavia, o nosso interesse e motivação pelo ensino da História levaram-nos para o campo da didática.

Assim sendo, o tema escolhido surgiu após alguma reflexão em grupo, com os restantes colegas que trabalhavam sob a orientação do Doutor Henrique Rodrigues. Esta metodologia e estratégia foram profícuas e beneficiamos muito delas. Pois, sentimos auxílio e apoio importantes nesta fase inicial, para que o grupo não se sentisse demasiado “perdido” nesta fase inicial.

Após a distribuição pelas escolas de estágio e o ano de escolaridade onde tínhamos de fazer a prática de ensino supervisionada, 5º ano de escolaridade, foi possível fazer a escolha do tema de forma definitiva.

Analisando o programa nacional de História, em relação ao ano escolar em que estava inserida na prática pedagógica, selecionei alguns do meu agrado, como os

primeiros povos e a Expansão Marítima. Neste caso, optei pela problemática da Expansão quatrocentista: Um contributo para a Didática da História de Portugal no 2.º Ciclo - A Expansão Marítima.

Escolhido o tema, deitei mão à vastíssima bibliografia existente, sempre com o apoio do meu orientador, que teve o cuidado de não esgotar as referências bibliográficas.

De forma a orientar melhor este trabalho, foram realizadas algumas questões orientadoras, que ajudam a seguir um caminho e obter resposta a determinados problemas e questões, como por exemplo:

- a) O que conhecem os alunos sobre a Expansão Marítima?
- b) Como tornar esse conhecimento mais compreensível para os alunos?
- c) Como trabalhar a didática em sala de aula e utilizá-la para expor o tema em questão?
- d) O que demonstram os manuais e o que podemos alterar, para ajudar os alunos na sua aprendizagem?

2- Estrutura do relatório

Em relação à estrutura deste documento, este está dividido num conjunto de capítulos que vão de encontro às indicações instituídas pelo programa da unidade curricular. Assim, o relatório é começado por um breve enquadramento do contexto e do grupo sobre o qual incidiu a Prática de Ensino Supervisionada II, seguindo-se um capítulo dedicado às planificações escolhidas, apresentando uma planificação de cada área com a respetiva reflexão.

Após este contexto, surge o trabalho de investigação que tem um lugar de destaque ao longo do restante relatório. Este capítulo é iniciado pela recolha de dados.

O método de recolha de dados escolhido foi um inquérito, preparado de forma, a que nos permitisse conhecer melhor a turma, hábitos de estudo leitura, gosto pelos conteúdos de História, entre outros assuntos. Este foi posteriormente tratado em *Excel*, para que os dados ficassem devidamente organizados, podendo transformá-los depois em gráficos e quadros, mais facilmente perceptíveis de ser analisados, por qualquer

pessoa. Esta escolha também foi feita com base na amostra selecionada, sabendo que a amostra era composta por duas turmas do 5º ano de escolaridade, assim sendo, tornou-se mais fácil a análise das respostas dadas, pois estas eram controladas ¹.

Recorrendo ao inquérito, como base de trabalho, é relevante referir que foi importante para avaliar os fatores a cima referidos, que leva a uma determinada problemática. Este instrumento de trabalho serve para levantar um problema, uma dificuldade, que se revela nos dados analisados ². Esta problemática é avaliada e tratada, com base na “didática”. Esta área merece uma grande atenção, pois é com base num capítulo do relatório dedicado a esta área, que é feita uma avaliação do conteúdo programático em questão, a *Expansão Quatrocentista*.

Continuando com a estrutura desta investigação, são abordados alguns campos da educação, como a didática que é uma parte essencial do meu trabalho, recorrendo a uma extensa bibliografia, para perceber o caminho a seguir, e os instrumentos a utilizar, para se poder planificar de acordo com a turma em que se está inserido e atendendo às suas necessidades. Neste capítulo, é apresentada uma breve síntese do que é a didática e como esta é aplicada ao ensino da História, mais concretamente, referindo alguns autores importantes neste campo.

Sabendo que na atualidade, a didática é um componente importante, especialmente quando se fala do campo educacional, esta assume um papel de referência. Mas como tudo tem de ter peso e medida, é preciso entender as necessidades da turma, alunos e do próprio programa, para adequar as práticas pedagógicas e os recursos utilizados. Os alunos, durante uma determinada fase, mais concretamente o nível operatório formal, devem ter as suas aulas complementadas com métodos auxiliares, como o diaporama, imagens, mapas, jogos, entre outros, para mais facilmente

¹ LIMA, Marinús Pires – *Inquérito Sociológico: Problemas de Metodologia*. Editorial Presença, 2000. p. 27-28

² BODGAN, Robert; BLIKEN, Sari – *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto, Porto Editora, 1994. p. 248

assimilarem os conteúdos apresentados e desenvolver todas as outras capacidades associadas³.

De forma a ter um seguimento com lógica, foi elaborada uma revisão literária em relação ao tema da investigação, A Expansão Quatrocentista. Com base numa bibliografia diversificada, são apontados os momentos históricos mais cruciais a explorar em sala de aula, de forma sintetizada, com um discurso claro e de forma organizada.

O seguinte campo da educação abordado, e também um assunto polémico é o manual escolar. Este é ainda uns dos recursos mais utilizados pelos docentes e sendo este um mediador entre o programa, alunos e práticas educacionais, este detém uma centralidade nas práticas pedagógicas, servindo de referência muitas vezes incontestável na sala de aula e tornando-se o único suporte e recurso utilizado nas apresentações dos conteúdos programáticos. Esta situação ocorre igualmente na lecionação da disciplina de História e Geografia de Portugal.

Seguindo o caminho neste sentido, é feita uma avaliação de dois manuais, do 5º ano de escolaridade, em vigor no momento da realização deste relatório. Esta avaliação servirá para perceber a qualidade dos manuais, mais especificamente em relação ao conteúdo programático. Atendendo às várias questões avaliadas, é feita uma síntese de como cada manual insere os documentos escritos, as imagens utilizadas, sendo estas de boa qualidade, a forma como os vários objetos e textos estão distribuídos nas páginas do manual, se existe algum tipo de excesso ou pelo contrário.

Com esta avaliação pretende-se retirar um pouco de cada e compilar o que cada manual tem melhor, formando assim um documento de qualidade que poderá ser usado no âmbito de sala de aula, e futuramente por qualquer docente, com o objetivo mais particular de aproveitar este trabalho, para desenvolver a minha própria prática profissional, seja nesta área como noutra.

³ RODRIGUES, Henrique – *Didática e Pedagogia do Ensino da História: Um conjunto de experiências*. Viana do Castelo, 1986. p. 5

De seguida, é visualizada um exemplo de uma aula. Esta encontra-se num formato de planificação, onde é explicado e apresentado os diversos passos a seguir-se. Com esta aula pretende-se dar uma ideia de como será uma aula seguindo os ideais defendidos ao longo do relatório.

Por conseguinte, encontra-se uma asserção, onde se referem os principais aspetos do trabalho feito e as conclusões retiradas deste estudo.

Por fim, é apresentada a reflexão global da PES I e II, demonstrando o que significou para mim, com as suas limitações, os obstáculos surgidos e o que pode ser melhorado.

Como nota final, tenho a referir que este relatório segue a Norma Portuguesa 405, norma que os bibliotecários, arquivistas e, na sua maioria, os historiadores usam. Neste sentido, também se afigurou como a formação mais adequada para o contexto da didática da História.

CAPÍTULO 2 – ESTADO DA ARTE

Este capítulo tem como objetivo fazer o enquadramento teórico da presente investigação. Aqui vão ser referidos os principais temas e assuntos tratados durante todo o trabalho.

A primeira parte vai abordar uma parte do ensino da História, que é abordado ao longo de todo o trabalho e não é exclusivo de um único capítulo. Referindo as principais diferenças entre o ensino de há algumas décadas e o ensino no presente, como era realizada a gestão de sala de aula e como eram transmitidos os conhecimentos aos alunos e com que recursos. O segundo tema a ser abordado é a didática. Neste caso, faremos uma pequena abordagem ao seu significado e as principais características desta em contexto de sala de aula. O terceiro tópico é sobre a análise de manuais e a importância destes na escola, para os professores e alunos e de modo geral, para a comunidade educativa. Acerca deste tópico, é dada uma visão geral, para que se perceba como evoluiu, a sua importância nos dias de hoje, os problemas que representa, o que pode ser alterado.

Desta forma, começaremos por discutir o que é ensinar, em particular a unidade curricular de História. A História é algo que foi vivido, que se vive e que se ainda vai viver, é algo diário e que dela fazem parte as testemunhas⁴. São estas que vão conservar esses acontecimentos, interpretar e transmitir e é assim que surge a primeira etapa de toda a História.

A História não é só uma série de datas e factos narrados, passados de boca em boca ou escritos em documentos. História é um saber, uma cultura, é a consciência do homem e este durante a sua própria evolução⁵.

A importância desta unidade curricular já é conhecida há muito, no entanto é constantemente “atropelada” por outras disciplinas, como Língua Portuguesa e

⁴ ALLARD, Michel, LEFEVRE, André, FRAGA, Gustavo De - *A história e o seu Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976. p. 23.

⁵ IDEM, p. 38.

Matemática. Não está a ser dito que a História é mais importante que as duas unidades referidas, pois sem estas, muitos conteúdos de História e Geografia não seriam entendidos com facilidade, como a interpretação de documentos, leitura de tabelas e cálculos para a realização das mesmas. Com isto, pretendo dizer que está tudo interligado e não podemos esquecer esse facto ⁶.

Até há uns anos, o ensino era conhecido como um momento de autoridade, sem qualquer tipo de liberdade de expressão e com uma quantidade de repressão sem precedentes, onde os alunos tinham um único dever: ouvir, reter o que foi aprendido e aplicar da mesma forma.

Antigamente o docente deveria possuir todos os conhecimentos adequados e capacidades necessárias para manter a turma calada e reter a atenção da mesma, normalmente utilizando um comportamento autoritário. Já aos alunos era pedido uma constante memorização, capacidades e conhecimentos, a partir de um ensino expositivo e verbalista⁷.

É importante relembrar que, nos dias de hoje, o ensino não tem mais este fundamento, apesar de haver alguns professores ainda a praticá-lo. Ao contrário do que é afirmado na citação, o papel na sala de aula já não se centra unicamente no professor, mas sim no aluno. Os docentes têm agora o dever de ouvir, entender, ajudar o aluno durante o processo de ensino/aprendizagem. Estes já não se podem reger unicamente ao manual nem a um conjunto de datas e factos históricos. Os docentes têm de manter uma formação contínua sobre os seus conhecimentos, metodologias em sala de aula, sobre didática, sobre como manter os alunos motivados e devem ser um “aluno” em constante aprendizagem, como os seus alunos ⁸.

⁶ ALLARD, Michel, LEFEVRE, André, FRAGA, Gustavo De - *A história e o seu Ensino*, . o.c., p. 40.

⁷ MARQUES, Ramiro - *MUDAR A ESCOLA - NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983. p. 23.

⁸ DOMINGOS, Ana Maria, NEVES, Isabel, GALHARDO, Maria Luísa - *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987. p. 27.

Pressupõe-se que com a inserção de novos objetivos de ensino, dos manuais e nos programas curriculares que os alunos sejam expostos a uma maior liberdade, em todos os sentidos, desde o programa que deve ser estritamente cumprido, à burocracia imposta pelo próprio organismo da educação, que esgana os docentes e escolas, sendo os alunos, os maiores prejudicados ⁹. Esta nova situação pedagógica leva a que os docentes se sintam incapazes e por isso, estes devem manter uma formação contínua, como já foi referido.

A História, para além do que já foi referido, tem como objetivo formar cidadãos, capazes de formular questões, fazer observações pertinentes e terem conhecimentos a nível sociológico, político, religioso, entre muitos outros. Estamos num mundo em constante mudança e é preciso ensinar os nossos alunos a percebê-lo e a saber enfrentá-lo com confiança, pois sabem e reconhecem o meio em que estão envolvidos. Pois, a evolução humana é uma ciência em várias maneiras e como tal, a História estuda esta evolução ¹⁰.

Ao referir uma utilização de recursos em sala de aula, como já foi dito anteriormente, este elemento remete-nos para o campo da didática. Esta tem sido desenvolvida nas últimas décadas tornando-se essencial para conseguir um ensino de sucesso e eficaz.

Quando falamos de didática, de uma forma geral, falamos de uma parafernália de elementos e táticas que têm como objetivo motivar, despertar o interesse, facilitar a aprendizagem e o ensino de determinados conteúdos, seja dentro ou fora da sala de aula.

De forma inicial, temos a motivação, que deve ser variada, e esta vai ditar como o seguimento da restante aula vai decorrer ¹¹. A motivação vai levantar o interesse dos alunos para o que se vai suceder. É preciso entender que os alunos veem e entendem consoante a sua idade, logo para determinadas formas de ensino, documentos e

⁹ CITRON, Suzane - *Ensinar a História Hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990. p. 130.

¹⁰ PESTANA, Manuel Inácio - *Didáctica da História: Guia de Introdução Didáctica*. Coimbra: Atlântida Editora, 1973. p. 7.

¹¹ MARQUES, Ramiro - *MUDAR A ESCOLA*, o.c., p. 23.

conteúdos, mais abstratos não são entendidos da mesma forma que um adulto vê e entende. Assim sendo, muitas vezes é preciso recorrer a vários documentos, que retratem a mesma situação para que os alunos entendam a subjetividade dos vários autores ¹².

Especialmente no caso de História, que os documentos sejam em forma de texto ou em imagem, são um recurso muito importante e essencial para a aprendizagem dos alunos e para a aquisição do conhecimento histórico. A aplicação destes deve ser feita com extremo cuidado, pois temos muitos fatores que podem levar a um fracasso na sua aplicação ¹³.

Mas para além da faixa etária dos alunos, a linguagem usada também deve ser adequada, pois os alunos têm tendência a achar a disciplina de História muito difícil, pois os vários conhecimentos não são trabalhados de acordo com o seu desenvolvimento cognitivo. Com as novas técnicas desenvolvidas nas últimas décadas, verificamos que a complexidade no ensino é dissipada ¹⁴.

Outro tipo de documento muito essencial, em História é a imagem, mas tal como os outros documentos, deve ser escolhida e utilizada com cuidado ¹⁵.

Assim e em forma de conclusão sobre este tema, pois é demasiado extenso, a didática é um assunto delicado e difícil de alcançar. De facto, um pormenor, por mais pequeno que seja, pode levar ao fracasso. No entanto, todos os docentes devem fazer uso da didática para que os alunos beneficiem de um ensino vantajoso e interessante e não maçador.

¹² RODRIGUES, Henrique – *Didática e Pedagogia do Ensino da História: Um conjunto de experiências*. (policopiado), Viana do Castelo, 1986. p. 9.

¹³ IDEM, p. 5.

¹⁴ MELO, Maria do Carmo Barbosa de - *O Labirinto da Epistemologia e do Ensino de História: Um Estudo em Recife*. Braga: Universidade do Minho, 2006 [Consult. 12 Jun. 2012], p. 89. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6304?mode=full>>

¹⁵ LITZ, Valesco Giordano - *O Uso da Imagem no Ensino da História*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. [Consult. 11 Jan. 2013], p. 6. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>>

O último assunto a ser abordado neste capítulo é a análise de manuais. Este tema trata de um dos temas mais importantes, uma vez que traduz uma problemática muito atual e importante no ensino. O manual é algo muito subjetivo, apesar de ser composto por um discurso sem grandes ambiguidades ¹⁶.

Como já foi referido, sendo este uma problemática muito discutida nos dias de hoje, devido ao seu uso excessivo por partes dos docentes durante as suas práticas. Esta situação tornou não só os docentes, como os alunos em pessoas dependentes de algo, como o manual, pois este obedece a essa dependência, fazendo com que os alunos não se tornem cidadãos independentes, tal como os professores ¹⁷.

O manual passou a ter uma série de funções como refere a Helena Pernalta, mas mesmo assim a sua principal função é ser um objeto de fácil transporte e que tem como objetivo cumprir determinadas instruções ¹⁸.

A persistência no uso de este recurso está interligado não só com os docentes, mas também com várias entidades, como o Ministério da Educação, editores que têm as suas vantagens com a existência destes manuais.

No entanto, estas práticas pedagógicas tendem a mudar com o passar do tempo e com a constante formação dos docentes e insistência na utilização de outros recursos disponíveis.

Em décadas anteriores, o objetivo do manual era que o aluno tivesse à disposição determinadas perguntas e respostas e procedesse a sua memorização ¹⁹. Com o passar do tempo, é possível verificar que os manuais não são uma “bíblia” a seguir, pois não contém todos os materiais necessários para, durante um ano letivo, ensinar os alunos determinados conteúdos de forma completa. Estes podem ser usados como mais um

¹⁶ CABRAL, Marianela - *Como Analisar Manuais Escolares*. Lisboa: Texto Editores, 2005. p. 5.

¹⁷ IDEM, p. 5.

¹⁸ IDEM, IBIDEM.

¹⁹ RODRIGUES, Isilda Teixeira, FAVAS, Paulo Jorge de Campos, COELHO, Fernando - *Análise de Manuais – Uma Reflexão Necessária na Formação Inicial de Professores*. Vila Real: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (s.d) [Consult. 3 Set. 2012], p. 2. Disponível em: <<http://apice.webs.ull.es/pdf/345-067.pdf>>

recurso, um esquema a seguir tanto para os docentes como para os alunos, que o levam para casa e estudam maioritariamente por ele.

Neste ponto de viragem na educação, o professor e a escola têm um novo papel, tornar a escola num local mais atraente para os alunos, onde estes são incitados a construir o próprio conhecimento, atitudes, valores e competências de modo a destruir a imagem que a escola detinha, onde o professor transmitia os conhecimentos e os alunos tinham de memorizá-los²⁰.

Não o usando como único elemento na sala de aula, conseguimos planear uma aula mais rica, plena, interessante e motivante, para as principais personagens dentro da sala de aula, que são os alunos. Pois, como já foi referido anteriormente ao nível da didática existe uma série de instrumentos e objetos, desde os mais banais, que podem ser utilizados para demonstrar, ensinar e refletir um momento histórico.

Também como já foi dito, a disciplina de História sofre deste problema e pode beneficiar desta solução, este capítulo adequa-se a todas as áreas curriculares e não só.

Como forma de intensificar este assunto, no presente trabalho, é feita uma apreciação de dois manuais diferentes, verificando assim a falta ou não de vários pontos, que vão ser analisados e discutidos no capítulo 4.

²⁰ COELHO, in AMOÊDA, Sandra, MARTINS, Helena, VASCONCELOS, Clara – *Análise Científico – Didática de Manuais Escolares: Um Estudo na Temática da Tectónica de Placas*. Florianópolis, 2008 [Consult. 20 Jun. 2012], p. 80. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56664/2/7261.pdf>>

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

A investigação na Educação oferece uma variedade de possibilidades e opções de métodos a utilizar. Como cada estudo é diferente, deve ser encontrado o método que melhor se adequa a cada situação e objetivos pretendidos. Atendendo ao objetivo da investigação, a metodologia seguida neste trabalho é uma metodologia de carácter quantitativa.

Trata-se de estabelecer uma ordem para encontrar um percurso, para finalmente atingir um determinado fim da forma mais conveniente²¹.

O quantitativo segue uma dinâmica mais positivista²². Este método é mais orientado uma verdade universal, ou seja, existe uma realidade objetiva e o investigador deve ter a capacidade de fazer uma interpretação objetiva e científica²³. Ao contrário da metodologia qualitativa, que está mais ligada a um paradigma naturalista e na observação do indivíduo, com o objetivo de obter um entendimento mais profundo dos mesmos e de fenómenos, com a utilização, normalmente, de grupos reduzidos.

De forma mais geral, consegue-se resumir o método quantitativo e qualitativo em cinco etapas similares: a) observação e avaliação de determinados fenómenos; b) estabelecimento de pressupostos ou ideias a partir da observação e avaliação anterior; c) existe um teste que demonstra a validade das suposições; d) existe uma verificação das suposições com a utilização de testes ou da análise; e) Sugere novas e futuras avaliações²⁴.

²¹ AZEVEDO, Ana Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves de – Metodologia Científica: Contributos Práticos para a Elaboração de Trabalhos Científicos. 9ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008. p. 11.

²² SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista – Metodologia de Pesquisa, 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil, 2006. p. 4.

²³ ANTÓNIO, Camilo Cunha – Formação de Professores: A Investigação por Questionário e Entrevista – Um Exemplo Prático. Vila Nova de Famalicão: Editorial Magnólia, 2007. p. 18.

²⁴ SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista – Metodologia, o.c., pp. 4-5.

Partindo dos pressupostos seguidos por Sampieri ²⁵ sobre a metodologia quantitativa, partimos do conceito ou pré-conceito dos alunos relativos à *Expansão Marítima*. De seguida, são organizadas uma série de questões relevantes para a pesquisa, surgindo assim variáveis alternativas e múltiplas. Estas hipóteses ou variáveis foram avaliadas em de sala de aula, durante o período escolar. Para as medir são frequentemente utilizados métodos estatísticos. Seguindo o sugerido por Sampieri, este trabalho utiliza o questionário por inquérito como forma de recolha de dados, seguindo-se uma análise estatística em *excel*, para facilitar a compreensão das respostas. A partir destes dados são retidas uma série de conclusões em relação as questões relevantes para a pesquisa.

Durante a realização deste trabalho, como na maioria dos casos seguiu-se um plano sequencial. Primeiro, existe a ideia de que ao longo do processo vai sendo refinada durante algum tempo. Após este processo, e depois dos objetivos e questões estabelecidas, procedemos a uma análise da literatura indicada pelo orientador, o Prof. Doutor Henrique Rodrigues, para a construção da base de carácter teórico deste relatório ²⁶. De seguida, e após a realização de um plano para testar as variáveis, seleccionamos uma amostra, procedendo depois à análise de dados.

Neste caso em particular, a amostra foi seleccionada logo desde o início, pois devido à falta de tempo foi preciso estabelecê-la o mais rápido possível, tal como a aplicação do inquérito. Sendo que após esta pequena troca de passos, tudo foi realizado segundo a metodologia apresentada anteriormente. Ainda tendo em conta a altura de realização do relatório e o tempo disponível a revisão de literatura decorreu praticamente durante todo o processo, ou seja, houve uma constante leitura de bibliografia, praticamente desde o início do semestre até ao momento em que concluímos este relatório.

²⁵ IDEM, pp. 5-6.

²⁶ IDEM, p. 14.

A escolha do questionário por inquérito teve em conta o número da amostra e o que era pretendido estudar, porque se tornava uma forma mais facilitadora de analisar dados. As perguntas para o inquérito foram cuidadosamente elaboradas, para evitar respostas longas e ambíguas que dificultassem o cruzamento de dados. Durante a análise de dados, foram igualmente laborados gráficos para representar a informação obtida de uma forma simples e de fácil leitura.

Uma componente importante deste trabalho é a avaliação de manuais, pois esta vai identificar determinados problemas e a melhor maneira de solucionar esses mesmos problemas. Mas este aspeto aproxima-se de uma vertente mais qualitativa, mas extremamente importante.

De forma a compreender melhor o plano seguido na realização do respetivo trabalho é apresentada uma tabela, onde mostra de forma cronológica os passos dados durante a realização do relatório.

Tabela 1- Calendarização das fases de estudo.

Atividades	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro de 2012 a Março de 2013
Distribuição das escolas e áreas.										
Escolha de um tema definitivo.										
Elaboração do inquérito.										
Aplicação dos inquéritos.										
Tratamentos dos dados.										
Elaboração do relatório.										
Recolha de dados bibliográficos.										

Este trabalho apresenta um exemplo de uma aula, no entanto não foi aplicada em contexto real, para se poder retirar conclusões sobre a didáctica da expansão. Contudo e como é possível verificar, o exemplo de aula apresentada é idêntica a uma usada durante o estágio no 2º ciclo, na unidade curricular de HGP. A opção em utilizar a respetiva planificação deve-se ao facto de ter sido construída na respetiva altura seguindo todos os passos apresentados neste relatório. As conclusões retiradas dessa aula são positivas, o que leva a concluir que houve sucesso na sua aplicação e logo este sucesso pode ser utilizado como conclusão para este estudo.

Uma das premissas deste tipo de metodologia aponta para possibilidade de não haver uma conclusão apenas. Este aspeto pode levar a quem quiser ou até ao próprio autor da pesquisa a possibilidade de continuar futuramente, com o objetivo de melhorar o que já foi feito ²⁷. Para além desta vantagem, também é possível obter uma comparação mais fácil com estudos similares, pois é oferecida a possibilidade de generalizar os resultados de forma mais ampla, sobre um determinado fenómeno²⁸.

²⁷ SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista – Metodologia, o.c., p. 10.

²⁸ IDEM, pp. 14-15.

CAPÍTULO 4 – INVESTIGAÇÃO

1- Inquérito

Este capítulo vai tratar de uma parte essencial do relatório em questão. Sendo o inquérito o método escolhido e utilizado para a recolha de alguns dados é realizada uma análise ao processo de elaboração, aplicação e tratamento deste método e tudo o que envolve a sua utilização. Após esta introdução ao inquérito, é apresentada uma análise dos dados, onde são explicadas as escolhas dos alunos, as suas opções, algumas razões para as suas respostas, é feita em algumas ocasiões uma interpretação dos dados com base no género.

Como referido anteriormente, foi necessária a realização de um inquérito, sendo esta uma boa forma de recolher dados ²⁹, aplicando-o a duas turmas do 5º ano de escolaridade, compilando assim um total de 38 fichas. Desta amostra, era necessário obter algumas informações, sobre a formação dos alunos, gostos pessoais associados à disciplina curricular, sobre conhecimentos históricos, nomeadamente acerca da *Expansão Quatrocentista*. Após ter solicitado uma autorização formal ao diretor da escola, à diretora de turma e à professora responsável pela disciplina de História para a aplicação do mesmo, procedeu-se à elaboração do inquérito e à sua redação. Após a leitura de alguns inquéritos utilizados por outras escolas e indivíduos, foi possível ter uma noção mais concreta sobre o que é um inquérito, como se faz e como deve ser aplicado.

Assim sendo, depois de escolhido o tema a abordar, impôs-se imediatamente um método de recolha de informação fiável e que fosse anónimo, de modo a obter as respostas dos alunos.

A fase de concretização do mesmo foi longa, pois era necessário uma boa preparação nas perguntas a elaborar e nas respostas incluídas, às quais os alunos

²⁹ ALVES, Nisa Ávila do Couto – *Investigação por inquérito*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2005/2006. [Consult. 13 de Jun. 2012], p. 3. Disponível em: <<http://www.amendes.uac.pt/monograf/tra06investglnq.pdf>>

poderiam responder, em forma de escolha múltipla e respostas diretas, evitando ao máximo os erros dados nas respostas por partes dos inquiridos. Pois, ao contrário do que se pode pensar, é necessário um planeamento cuidado e seguir determinados passos, como o planeamento, preparação, aplicação no terreno, análise dos resultados e apresentação dos resultados ³⁰. Como já foi referido, este processo é moroso, também é complexo, tendo em conta toda a sua construção e preparação, desde o planeamento cuidadoso de todas as etapas até à apresentação dos resultados finais ³¹.

Após a fase de produção do inquérito, este foi aplicado com rapidez, para que os dados obtidos pudessem ser tratados e analisados em tempo de funcionamento de aulas.

Este meio de recolha de dados foi posto em prática em duas turmas do 5º ano, que tinham em comum a professora da disciplina de História. Embora as turmas sejam constituídas por 40 alunos, apenas 38 alunos preencheram o inquérito, pois um deles está integrado no ensino especial e outro faltou no dia do inquérito.

As duas turmas tinham acabado de iniciar a *Expansão Marítima*, temática sobre a qual incidiu o questionário, o que as mantém a um nível idêntico.

Para a operacionalização deste método de trabalho, foi ainda necessário considerar outros fatores, pois, o inquérito por questionário, como é o caso, pode sofrer a influência de vários fatores, como a falta de memória, distração, leitura pouco cuidada das perguntas e das respostas, o que leva a que não haja um controlo 100% correto dos resultados ³². No entanto, como se trata de uma amostra que não é muito extensa, mas também não é demasiado pequena, tendo em conta o tempo disponível e os contornos do trabalho, consegue-se retirar as informações essenciais.

O inquérito, numa primeira parte, era constituído pelos dados pessoais dos alunos de cada turma, como data de nascimento, sexo, concelho e freguesia. Neste caso, nas duas turmas em conjunto, verifica-se o predomínio do sexo masculino, havendo mais

³⁰ LIMA, Marinús Pires – *Inquérito Sociológico*, o.c., pp. 36-37.

³¹ ALVES, Nisa Ávila do Couto – *Investigação por inquérito*, o.c., p. 4.

³² LIMA, Marinús Pires – *Inquérito Sociológico*, o.c., p. 28.

homogeneidade na turma A, com igual número de alunos do sexo masculino e feminino. Porém, a turma B apresenta uma grande percentagem do sexo masculino. Quanto à residência, a maior parte dos alunos é residente na área urbana, demonstrando apenas dois casos isolados, fora de Viana do Castelo. Estes aspetos são importantes para ter uma perceção sobre a distribuição da turma e, automaticamente, verificar que a maior parte dos alunos, provavelmente já tinha uma relação de sociabilidade conseguida em momentos anteriores. Este aspeto é relevante, pois havendo um bom relacionamento, certamente mostram mais motivação durante o período letivo e consequentemente mais interesse pelas várias áreas curriculares.

Numa segunda parte, os alunos responderiam a determinadas questões sobre seus hábitos escolares e de leitura, como também o gosto pela disciplina de História.

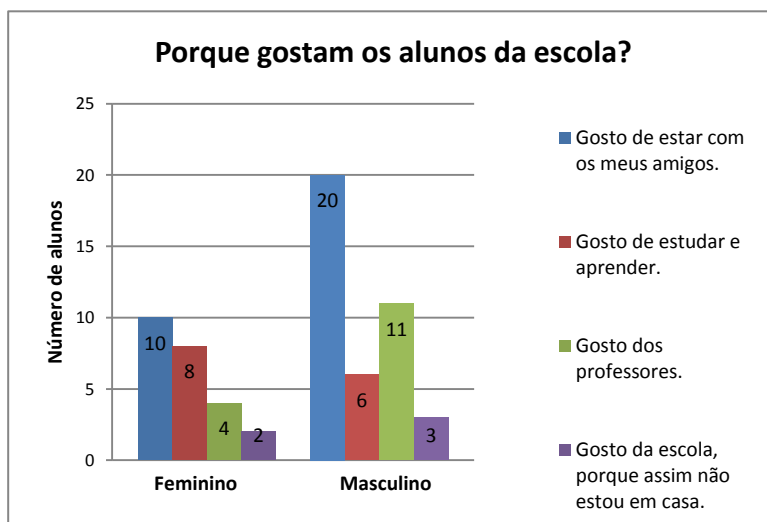
A referida parte relaciona o gosto da disciplina em questão com a leitura e a prevalência de livros em casa. É um importante fator que demonstra após análise, que uma percentagem dos alunos que têm bastantes livros em casa tem maior apreço pela disciplina e pelas temáticas que esta inclui. Também foram questionados os hábitos de estudo, local de estudo e participação dos encarregados de educação na vida escolar, de forma a filtrar as questões familiares que muitas vezes são fatores decisivos no dia-a-dia dos alunos.

Com os inquéritos obtidos, procedi à devida análise, em *Excel* sempre com o apoio do Professor Doutor Henrique Rodrigues, que me orientou na forma como devia analisar, tratar e avaliar as informações obtidas. Obtive um documento bem elaborado e conciso, com dados fáceis de serem lidos e compreendidos.

No final deste relatório, no Anexo 3, está presente a análise completa do questionário, por tabelas. Assim sendo, podem ser verificados os vários resultados apresentados ao longo deste capítulo.

Assim, com base nos inquéritos, verifica-se que a maioria dos inquiridos afirma gostar da escola.

Gráfico 1- Porque gostam os alunos da escola?



Já quanto às razões, estes têm maior afirmação quando se referem ao fator amizade, já que a escola é o espaço de amizade da maior parte dos alunos e é ainda neste local que se afirmam como jovens, amigos, namorados, entre outras situações. É também visível a importância da amizade para o sexo masculino, que respondeu maioritariamente ao inquérito. Os alunos escolhem como segunda opinião, a apreciação pelos docentes, mais no sexo masculino do que no feminino, podendo indicar a forma como os docentes se relacionam com os alunos e a importância que os professores têm na vida dos alunos. As raparigas dão mais importância ao estudo e à aprendizagem em geral.

Nas turmas inquiridas, havia somente dois casos de reprovação, o que não é muito significativo, tal como o apoio pedagógico prestado aos alunos de ambas as turmas. Claro que este se torna num fator muito positivo em âmbito escolar.

As últimas questões tratam de uma forma mais profunda a temática da História. Questionando os alunos quanto aos hábitos de leitura e relacionando-os com o interesse e os seus conhecimentos.

No inquérito, é perguntado aos alunos se possuem livros em casa, a resposta obtida é bastante positiva, tendo em conta que mais de 90% dos alunos respondem que sim. A partir deste ponto, relacionámos os livros que os alunos têm em casa, com os livros

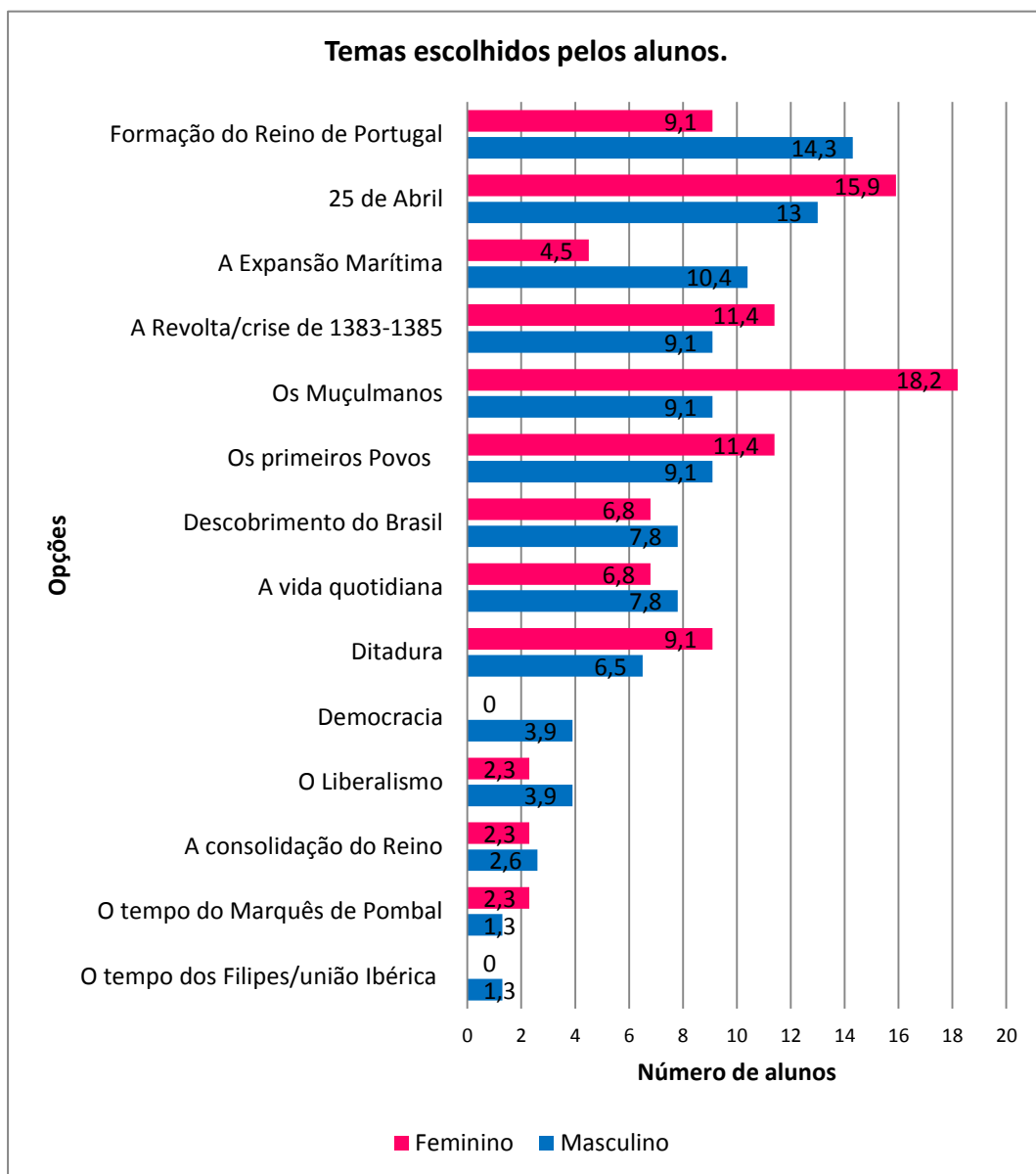
de História. Neste caso, a percentagem desce ligeiramente, pois 80% dos alunos afirmam que dos livros que têm em casa, alguns são de História.

No que diz respeito às suas preferências, mais de 80% dos alunos gosta da disciplina de História, sendo um grande benefício para o interesse e aprendizagem dos conteúdos.

Após estas questões introdutórias sobre a unidade curricular de História, segue-o conteúdo programático, pelo qual os alunos demonstram mais interesse.

Como é possível verificar no quadro seguinte, os alunos elegeram a formação do reino de Portugal como o conteúdo mais interessante e de que mais gostaram, particularmente os alunos do sexo feminino. Pelo facto de este tema ser lecionado no início do ano letivo, pouco antes do tema sobre a Expansão Marítima, os alunos optaram pelo tema de que tinham maior conhecimento por ser o mais recente. De seguida, a escolha recai sobre *25 de abril*, o que é surpreendente visto não ser abordado pelos alunos no 5º ano de escolaridade. Mas ao mesmo tempo é bastante compreensível, pois todos os anos Portugal celebra esta data com ênfase, o que demonstra que os alunos têm conhecimentos acerca desta data e do seu significado para a sociedade. Ainda se verifica um grande agrado pelo tema da Expansão Marítima, pois no dia da realização do inquérito, os alunos tinham iniciado este tema, daí provavelmente uma maior percentagem relativa a este conteúdo.

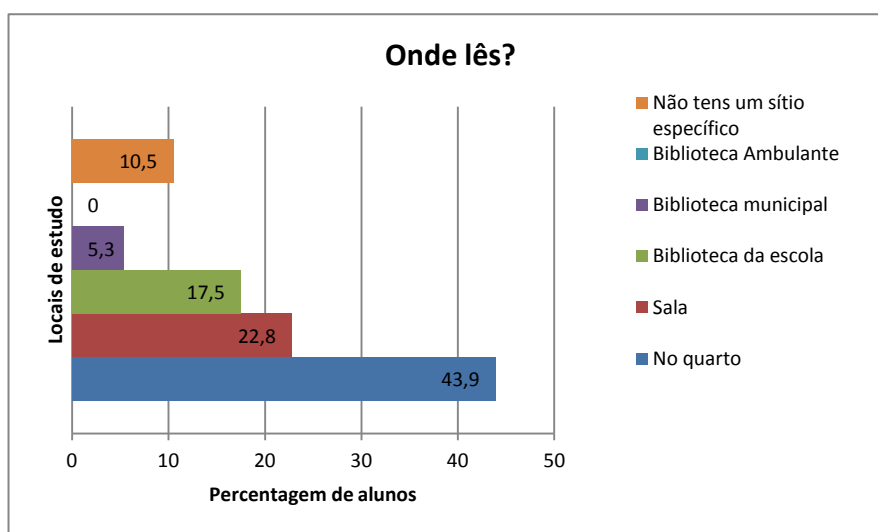
Gráfico 2 - Temas escolhidos pelos alunos.



Como é possível ver no quadro, os temas com menos preferência são os temas menos abordados, tanto a nível curricular como em conhecimento geral.

Numa determinada questão, é perguntado aos alunos se têm o hábito de ler. Estes respondem afirmativamente mais de 90%. O que pode levantar algumas problemáticas, principalmente se consideramos que a noção de leitura por parte de alguns alunos pode estar errada.

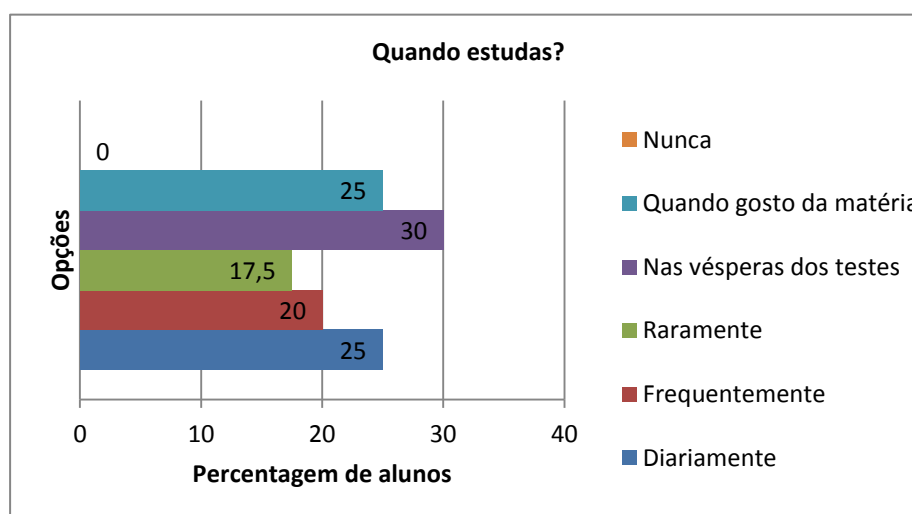
Gráfico 3 - Onde leem os alunos.



A partir do quadro, é possível verificar que o local de eleição é o quarto, seguindo-se a sala, onde estão presentes diversos objetos que favorecem a distração seja para a leitura como para o estudo, se assumirmos que este for um dos locais de eleição para o estudo das várias unidades curriculares.

Quando os alunos são questionados acerca da sua frequência de estudo, estes escolhem as respostas mais usuais, e que a maioria dos professores e restante comunidade educativa já pressupõem, que é a véspera da realização da ficha de avaliação, como se pode visualizar no quadro abaixo. Este fator é irremediavelmente decisivo na vida escolar e no aproveitamento dos alunos perante as várias unidades curriculares.

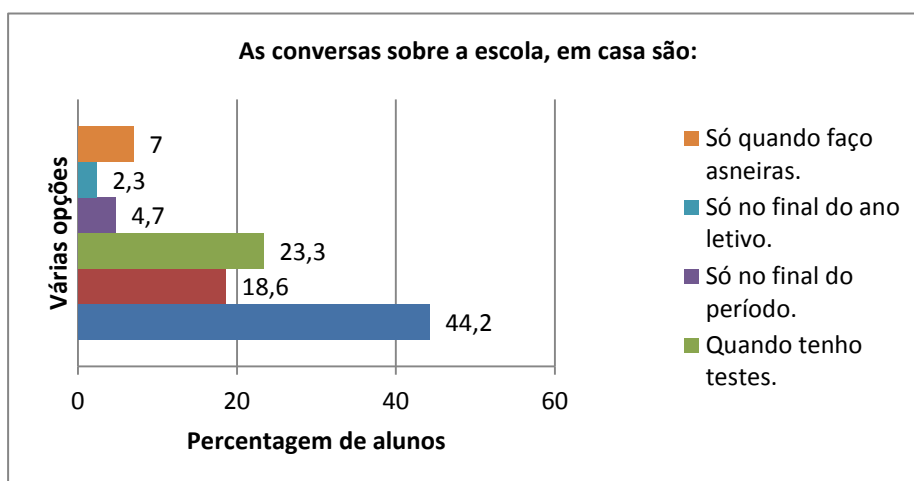
Gráfico 4 - Quando estudam os alunos.



De seguida, aparece o estudo diário, mas este é influenciado pela pressão familiar de alguns alunos. Também é de relembrar que nas turmas onde os inquéritos foram aplicados, existem bastantes alunos com bom aproveitamento, o que leva a determinados resultados. Neste contexto, os alunos afirmam ter apoio em casa em mais de 80% dos casos, o que revela que estamos perante contextos familiares que apoiam e tentam ajudar os educandos da melhor maneira, de modo a que estes atinjam um bom aproveitamento.

Na questão seguinte, foi avaliada a comunicação dos alunos com os familiares em casa, mais concretamente os encarregados de educação. Neste caso, 50% dos alunos afirmam que conversam em casa sobre a escola, o que é muito positivo.

Gráfico 5 - As conversas dos alunos sobre a escola em casa.



É no entanto preocupante que a seguir, a opção mais escolhida seja a que os alunos só mantêm conversas em casa quando há testes, demonstrando algumas despreocupação da vida escolar dos jovens, pelos pais, exceto nos momentos de avaliação.

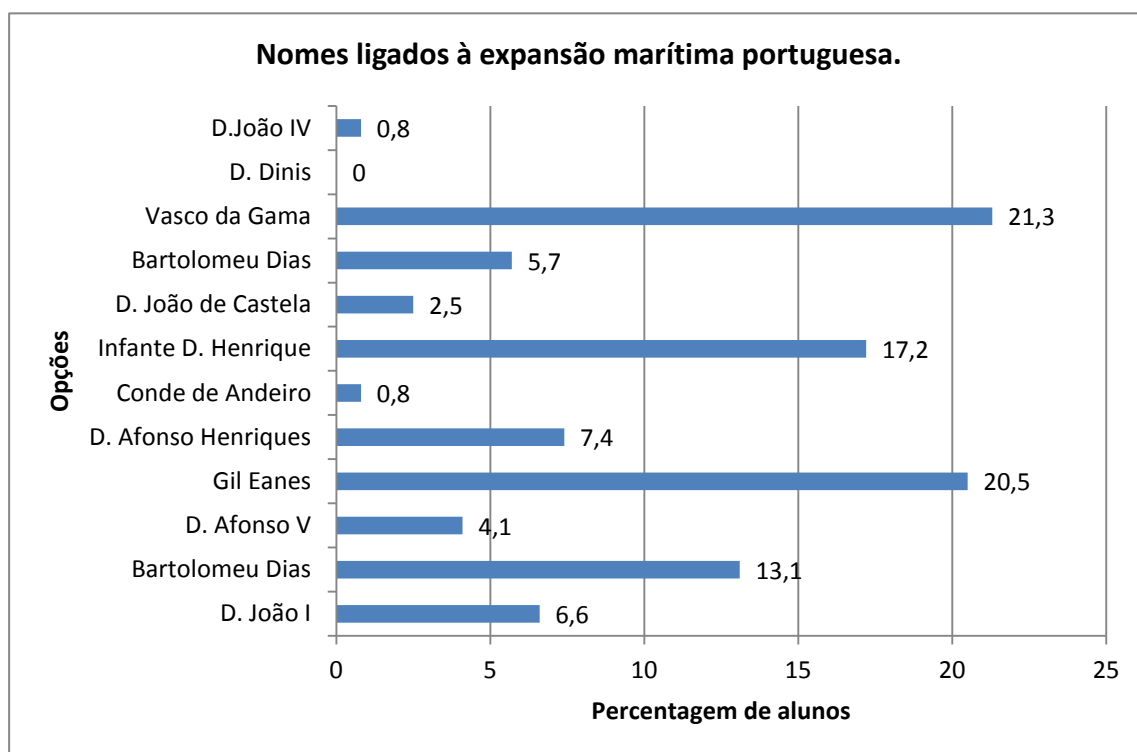
Na terceira e última parte dos inquéritos, os alunos responderiam a diversas questões sobre História, mais especificamente sobre a Expansão Quatrocentista, onde os alunos demonstravam a sua cultura geral acerca de diversos acontecimentos, escritores, momentos e datas. Como já foi referido anteriormente, os alunos na altura da aplicação deste inquérito, já tinham iniciado o tema da Expansão Quatrocentista, logo é possível

verificar o número de respostas acertadas. Quando é perguntado a data em que foi assinado o Tratado de Tordesilhas, foi possível notar, que os alunos nas questões em que deviam ter escolhido uma certa data, para um determinado acontecimento, tendiam a escolher datas mais aproximadas à época em questão, situação relevante, pois demonstra uma localização temporal já bem definida. Todas estas questões serão analisadas em pormenor posteriormente.

Primeiro, é perguntado aos alunos se Portugal foi o pioneiro na Expansão Marítima. As respostas obtidas foram muito positivas, mais de 50% dos alunos respondem afirmativamente. Este é um dos casos já previsíveis, pois como já foi referido, os alunos já tinham iniciado o tema em questão, sendo que numa primeira abordagem é glorificado o país como sendo pioneiro da Expansão Marítima.

Numa segunda questão, os alunos devem escolher de entre vários nomes, os que estão ligados à expansão. Aqui, os alunos demonstram ter conhecimentos gerais sobre o assunto. De facto, conseguem destacar as principais personagens deste período. Estes dados são visíveis no quadro apresentado a seguir.

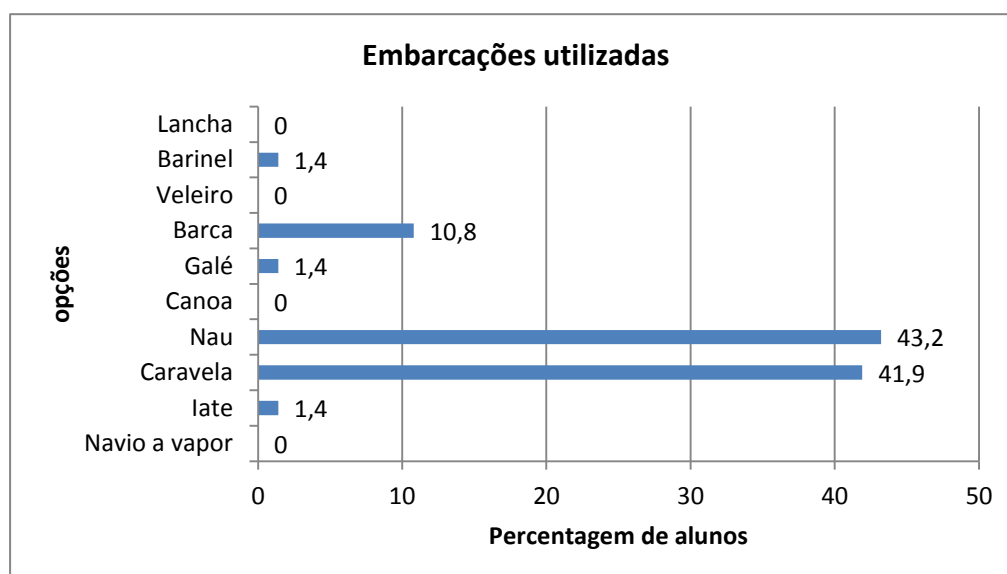
Gráfico 6- Nomes ligados à Expansão marítima portuguesa.



Numa seguinte questão e ainda dentro desta abordagem inicial, os alunos identificaram, numa grande maioria, Ceuta como o primeiro território conquistado; evidente, mais uma vez, visto terem acabado de iniciar este tema o que facilitou a escolha.

De seguida, é pedido aos alunos que identifiquem as embarcações mais utilizadas na época. Nesta questão, os alunos referem a nau, a caravela e a barca, como as principais. As respostas evidenciam algum conhecimento geral, o que é bastante positivo, pois apesar de algumas embarcações serem muito atuais, são postas de lado nas escolhas dos alunos. É visível a atenção prestada, e o esforço para escolher a opção e ou opções, mais acertadas, como mostra o gráfico a seguir.

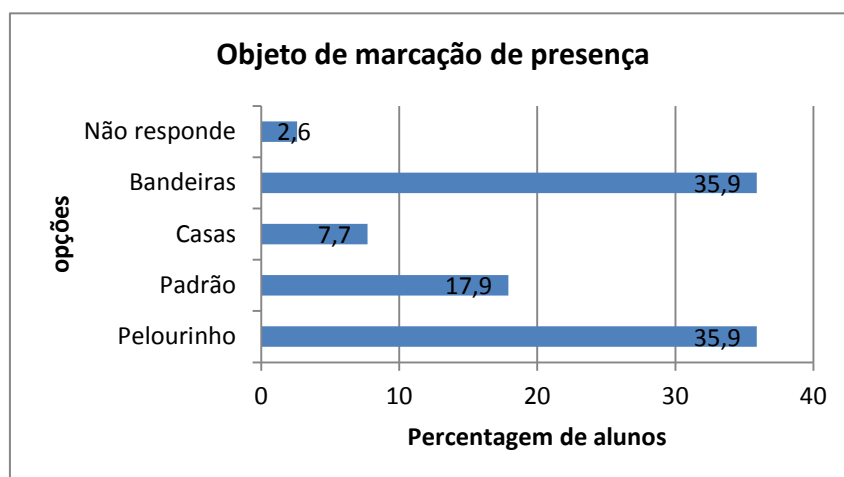
Gráfico 7- Embarcações utilizadas.



De seguida, são avaliados os conhecimentos acerca dos objetos utilizados para marcar a presença nos vários territórios. Neste caso, os alunos escolhem as bandeiras e o pelourinho, o que é incorreto. Nesta questão, a resposta acertada seria o padrão. Nota-se portanto algum desconhecimento por parte dos alunos ou alguma confusão, talvez, pois já conheciam o pelourinho, que é um marco representativo do poder local e político, já as

bandeiras possuíam um significado de reconhecimento do país a que pertencia. Estes dados são verificáveis no quadro apresentado a seguir.

Gráfico 8- Objeto de marcação de presença.

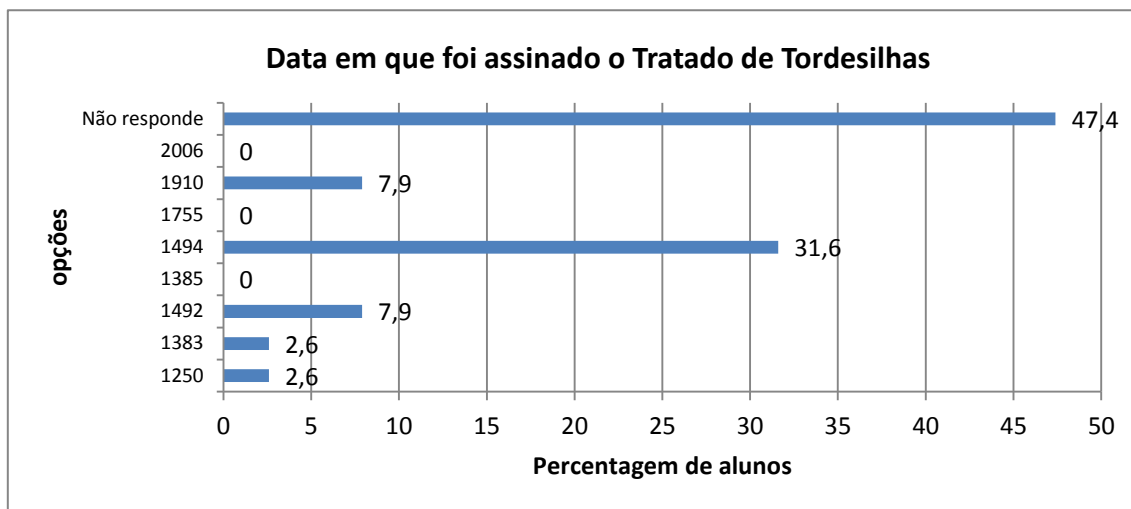


À pergunta, “Quais os instrumentos de navegação utilizados?”, os alunos têm cinco opções, e destas, a sua maioria escolhe as quatro respostas acertadas: o astrolábio, a carta náutica, o quadrante e a balestilha, apesar de pouco ou muito pouco terem conhecimento acerca deste conteúdo, na altura do preenchimento do inquérito.

De uma forma mais simplificada, pergunta-se aos alunos se já ouviram falar do Tratado de Tordesilhas, tentando assim introduzir este tema de forma mais leve, para posteriormente aprofundar. Mais de metade dos inquiridos responde afirmativamente, o que revela algum conhecimento sobre o acontecimento, ou então, que já ouviram em determinada altura falar acerca deste marco histórico.

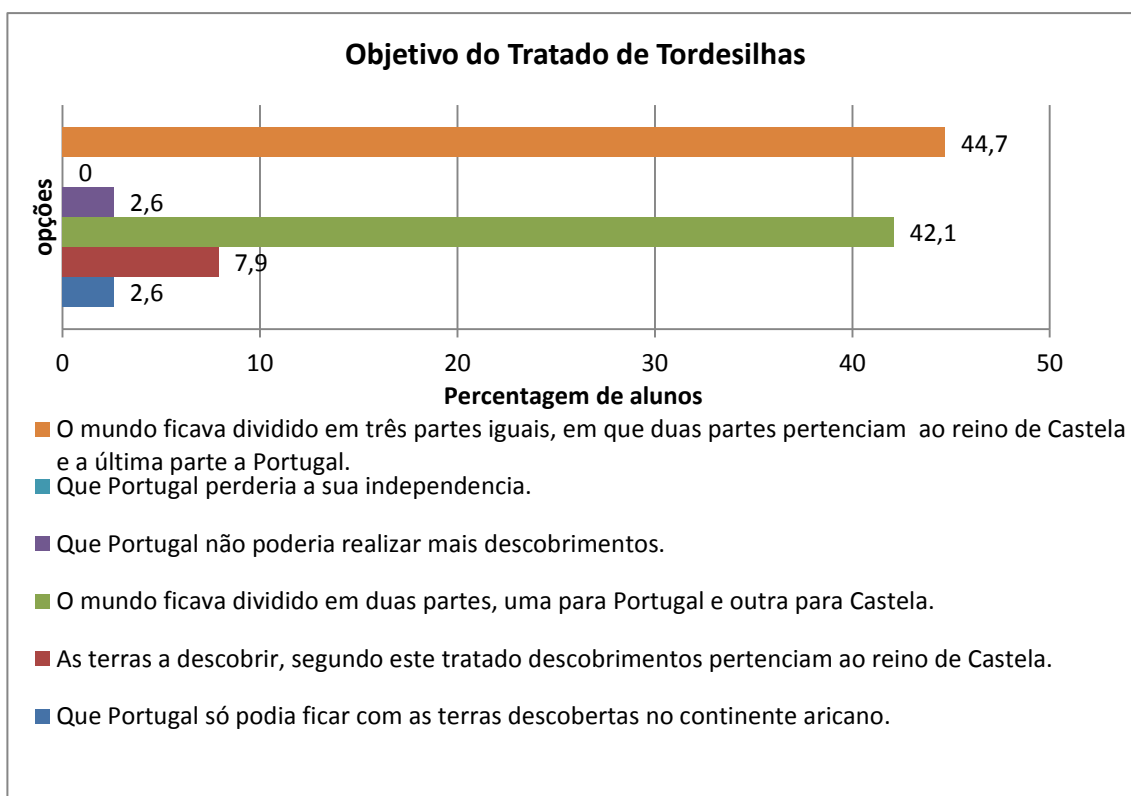
Após a introdução deste tema, é pedido aos alunos que escolham a data em que foi assinado este documento entre várias datas, umas muito próximas da atualidade e outras muito anteriores à data correta. A resposta dos alunos recai em parte sobre a data acertada, 1494, o que de facto revela conhecimento sobre o assunto. Ainda, nesta questão foi possível verificar ao contrário das outras, uma grande abstenção o que se pode verificar no quadro seguinte.

Gráfico 10- Data em que foi assinado o Tratado de Tordesilhas.



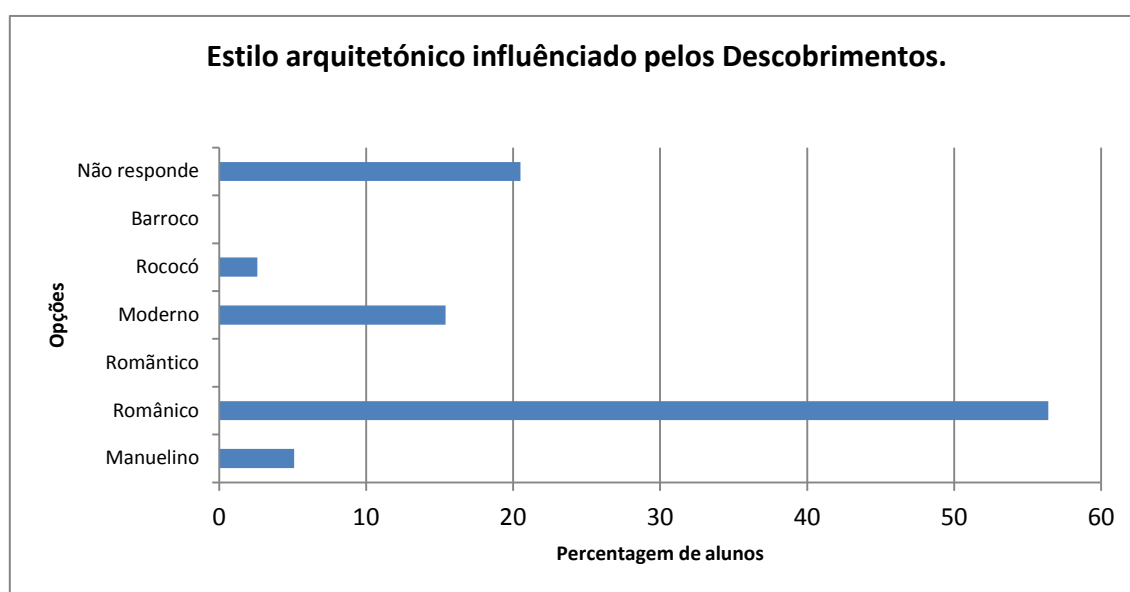
Para sujeitar os alunos a um aprofundamento do mesmo conteúdo, é perguntado o objetivo do tratado e o que este definia. Mais uma vez e como acontece em todo o inquérito, os alunos têm várias respostas à escolha. Entre as várias opções, os alunos, na sua maioria, escolhem duas muito similares, o que demonstra um desconhecimento e alguma confusão, quando a resposta correta é a segunda opção mais escolhida. Pois o mundo ficou dividido em duas partes, uma para Portugal e outra para Castela. Os resultados são visíveis no seguinte quadro.

Gráfico 9- Objetivo do Tratado de Tordesilhas.



De seguida, os inquiridos foram questionados acerca do estilo arquitetónico da época. Neste campo, o desconhecimento é muito e previsível, sendo este um tópico pouco abordado e de modo geral de pouco agrado dos alunos. Neste sentido, os alunos optaram na sua maioria pelo Românico. Esta resposta é associada ao estilo anteriormente dado e logo o mais conhecido por eles. Vários alunos acharam por bem não responder, o que se verificou no questionário.

Gráfico 11- Estilo arquitetónico influenciado pelos Descobrimentos.



À semelhança da análise do gráfico anterior, quando os alunos são questionados acerca das personalidades que fizeram parte da Expansão Marítima, estes respondem em grande maioria Camões, o que não está errado, muito pelo contrário, tendo em conta as outras opções mais escolhidas pelos alunos. Houve alguma preferência pelas personalidades mais conhecidas em geral, como é o caso do Fernando Pessoa, uma personalidade do século XX, Eça de Queirós e Miguel Torga. Ainda assim, notou-se que alguns alunos preferem não responder, podendo mostrar que não possuem conhecimentos sobre as personalidades apresentadas nas opções.

Quanto mais aprofundado se torna o inquérito, mais os alunos se demonstram pouco à vontade com o mesmo, o que é bastante natural. Quando é referido o tópico dos

bálsamos, unguentos, especiarias, entre outras, alguns dos alunos mais uma vez preferem não responder, dando a entender que não têm conhecimentos suficientes para optar por uma resposta. Já os que arriscam ou têm a certeza de uma resposta optam por afirmar que as drogas, especiarias, são utilizados em remédios caseiros e populares, não associando a utilização os mesmos à conservação de alimentos, perfumaria, entre outros.

Quando abordado o campo das especiarias, os alunos têm respostas bastante idênticas, indicando a canela, açafrão-da-Índia, sal e noz-moscada, não se situando muito longe da realidade, as respostas revelam conhecimentos ou sorte.

Na questão seguinte, em que é perguntado quem foi a personagem que descobriu o Brasil, os alunos dividiram-se entre duas personalidades, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral, sendo possível verificar que houve bastante confusão quanto a este pormenor. Aqui também é necessário compreender que vários alunos em outros anos letivos apresentam a mesma dúvida.

Para finalizar o inquérito, foi feita uma questão de modo a enquadrar o período com o respetivo reinado. Não foram muitos os alunos a identificarem corretamente o rei, D. João I. Nesta situação, foi visível alguma confusão já que a opção mais escolhida foi, D. Manuel I. Os alunos podem ter ligado o estilo arquitetónico com o reinado que estava em vigor aquando do início dos Descobrimentos.

Nesta síntese de resultados, foi possível verificar que as respostas dos alunos, diferem consoante a temática e o sexo. De facto, estes fatores influenciaram certas respostas. Além disso, este questionário permitiu entender e verificar quais as temáticas que suscitam mais problemas, dúvidas e menos conhecimentos. Todos estes elementos são importantes para perceber como os alunos encaram este tema e as suas implicações. A partir destes resultados, é possível trabalhar e construir materiais, que ajudem a esclarecer, melhorar e diversificar a aprendizagem dos alunos de modo a torná-la numa aprendizagem efetiva que fique na memória por todos os bons aspetos que pode conter, não sendo esquecida pouco tempo após a sua aprendizagem.

Como forma de simplificar, foram escolhidos e transformados em gráficos, para este capítulo somente os quadros considerados mais importantes, pois o inquérito era longo. No entanto e como forma de facilitar a compreensão, em caso de necessidade, este está disponibilizado em anexo, com os respectivos quadros de análise estatística de todas as questões do inquérito.

2- Questões sobre a didática da História e Geografia de Portugal

Neste capítulo, vamos fazer uma abordagem à didática, onde mostramos algumas das atitudes que ainda preservam o estilo de ensino atual, as que já são mais raras e as que se deviam adotar, tentando também perceber o longo caminho que a unidade curricular de História percorreu. Este capítulo tem extrema importância, pois aborda uma das questões mais atuais na área da educação e também porque é uma passagem obrigatória para a elaboração do relatório em questão.

A didática é um “campo” importante, especialmente no contexto da educação. Mais do que nunca está presente ou devia estar presente em todos os momentos e aspetos pedagógicos. Ao dizer que a didática é uma arte ³³, pode-se afirmar que a arte não é algo prescrito e predefinido, logo, também a forma de ensinar um ou mais alunos e a “arte” de ensinar, não o é. Esta tem um papel importante, no decorrer de uma aula e como é levada a cabo pelo respetivo docente.

Esta “arte” tem uma grande importância, numa época de grande desenvolvimento, pois também representa desenvolvimento no sistema educativo, na mentalidade dos docentes e na aprendizagem dos alunos. Esta importância deve-se ao facto de a didática trazer uma componente de grande ajuda à compreensão, não só da disciplina de História, mas de todas as outras unidades curriculares e da vida prática ³⁴. A forma como determinado conteúdo é lecionado pode levar a uma boa ou má aprendizagem por parte dos alunos.

Tendo em conta o tema deste relatório e o assunto que estamos a abordar neste capítulo, achei necessário fazer uma pequena reflexão acerca da relação existente entre a História Erudita e a História ensinada nas escolas. Apesar de terem ambas o mesmo nome, “História”, são diferentes. De facto, uma é a chamada erudita, ou seja, a História

³³ COMÉNIUS, João Amós - *Didáctica Magna: Coménio – Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. p. 45.

³⁴ JORN, Russen - *DIDÁTICA DA HISTÓRIA: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão*. Ponta Grossa: Praxis Educativa, vol.1, nº 2, 2006. [Consult. 28 Jun. 2012], p. 3; p. 15. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285>>

dos historiadores a “verdadeira” e esta não pode ser ensinada aos alunos do 1º e 2º ciclos e seguintes estágios do ensino, pois trata-se de uma História complexa, composta por uma linguagem muitas vezes “antiga”, visível nos vários documentos, imagens, textos existentes e ou descritos. Por isso mesmo, é unicamente estudada e entendida pelos historiadores. A História ensinada é a escolha de alguns pontos, considerados os mais importantes da História erudita e tornados ensináveis aos alunos, pelos professores responsáveis pela disciplina ³⁵. É nesta fase que a didática tem o seu relevo e importância, não facilita a aprendizagem da História erudita, mas junta diversos fatores como a faixa etária dos alunos, o seu nível de raciocínio, a sintetização, organização, preparação necessária para tornar a história ensinável de fácil compreensão, adaptando-a aos vários grupos “alvo”.

Como foi referido, a didática adapta à História ensinável e logo deve-se utilizar de forma moderada, tendo em conta todos os fatores, para haver um determinado equilíbrio. Muitas vezes esta realiza-se juntamente com a aglutinação de vários materiais, como imagens, textos adaptados, documentos “reais”, vídeos entre outros materiais didaticamente utilizados, não restringindo a uma lista, pois aqui também se aplica a originalidade e criatividade de quem utiliza a didática como um “ajudante” do ensino/aprendizagem ³⁶.

O professor tem um papel determinante na sala de aula³⁷, na forma como conduz a aula, o interesse dos alunos, a motivação, os temas abordados, os materiais escolhidos e realizados. Sendo o professor, o adulto e o responsável pela gestão pedagógica, deve levar os alunos para um conhecimento eficaz e atrativo. Tais questões inserem-se no âmbito deste relatório em todos os sentidos, ao falarmos da educação, dos conteúdos programáticos abordados, do inquérito aplicado, entre outros aqui assuntos abordados. Estamos a falar dos atos, decisões e instrumentos usados em sala de aula, sendo assim,

³⁵ JORN, Russen - *DIDÁTICA DA HISTÓRIA*, o.c., p. 8.

³⁶ MARQUES, Ramiro - *MUDAR A ESCOLA - NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983. p.23.

³⁷ IGREJA, Manuel de Azevedo Almeida. - *A Educação para a Cidadania nos Manuais Escolares de História e Geografia de Portugal e História*. Braga, 2004. Dissertação de Mestrado. [Consult. 14 Jun. 2012], p. 267. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/951/6/Cap%c3%adtulo%20IV.pdf>>

falamos claramente do comportamento do professor e alunos e tudo está ligado à didática e a tudo o que este conceito envolve. Sendo os alunos o público “alvo” ³⁸, estes devem ser a principal preocupação do docente, pois, ao efetuar uma boa combinação ensino/aprendizagem, estão-se a abrir portas ao futuro dos alunos, ajudando-os a compreender o que já aconteceu na História, para perceberem a atualidade e o que pode vir a suceder-se com as suas razões. Orientá-los na descoberta das suas raízes e as várias culturas do mundo é o principal ponto no ensino da História, levar os alunos a descobrirem que a História é importante e faz parte do quotidiano ao longo da vida, porque está diretamente relacionada com todas as outras unidades curriculares, apesar da atual distância desta disciplina relativamente ao restante programa curricular.

Falando da atual perceção de História, é importante referirmos como os alunos veem esta unidade curricular e analisar um pouco do percurso da disciplina de História. Existe uma perceção enfadonha que se arrasta durante o tempo de aula, sendo considerada por alguns alunos a disciplina de que menos gostam ³⁹. Mas este carácter advém da forma como esta disciplina é lecionada e como é apresentada aos alunos com os respetivos materiais e documentos.

Como é sabido, os docentes mais “antigos” e de outras gerações tinham e utilizavam por hábito um método mais rígido, baseado numa exposição constante dos conteúdos apresentados nos manuais escolares, sem recurso, na maioria das vezes a mais nenhum elemento ou material. Nesta altura, era costume e os alunos tinham unicamente o dever de ouvir e memorizar o que era exposto e imposto pelo docente ⁴⁰. Esta perceção começou e ainda está a ser mudada aos poucos, mas ainda há muito a fazer. Nas faixas etárias mais novas, os alunos têm dificuldade em perceber o abstrato e os documentos apresentados de forma solta e sem significado não ajudam o aluno a entender um

³⁸ KARNAL, Leandro - *Revista de História: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, p.381-456, 2003. [Consult. 10 Jan. 2013], p. 391. Disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.apeoesp.org.br%2Fd%2Fsistema%2Fpublicacoes%2F152%2Farquivo%2Frevista-de-historia.pdf&ei=OvPvULPICYLKhAfqjICgDA&usg=AFQjCNFIgqi_fSw6UUWLwTejttkx4izLIQ&sig2=jPc-lJt0abl1Oa6rUhb_cA&bvm=bv.1357700187,d.d2k>

³⁹ BARCA, Isabel - *Perspectivas em Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2001. p. 14.

⁴⁰ MARQUES, Ramiro - *MUDAR A ESCOLA*, o.c., p. 23.

determinado momento histórico. É preciso saber jogar com as “cartas” que se tem em cima da mesa. Assim sendo, é preciso aprender a utilizar e escolher os materiais, para que desta forma, a História passe a ser algo credível para o aluno e não distante e esbatido ⁴¹.

Sendo considerado que o elemento crucial da aula é o aluno e este é a personagem principal, os mesmos devem ter um papel ativo e preponderante na construção da sua educação, para assim, poderem dar um valor e um significado à descoberta, criação e ajuda no próprio ensino/aprendizagem ⁴².

Ao considerar as idades dos alunos, e neste caso falamos de alunos entre os 10 e os 12 anos, temos de considerar as suas capacidades e o mundo em que vivem. Ainda é preciso avaliar a adequação da linguagem à faixa etária e desenvolvimento dos alunos ⁴³. Nesta fase, os alunos ainda brincam, gostam do *fantástico*, têm ideias muito próprias e apesar de ainda infantis já têm uma boa capacidade de perceção, que só precisa de ser trabalhada à medida. Numa turma, é preciso ter em grande atenção a faixa etária, pois é necessário adaptar todos os momentos à idade dos alunos, ao nível do ser raciocínio, perceção do abstrato, entre outros pontos, só assim se irá conseguir preparar uma aula boa e completa para que os alunos se sintam capazes de assimilar tudo o que foi dito e queiram aprender mais. No caso das turmas em que este relatório se baseia e mais particularmente da turma em que decorreu a PES II, os documentos, imagens que demonstram o real, o possível, o conhecimento dos modos de vida com demonstrações fiéis chama a atenção dos alunos, pois de certa forma, existe uma possibilidade de comparação com a atualidade ⁴⁴.

O professor, como foi referido, tem um papel importantíssimo na sala de aula. Vai ser o mediador entre o programa e os alunos, entre os materiais apresentados e a forma como os alunos olham para ele, leem e analisam. De facto, se o professor simplesmente exhibir o documento, não está a fazer o seu trabalho como docente, mas sim como

⁴¹ BARCA, Isabel - *Perspectivas em Educação*, o.c., p. 14.

⁴² HENRIQUE, Rodrigues – *Pedagogia e Didática da Montagem Audiovisual*, in *Primeiro Encontro sobre o Ensino da História – “Comunicações”*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.

⁴³ PROENÇA, Maria Candida - *Didática da História: textos complementares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989. p. 287.

⁴⁴ BARCA, Isabel - *Perspectivas em Educação*, o.c., p. 14.

expositor e com o uso de perguntas pré concebidas de modo a verificar o que foi ou não memorizado pelo aluno. Assim, a comunicação tem um papel fundamental, sem esta, não existe aula⁴⁵. Muitas vezes, a falta de comunicação causa o insucesso nesta disciplina.

Como já foi dito, sem comunicação adequada não existe aprendizagem e sem aprendizagem não há sucesso. Pode fazer-se uma comparação com o modo mais antigo de lecionar História, onde o professor tinha como objetivo ensinar datas e factos aos alunos, e estes tinham como único objetivo a sua memorização, sem compreenderem o que estão a fazer nem entender toda a beleza e interesse de uma disciplina tão rica. Este modo de lecionar é um modo expositivo, onde o objetivo é mostrar os conteúdos, de uma forma e com uma linguagem complexa, própria de “adultos” com capacidades e vocabulário suficientes para entenderem o que fora dito. Assim, é fácil entendermos que um aluno do ensino básico, ainda não possui capacidade e vocabulário ou mesmo abstração necessária para perceber o que um professor “expositor” diz e sendo assim, o aluno dedica-se unicamente à memorização dos conteúdos através do manual escolar. É de lembrar, que os manuais escolares, mais antigos, detinham na sua maioria “falhas” que foram apontadas em relação aos docentes.

A falha deste sistema, já abandonado na sua maioria, foram as consequências desta “falta” de comunicação eficiente entre professor e aluno, que na maioria dos casos levava ao abandono do interesse do aluno pela disciplina. Neste caso, não está imposto ser especificamente a disciplina de História e Geografia de Portugal, mas qualquer outra disciplina. Assim, com esta pequena explicação acerca da comunicação, é fácil percebermos a grande importância da forma como o professor estabelece a comunicação com os seus alunos, determinando o sucesso de uma aula⁴⁶.

Tendo em conta tudo o que foi afirmado, parece claro que esta comunicação está diretamente ligada à didática. Pois, de que serviria apresentar grandes materiais, apresentações, tecnologias, entre outros, se não houvesse uma ligação entre estes e o

⁴⁵ PROENÇA, Maria Candida - *Didática da História*, o.c., p. 285.

⁴⁶ RODRIGUES, Henrique - *Didática e Pedagogia do Ensino da História: Um conjunto de experiências*. Viana do Castelo: Policopiado, 1986. p. 5.

aluno? Se não houver a correta ligação entre ambas, não obtemos os resultados desejados e mais uma vez estaríamos a expor, o que está completamente ultrapassado, e não a ensinar corretamente ⁴⁷. Os alunos veriam somente uma série de materiais soltos e mais uma vez cumprir-se-ia um ciclo, onde os alunos perderiam o interesse, motivação e consequentemente o gosto pela unidade curricular.

Tem-se referido com alguma regularidade a motivação e esta pode e deve ser apresentada de vários modos. Entre toda a parafernália de instrumentos possíveis de ser utilizados, existe um pequeno momento da aula, que pode ser ou não a causa do sucesso da aula, é a sua fase inicial, esta deverá ser iniciada com algo motivante. A motivação vai ser um instrumento importantíssimo, pode ser usado de inúmeras maneiras, com recurso as ideias banais e simples, sem necessidade de algo elaborado e demasiado floreado. A forma como o início da aula é conduzida vai resultar no maior interesse dos alunos acerca do tema que vai ser abordado, recapitulado ou continuado.

Entre todos os materiais e instrumentos possíveis de ser utilizados em sala de aula, é preciso evidenciar os mais utilizados e tentar perceber a sua atual utilização e como esta pode ser melhorada. Como principal recurso de sala de aula, temos o manual escolar, este detém a maioria da utilização, por parte dos docentes e consequentemente por parte dos alunos. Assim, é preciso perceber como se pode tirar o melhor proveito do mesmo, não prejudicando a aprendizagem dos alunos. Hoje em dia, é possível encontrar um grande número de manuais escolares à disponibilização das escolas e docentes, de modo a serem avaliados pelos mesmos, escolhendo assim um manual adequado que se aproxime o mais possível das necessidades dos alunos.

Muitas vezes durante este processo, os manuais são escolhidos com base em princípios errados, como o número de imagens, número de atividades, etc..., não olhando devidamente para o contexto todo, avaliando num conjunto as vantagens ou desvantagens que pode trazer ao fator ensino/aprendizagem em sala de aula.

⁴⁷ RODRIGUES, Henrique - *Didática e Pedagogia*, o.c., p. 7.

Para além deste material essencial em sala de aula, atualmente, devemos adicionar a esta “equação”, a restante parafernália de materiais, como os documentos escritos, audiovisuais, imagens, filmes, as TIC (tecnologias da Informação e Comunicação), entre outros ⁴⁸. Estes materiais, todos conjugados de forma astuta e pensando nas capacidades dos alunos, são capazes de tornar uma aula riquíssima, sempre acompanhados pela boa comunicação do professor, para poder transmitir e filtrar o que os alunos necessitam de aprender e está estabelecido pelos objetivos escolares e curriculares ⁴⁹.

De todos os materiais que podem ser referidos aqui, podemos selecionar alguns mais conhecidos e falar da sua abordagem em sala de aula, como é o exemplo das imagens, gravuras, sejam elas atuais ou da época. A imagem é uma ótima adição às aulas de História, pois traz uma certa “dose” de realidade e interesse à aula e aos próprios alunos. Estas devem ser bem escolhidas e devem ter qualidade, para uma melhor visualização e percepção dos pormenores. Estes ao poderem ver estas gravuras podem chegar a ficar fascinados, com o que era vivido, as indumentárias e a cultura da altura. A utilização deste material pode mesmo chegar a ser em várias ocasiões a melhor forma de iniciar algum tema, mesmo utilizando este método como forma de motivação para determinado tema, pois, ao exibir uma imagem original, da época, é possível pedir aos alunos que expliquem o que veem, identificar a época, o que consideram importante e relevante e quais os fatos históricos visíveis com alguma análise, levando estes a raciocinarem sobre o que sabem e se conseguem de alguma forma identificar a época e contexto entre outros aspetos com base neste tipo de documento ⁵⁰.

Este processo também ajuda os alunos a analisar documentos, trabalhando o seu raciocínio, fator que ajuda não só a disciplina em questão mas todas as outras. Outra forma de trabalhar as imagens e gravuras é a exposição do antigo e do atual, comparando

⁴⁸ RODRIGUES, Henrique - *Didática e Pedagogia*, o.c., p. 5.

⁴⁹ RODRIGUES, Henrique - *O Papel Formativo da História*, 1988. p. 7.

⁵⁰ LITZ, Valesco Giordano - *O Uso da Imagem no Ensino da História*. Curitiba:

Universidade Federal do Paraná, 2009. [Consult. 11 Jan. 2013], p.6. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>>

ambas e pedindo aos alunos que identifiquem as diferenças e as causas dessas diferenças, este seria igualmente um exercício a ser aplicado num momento mais avançado da aula e do conteúdo, quando os alunos já detivessem informação suficiente acerca do tema. Este é também um dos materiais mais privilegiados numa faixa etária mais pequena, quando a capacidade de abstração é mais reduzida, para ler outro tipo de materiais e documentos.

Outro material bastante trabalhado na disciplina de História são os documentos. Estes são bastante usados, vistos e refletidos nesta unidade curricular, porque é com eles que conhecemos a “História”. São a origem de tudo o que sabemos e tudo o que resta do nosso passado, sendo também bastante atrativos. Com base na interdisciplinaridade e como é da opinião de diversos autores, uma disciplina não pode ser tratada como algo isolado, porque todas as disciplinas dependem umas das outras em vários aspetos. Com a análise de documentos, parece oportuno salientar a importância da Língua Portuguesa, pois esta favorece a leitura e a sua descrição que consequentemente vai ajudar os alunos na análise de documentos na área de História, dando-lhes as capacidades e ferramentas necessárias para mais facilmente chegarem às conclusões desejadas relativamente a um documento que reflita uma certa data ou momento histórico ⁵¹.

Os documentos, sobretudo se forem da própria época, são uma grande introdução da aula, pois é concreto e não um texto escrito por um determinado autor com conhecimento. Trata-se então de uma prova do que realmente aconteceu, algo que acaba por fascinar os alunos e deixá-los com um grau de interesse e motivação mais elevada. Em contrapartida, é um dos materiais que exige mais tempo em sala de aula e logo deve-se ter um grande cuidado na sua escolha, pois, pode conter demasiada ou pouca informação. Assim, deve ser selecionado de acordo com o conteúdo e o que o docente pretende inserir na aula, podendo o mesmo suprimir partes do documento, evidenciando

⁵¹ BITENCOURT, Circe Maria - *Revista de História: Ensino da História – fundamentos e métodos*, p.13-49, 2005. [Consult. 11 Jan. 2013], p.42. Disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.apeoesp.org.br%2Fd%2Fsistema%2Fpublicacoes%2F152%2Farquivo%2Frevista-de-historia.pdf&ei=OvPvULPICYLKhAqjICgDA&usg=AFQjCNFIgqi_fSw6UUWLwTejttkx4izLIQ&sig2=jPc-lIt0abl1Oa6rUhb_cA&bvm=bv.1357700187,d.d2k>

unicamente a parte mais rica e ao mesmo tempo evitando uma análise exaustiva que pode levar à distração dos alunos com o restante documento ⁵².

Quando se apresenta um documento, deve-se ter em conta o tempo que vai demorar a sua análise, envolvendo toda a turma na mesma, desde a leitura, análise e conclusão. Deve ser analisado minuciosamente e levar os alunos a sua descodificação, com o mínimo de interferência do docente, privilegiando o pensamento crítico e desenvolvimento autónomo dos alunos. De facto, o professor é um mediador e os alunos devem ser as “estrelas” da sala de aula. Estes também são uma ótima forma de inserir a “herança histórica” na mente dos alunos, descobrir documentos em casa, que passaram de geração em geração, levando assim os alunos a uma “caça ao tesouro”, ao falar com os mais velhos da casa, normalmente avós, ou vizinhos mais conhecidos, descobrir o que estes sabem e como podem utilizar esse conhecimento sem sala de aula. É evidente que este último fator aplica-se numa história mais contemporânea e recente, só inserida em determinados anos escolares, mas mesmo assim, ao falar com os pais e restante família, os alunos descobrem o que sabem e como aprenderam e podem levar mesmo ao interesse dos familiares no estudo da História, conseguindo assim um envolvimento fantástico da família na educação e ensino da criança ou jovem.

Os mapas são materiais preponderantes em sala de aula são os mapas e tudo o que esteja relacionado com a cartografia. Estes dão visivelmente uma ótima imagem do desenvolvimento do mundo, cidades, e até mesmo o local de área dos alunos, devemos também referir que vai levar o aluno a perceber melhor o mundo antigo e levá-lo a ter uma maior curiosidade ⁵³.

A junção deste aspeto com o fator cronológico é essencial e deve ser trabalhado constantemente, pois a noção de tempo não é logo adquirida. Na educação atual, é possível utilizar os mesmos mapas e adicionar o fator tecnológico, fazendo animações, utilizando vários mapas, elaborando uma evolução em vídeo, etc..., conseguindo um

⁵² RODRIGUES, Henrique - *Didática e Pedagogia*, o.c., p. 7.

⁵³ PROENÇA, Maria Candida - *Didática da História*, o.c., p.297.

efeito diferente da simples apresentação do mapa em suporte de papel é igualmente importante, especialmente se for um documento já com alguma antiguidade em que a sua visualização e mesmo o toque se torne um fator vantajoso para a aula, pois os alunos durante muito tempo só entendem e privilegiam o que veem e tocam. É por esta razão, que muitas vezes é difícil lecionar a História, visto que tem um grande nível de subjetivismo⁵⁴.

Os suportes audiovisuais são igualmente de extrema importância, mas claro como todos os outros suportes e materiais devem ser escolhidos com cuidado, para não ultrapassar o pretendido. Nas faixas etárias mais pequenas, este tipo de material é muito fácil de usar e torna-se um elemento bastante vantajoso, não só pela sua facilidade de utilização, mas principalmente por facilitar a compreensão dos alunos⁵⁵

Os jogos e narrativas relacionadas com os temas e conteúdos da História são ótimos introdutórios e consolidadores, pois, como já foi referido é preciso chamar a atenção dos alunos e motivá-los para a aprendizagem. Este tipo de suporte e a sua utilização é muito apoiado pelos alunos. Trata-se de algo com mais cor, movimento, envolvimento, dependendo do jogo ou narrativa em questão, pode ser realizado em pequenos grupos ou então envolvendo toda a turma, podendo levar mais facilmente à compreensão da História⁵⁶. No entanto, este tipo de suporte deve ser mais moderado, já que leva a uma maior perda de tempo e grande envolvimento de todas as partes, sempre considerando o tipo de turma e relação que esta mantêm com o docente e entre pares.

Este capítulo torna-se uma grande introdutória à disciplina, ao tema, à questão da didática em sala de aula entre outros. Dá uma grande percepção da dificuldade da leção desta disciplina e em parte de todas as outras. Pretendo assim dar um pequeno entender neste campo, o que na minha opinião é importante para a realização deste relatório e para perceber a fundamentação do meu trabalho.

⁵⁴ RODRIGUES, Henrique - *Didática e Pedagogia*, o.c., p. 9.

⁵⁵ IDEM, p. 5.

⁵⁶ IDEM, IBIDEM.

3- Expansão Quatrocentista

Este relatório é composto por várias vertentes, desde a utilização de um inquérito para recolher informações, a sua análise e tratamento de dados, a análise de manuais, exploração da área da didática, entre outros pontos. Sendo assim, é igualmente importante que seja referido e desenvolvido um capítulo relacionado com o tema, A Expansão Quatrocentista. Este conteúdo foi o escolhido por mim e pelo meu orientador, para em conjunto com os métodos de recolha de dados e a respetiva análise de manuais obter as respostas necessárias para a realização deste relatório.

Como tal, será abordada a temática dos Descobrimentos Portugueses, com base em bibliografia, explicando o que se sucedeu nessa época e a forma como contribuiu para o crescimento de Portugal até aos dias de hoje e as marcas deixadas num país repleto de História ⁵⁷. É necessário explicar que serão abordados unicamente os pontos essenciais para a aprendizagem dos alunos, referente ao quinto ano de escolaridade, não aprofundando em demasia a maioria dos pontos, elaborando um texto claro e conciso de forma a realizar um elemento de referencia para quem o ler.

Para iniciar esta temática, é necessário relembrar que Portugal antes dos Descobrimentos era um reino independente e em paz, mas com menos recursos financeiros, ou seja o ouro, cereais, falta de mão-de-obra, problemas causados pela crise de 1383-1385 ⁵⁸, e por fim o impedimento em alargar fronteiras para territórios castelhanos, após o Tratado de Paz de Segóvia em 1411, assinado com Castela ⁵⁹. Estas foram as principais causas que levaram o país a escolherem outra opção, se não conseguiam avançar por terra tentariam por mar⁶⁰. Ainda é importante referir, mesmo que por curiosidade que o conhecimento das expedições portuguesas são conhecidas na

⁵⁷ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: O Infante D. Henrique e o Início da Globalização*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012, vol. 1. p. 7.

⁵⁸ IDEM, p.18.

⁵⁹ CAPELO, Rui Grilo [et. al] - *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda. e Autores, 1994. p. 58.

⁶⁰ CORTESÃO, Jaime – *Obras Completas 5 - Influência dos Descobrimentos Portugueses na História da Civilização*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993. p. 14.

sua maioria, graças aos relatos e espiões de embaixadores estrangeiros, pois Portugal tinha uma política na época de sigilo nacional, onde grandes marcos históricos não podiam ser narrados pelos cronistas ⁶¹.

Esta opção agradou a todos os grupos sociais: burguesia, nobreza, clero e povo, pois cada grupo iria beneficiar desta expansão ⁶². O primeiro ponto de partida foi Ceuta, em 1415, esta situava-se ao norte de África, e seria uma aquisição de grande importância uma vez que na altura era onde se efetuava todas as trocas comerciais, como escravos, ouro, especiarias, entre outros produtos ⁶³.

É pertinente entender que esta expansão não foi unicamente benéfica para Portugal, mas sim para o restante mundo, pois, até ao século XV os conceitos geográficos eram bastante reduzidos pelos europeus. Além disso, as comunicações entre os continentes eram poucas e dificilmente realizáveis, o que tornava complicado a transmissão de informações e dados mais atualizados ⁶⁴.

Até esta altura, o medo e o receio pelo que supostamente existia pelo mundo fora dominava muitas pessoas, desde o mar “tenebroso” aos seres monstruosos que viviam nesses mares e que engoliam os barcos e os navegadores. Mas, apesar disto tudo, a curiosidade era muito maior e a descoberta de novas terras levou a que se iniciasse a Expansão Marítima. Mas durante os séculos XV e XVI, conseguiu-se vencer o medo do desconhecido e dissipada a ideia de que não era possível navegar o mar para além das reduzidas fronteiras estabelecidas anteriormente ⁶⁵.

Uma das maiores figuras deste momento histórico foi o infante D. Henrique, coube a este homem, conhecido pela sua aparência robusta, a árdua tarefa de planear e

⁶¹ LEITE, Duarte – História dos Descobrimentos. Lisboa: Colectânea de esparsos organizada por V. Magalhães Godinho, 1960. p. 14.

⁶² CORTESÃO, Jaime – Obras Completas 2 – Os Descobrimentos Portugueses – II. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1990. p. 243.

⁶³ CORTESÃO, Jaime – Obras Completas 5 - Influência dos Descobrimentos, o.c., p. 14.

⁶⁴ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: O Infante D. Henrique e o Início da Globalização*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012, vol. 1. p. 13.

⁶⁵ CARDIM, Pedro - *Grande História Universal: A Época dos Descobrimentos*. Alfragide: Ediclube, 2006, vol. 12. p. 173.

organizar as viagens rumo aos descobrimentos, durante os reinados de D. João I, D. Duarte e parte do reinado de D. Afonso V. Este, pouco tempo após a conquista de Ceuta, foi nomeado mestre da Ordem de Cristo, em 1420, cuja ordem foi importante nos apoios dados as ações do infante. Este homem marcou a sua época pela modernidade trazida, graças ao incentivo para avançar com os descobrimentos, a sua imagem ficou tão marcada que até foi criado o mito de que teria criado a escola náutica de Sagres, onde teria ensinado aos nautas a arte de navegar, juntamente com um grupo de sábios nesta matéria ⁶⁶. Este morreu em 1460, após os seus navegadores já terem chegado à Serra Leoa.

Após a conquista de Ceuta, é necessário estabelecer uma cronologia das várias descobertas até à morte do infante D. Henrique. Em 1419 são redescobertas as ilhas de Porto Santo e da Madeira por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. Alguns anos depois, em 1427, é descoberto o arquipélago dos Açores. Já em 1434, é feita por Gil Eanes, a passagem do Cabo Bojador que era o limite do conhecimento do litoral de África e que para além deste limite existia o chamado mar “tenebroso”, repleto de grandes monstros marinhos e para além do qual seria impossível navegar. Este traz simbolicamente as “rosas de Santa Maria” das terras desérticas, como prova de ter passado aquele grande obstáculo ⁶⁷.

Seguindo a cronologia, em 1436, a chegada à Pedra da Galé e ao Rio do Ouro é feita por Afonso Baldaia. Por esta altura, acaba a primeira fase dos descobrimentos Henriquinos, sendo que é considerado que a segunda fase ocorre entre 1441 e 1446. Esta é iniciada pela chegada ao Golfo de Arguim, em 1443 por Nuno Tristão.

É importante referir que ainda neste ano de 1443 o infante D. Henrique muda-se para o Algarve para aí controlar e melhorar as atividades marítimas. É devido a esta mudança e referindo o que foi dito anteriormente que surge o mito da escola náutica de Sagres.

⁶⁶ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos*, o.c., p. 23.

⁶⁷ IDEM, p. 77.

Pouco depois da descoberta do Golfo de Arguim, sensivelmente entre 1446 e 1455 não existe provas de quaisquer descobertas. É então, que começa a terceira e última fase dos descobrimentos Henriquinos, é em 1456 que possivelmente se descobre o arquipélago de Cabo Verde por Diogo Gomes e Cadamosto, no entanto existe outros nomes propostos por Damião Peres, António de Nola e Vicente Dias, que também poderão ter descoberto Cabo Verde⁶⁸. Por fim, em 1460, Pedro de Sintra chega à Serra Leoa e como já foi referido, morre o infante ⁶⁹.

Seguindo a ordem de capítulos estabelecidos pelos diversos manuais escolares, é feita uma paragem na cronologia de descobrimentos e referida a importância das técnicas de navegação, mostrando a sua evolução e os vários objetos utilizados para a orientação em alto mar.

Uma das mais importantes inovações está relacionada com as embarcações. Foram a razão de várias tentativas falhadas nos descobrimentos, pois as embarcações mais utilizadas eram a barca, barinel e galé. Estas eram mais pequenas e frágeis e não conseguiam levar os navegadores a alto mar, andando somente junto à costa, o que levantava vários problemas, como o encontro com baixios de areia, o problema em atravessar correntes e os ventos contrários. É importante referir que foi com uma barca que o Gil Eanes passou o Cabo Bojador e sendo nela que trouxe para o infante D. Henrique as chamadas Rosas de Santa Maria. Também foi considerada a melhor embarcação para este achado ⁷⁰.

Apesar do referido, as dificuldades em alcançar outros objetivos levaram os marinheiros a concluir que tinham de mudar de embarcações e assim passaram a utilizar a caravela. Esta foi utilizada para as restantes explorações da Costa Africana, após a passagem do Cabo Bojador, pois era um navio mais versátil que tanto navegava perto das

⁶⁸ PERES, Damião – História dos Descobrimentos Portugueses. Porto: Portucalense, 1943. p. 24

⁶⁹ CAPELO, Rui Grilo [et. al] - *História de Portugal*, o.c., p. 71.

⁷⁰ Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Navios e navegações: Portugal e o Mar. *Oceanos*, 1999, (Número 38), 103-110. p. 102.

baías e rios, era ligeiro e veloz com capacidade para bolinar, ou seja, velejar a contra vento⁷¹.

A evolução dos descobrimentos fez com que houvesse necessidade de evoluir igualmente na embarcação utilizada e assim a par dos aperfeiçoamentos náuticos surge a caravela, esta vem substituir a nau e o barinel, ficando conhecida como o navio dos Descobrimentos.

A caravela já existia desde o século XIII, mas estas eram mais pequenas e destinadas à pesca e dirigidas por poucos marinheiros. Mas a caravela dos descobrimentos era uma embarcação maior, com um casco mais largo, composta por dois ou três mastros com velas triangulares, este ultimo aspeto é que levava ao bolinar, como foi acima referido⁷².

Além da embarcação, os marinheiros e navegadores tinham de utilizar instrumentos para se orientarem em alto mar, como é o caso dos astros, mais concretamente a estrela polar e o sol. Outros instrumentos eram o astrolábio, agulhas de marear, quadrante, a balestilha e as cartas náuticas. Cada um deles teve um papel importante na descoberta de novas terras e povos.

As agulhas de marear são as chamadas bússolas, geralmente compostas por uma agulha magnetizada que marca constantemente o norte, sobreposta a uma rosa dos ventos de 32 rumos. Estas, na carta de marear chegavam se fosse para navegar em mar mediterrâneo. No entanto, quando se começou a navegar em direção ao oceano atlântico, as condições eram diferentes, mais perigosas, logo eram necessários instrumentos adequados e melhorados⁷³. Estes instrumentos já eram utilizados pelos chineses desde a Idade Média, entrando na Europa Ocidental em meados de quatrocentos⁷⁴. Como curiosidade, é sabido que Cristóvão Colombo e a sua tripulação

⁷¹ MARTINS, Adolfo Silveira - *A Arqueologia Naval Portuguesa (Séculos XIII a XVI)*. Tese de Doutoramento, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, 2001. Dissertação de Doutoramento. p. 181.

⁷² MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão Portuguesa: A Expansão Quatrocentista*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, vol. 3. p. 176.

⁷³ CORTESÃO, Jaime – *Obras Completas 5 - Influência dos Descobrimentos*, o.c., p. 43-44.

⁷⁴ MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão*, o.c., p.187.

levavam um género de vara de ferro, que utilizavam para manter sempre magnetizada a bússola⁷⁵.

Outro instrumento utilizado a bordo e que tinha como objetivo determinar a altura do sol no meridiano ou a estrela polar é o astrolábio, que se tratava de um objeto pesado⁷⁶. Este objeto permitia calcular a latitude e a sua utilização era complicada e com cálculos complexos. Foi com o uso deste instrumento que os marinheiros progrediam durante os descobrimentos pelo Atlântico, Índico e Pacífico.

O seguinte instrumento, o quadrante, era outro dos instrumentos mais utilizados. Era semelhante ao astrolábio e tinha o mesmo objetivo, calcular a altura do sol. Era fabricado em madeira ou em metal, com a forma de um quarto de círculo⁷⁷.

A balestilha foi outro objeto muito utilizado na época das descobertas, normalmente construído em madeira, era composto por duas peças que servia igualmente para medir os astros. Todos estes objetos mencionados tinham o propósito de medir a altura dos astros de modo a que se conseguisse navegar o mais corretamente possível.

Era necessário ter em atenção o balancear do navio, o que dificultava a tarefa de medir a altura do astros, pois com o balanço era muito provável haver erros, como tal os marinheiros tentavam sempre que possível, fazer as medições em terra de forma a aumentar o rigor dos cálculos⁷⁸.

Por fim, e não menos importante, temos as cartas náuticas que eram o principal instrumento de navegação. Inicialmente, eram chamadas de cartas-portulano ou simplesmente portulano e apareceram em meados do século XIII. Para começar, estas tinham de conter dois elementos de igual importância, a *Rosa dos Ventos*, que deveria conter os pontos cardeais (Norte, Sul, Este e Oeste), e os pontos intermédios (quartas,

⁷⁵ MARTINS, Adolfo Silveira - *A Arqueologia Naval*, o.c., p. 252.

⁷⁶ MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão*, o.c., p. 192.

⁷⁷ IDEM, IBIDEM.

⁷⁸ REINEL, Carta de Jorge, c. 1540 - *A Astronomia Náutica e os Descobrimientos Portugueses: Viagem de Bartolomeu Dias*, Lisboa: Planetário Calouste Gulbenkian, 1998. p.17.

meia quartas e quartos) e o outro elemento era a escala de *tronco*, uma escala desenhada e dividida em partes, com dez léguas, cada uma ⁷⁹.

Para além de conter os principais rumos a seguir, também continham linhas de costa e profundidades, a existência de obstáculos, correntes e todo o tipo de objetos que pudessem apoiar a navegação mais junto à costa. Também podiam conter informação de índole política e comercial, para além dos aspetos geográficos. Com o passar do tempo, pode-se dizer que se chegou a uma carta náutica comum a todos e com os Descobrimentos Portugueses já adicionados ⁸⁰.

Neste instrumento, os marinheiros para cartear o navio deviam primeiro ter a noção da sua posição e do que já tinha navegado, para poder estimar a distância e poder marcar a sua posição com os compassos, assim o marinheiro punha uma das pontas do compasso do local de partida e a outra ponta no local onde supostamente estaria. Estas estavam em constante mudança e logo era frequente a realização de novas cartas náuticas, à medida que se tinha conhecimentos mais exatos da localização das novas terras e todos os outros pontos de paragem, com o passar do tempo iam-se corrigindo os vários erros com base na utilização cada vez mais exata dos vários instrumentos astronómicos ⁸¹.

Por fim, ainda havia a existência de mapas *mundi* que tentavam reproduzir o mundo como era entendido na época ⁸².

Retornando à cronologia, depois da descoberta de Serra Leoa e morte do infante D. Henrique em 1460, os descobrimentos são assumidos por D. Afonso V, mas este tinha maior interesse pelas conquistas a norte de África e assim, conquista Alcácer Ceguer, Arzila e Tânger. Como tal delega ao burguês Fernão Gomes, um grande comerciante de Lisboa, de continuar as descobertas na costa africana, por um período de 6 anos, em

⁷⁹ MARTINS, Adolfo Silveira - *A Arqueologia Naval*, o.c., pp. 255-256.

⁸⁰ MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão*, o.c., p. 188.

⁸¹ MARTINS, Adolfo Silveira - *A Arqueologia Naval*, o.c., p. 256.

⁸² MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão*, o.c., p. 188.

troca de determinados direitos comerciais naquela área⁸³. Ao comando deste comerciante foi então descoberta a costa entre Serra Leoa e o Cabo de Sta. Catarina em 1474⁸⁴.

Após Fernão Gomes ter largado as descobertas, em 1474, é o príncipe D. João (futuro D. João II), filho de D. Afonso V assumir este cargo. Este tinha como intento atingir a Índia, por mar, e vai ser o responsável por uma grande parte deste projeto. Aqui se começa a desenvolver uma nova fase na História dos descobrimentos, com o intuito de chegar à “terra das especiarias”.

Este processo dos descobrimentos só é realmente retomado quando em 1481, D. João II sobe ao trono, mas inicialmente este opta por seguir as opções henriquinas e continua as descobertas na Costa Africana⁸⁵. Assim, Diogo Cão alcança a foz do rio Zaire e em 1488, Bartolomeu Dias dobra o cabo da Boa Esperança, passando assim pela primeira vez do Oceano Atlântico para o Oceano Índico. No entanto, entre 1489 e 1492 não foram feitas iniciativas para avançar nos descobrimentos.

A ambição de D. João II não era seguir as opções henriquinas mas sim chegar à Índia por mar, pois assim, os portugueses passavam a dominar o grande comércio das especiarias. Mas o rei D. João não era o único interessado nesta descoberta mas também o rei de Castela, Fernando II de Aragão, assim sendo, também mantinha atividades e expedições variadas.

No ano de 1492, Cristóvão Colombo, comandado pelo rei de Castela, tinha chegado às ilhas Antilhas, da América Central, mas este pensou ter chegado à Índia e na volta passa por Lisboa e dá a notícia ao rei D. João II. Como já foi referido, o maior interesse do rei de Portugal era chegar à Índia e como não podia deixar que Castela ficasse com este trunfo, comunica com Castela que todas as terras situadas a sul das ilhas

⁸³ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: D. João II e os Rumos da Expansão*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012, vol. 2. p. 8.

⁸⁴ IDEM, p. 33.

⁸⁵ IDEM, IBIDEM.

das Canárias lhe pertenciam, segundo o que tinha ficado decidido no Tratado de Alcáçovas-Toledo.

A partir deste momento, é começado um conflito entre Portugal e Castela. Mais uma vez o desacordo entre os dois reinos só é resolvido com um novo tratado, o Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494. Este estabelecia que o mundo como conhecido ficava dividido em duas partes, através do qual Portugal detinha as terras descobertas a oriente, e Espanha com as terras descobertas a ocidente. Esta divisão estava marcada por um meridiano que se situava a 370 léguas a ocidente de Cabo Verde⁸⁶.

Depois de acabado o conflito com Castela e complexas negociações, ficou aberta a descoberta do caminho marítimo para a Índia. No entanto, em 1491, tinha falecido o príncipe herdeiro D. Afonso e como o rei D. João II não tinha mais herdeiros legítimos, sucedeu ao trono D. Manuel I. Este manteve desde o início a política das descobertas e assim nomeia o nobre Vasco da Gama capitão-mor⁸⁷.

Esta armada sai em Julho de 1497 e chega à Índia em Maio de 1498 a Calecut. Constituída por duas naus, S. Gabriel e S. Rafael, uma caravela chamada Bérrio e uma última nau que levava mantimentos. Esta viagem que, entre a partida e o regresso, durou cerca de dois anos, foi possível mostrar os vários conhecimentos marítimos já adquiridos pelos portugueses.

Por fim, foi realizado um projeto longo e moroso e ficou assim aberto o caminho para a Índia e os produtos que desta chegavam, as especiarias, puderam ser transportadas e enviadas sem intermediários, podendo estes produtos desenvolver a experiência portuguesa e o seu conhecimento⁸⁸. A partir deste momento e em tempo record o número de embarcações duplicou com o objetivo de trazer para Lisboa as

⁸⁶ IDEM, pp. 121-123.

⁸⁷ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: A Abertura do Caminho Marítimo para a Índia*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012, vol. 3. p. 20.

⁸⁸ VEIGA, Carlos, WLADIMIRO, Victor – Portugal e o Mundo nos Séc. XV e XVI. Lisboa: E. Santos, 1983. p. 17-18.

especiarias da Índia⁸⁹. A conquista definitiva só foi feita em 1500, com a ida de outra armada comandada por Vasco da Gama, para assim garantir o domínio português

Mas este não foi o fim das descobertas, no mesmo ano foi enviada uma outra armada, comandada por Pedro Álvares Cabral, com rumo a ocidente, com o objetivo de descobrir o Brasil ⁹⁰. Este foi considerado pelo rei o elemento ideal e com as qualidades essenciais para desempenhar esta tarefa árdua⁹¹.

Inicialmente, Pedro Álvares Cabral deu o nome de Terras de Vera Cruz, sendo alterado para Brasil mais tarde, depois da descoberta da existência de uma grande quantidade de pau-brasil ⁹².

Com estas grandes descobertas, os portugueses criaram a chamada “Carreira da Índia”, que ligava Lisboa e a Índia, assim todos os anos partiam de Portugal várias armadas com destino ao oriente, pois era necessário manter e desenvolver este novo espaço económico⁹³.

É necessário entender que neste tipo de viagens a tripulação era composta por muitos mais tripulantes no momento da partida do que o número de tripulantes que chegava ao fim de meses ou anos. De facto, era comum a existência de várias doenças como o escorbuto, que era causada pela falta de alimentos frescos na dieta dos tripulantes ⁹⁴.

A dieta é um assunto delicado pois nestas viagens a alimentação era baseada em biscoito e água⁹⁵. Este biscoito era feito à base de trigo e cozido duas vezes para se puder conservar por mais tempo, já que os alimentos frescos que levavam, normalmente

⁸⁹ MARQUES, A. H. de Oliveira, Serrão, Joel – *Nova História da Expansão*, o.c., p. 43.

⁹⁰ CAPELO, Rui Grilo [et. al] - *História de Portugal*, o.c., p. 83.

⁹¹ MARQUES, A. H. de Oliveira, Serrão, Joel – *Nova História da Expansão Portuguesa – O Império Luso-Brasileiro 1500-1620*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992, vol. VI. p. 22.

⁹² MATTOSO, José – *História de Portugal: No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. Vol. III. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. p.48.

⁹³ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: O Mais Longínquo Oriente*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012, vol. 8. p. 7.

⁹⁴ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos*, o.c., p. 13.

⁹⁵ IDEM, p. 12.

duravam pouco tempo. A carne que era levada tinha de ser salgada para se aguentar bastante tempo e o peixe era igualmente salgado. Mesmo assim, a principal falha permanecia nos vegetais e frutas⁹⁶.

Seguindo os diversos conteúdos abordados no manual e após terem desenvolvidas as principais descobertas dos portugueses é desenvolvido o descobrimento, a caracterização e o povoamento das ilhas, o arquipélago da Madeira e o arquipélago dos Açores.

Assim, o arquipélago da Madeira situa-se no Oceano Atlântico a sudoeste de Portugal e é composto pelas ilhas da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens, sendo que as últimas não são habitadas. Tem uma origem vulcânica e é composto por vários relevos, sendo a ilha da Madeira muito acidentada. Este arquipélago tem de forma geral um clima temperado e devido a estas condições climatéricas a vegetação é rica e muito variada, tanto que tem a famosa floresta Laurissilva, por ser muito densa. É importante referir que esta floresta foi considerada Património da Humanidade em 1999.

Voltando aos factos históricos, é necessário relembrar que quando este arquipélago foi reencontrado em 1419, encontrava-se deserto e desabitado. Sendo assim, o infante D. Henrique prosseguiu de imediato com a sua colonização para poder aproveitar os seus recursos. Para seguir com o seu objetivo, o infante dividiu as ilhas em capitánias e entregou estas a “capitães-donatários”, estes tinham vários poderes, como a administração judicial, fiscal e civil, sendo que eram o poder máximo no seu território⁹⁷.

O arquipélago dos Açores, descoberto em 1427, é composto por nove ilhas, que formam três grandes grupos, o grupo oriental, o grupo central e o grupo ocidental. Situa-se no centro do oceano Atlântico, entre a Europa e a América do Norte.

Em comparação com o arquipélago da Madeira, os Açores têm um relevo semelhante, montanhoso e de origem vulcânica e constituída por grandes lagoas e ribeiras. A nível climatérico, os Açores têm um clima temperado sem grandes variações

⁹⁶ MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão*, o.c., p. 146.

⁹⁷ REIS, António Matos - *Entre o sucesso e a desgraça: Pedro do Campo Tourinho, fundador de Porto Seguro*. Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho, 2000. p. 18.

com chuvas frequentes durante todo o ano. É na ilha do Pico que se situa o ponto mais alto de Portugal.

A colonização deste arquipélago foi feita de forma semelhante à Madeira, pois era igualmente desabitado quando os portugueses lá chegaram. Assim, mais uma vez o infante D. Henrique dividiu o arquipélago em capitanias, para retirar o maior proveito das ilhas.

Continuando o seguimento dos vários manuais escolares, após de toda a explicação do desenvolvimento dos descobrimentos feitos por Portugal, é dado um realce à parte mais económica, desde o comércio, diversidade cultural, e os vários domínios espalhados pelo mundo.

Começando pelos territórios africanos e ao contrário das dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, a Costa Africana já era povoada e logo não foi povoada nem dividida em capitanias, o comércio foi iniciado logo à chegada dos primeiros mercadores. O comércio era muito importante pois tratava-se de um continente com muitas riquezas, como o ouro, marfim, especiarias como a malagueta e ainda o comércio de escravos. Eram o ouro e as especiarias que traziam a maior riqueza aos cofres do Estado ⁹⁸.

Assim, foram criadas as feitorias que eram locais de comércio dirigidos por funcionários do rei, os feitores. Uma das feitorias mais importantes era a feitoria da Mina, que em 1482 controlaria o comércio do golfo da Guiné.

Já na Ásia, os produtos mais apreciados eram as especiarias, especialmente na Índia, a canela, pimenta, cravinho, noz-moscada entre muitas outras especiarias. No Japão e na China o mais atrativo eram as pedras preciosas e a produção de sedas e porcelanas. As especiarias, para além do ouro que resultava da exploração das terras africanas, eram um motor igualmente importante para a economia portuguesa ⁹⁹.

⁹⁸ GODINHO, Vitorino Barbosa de Magalhães - *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa: Editorial Presença, 1987, vol. 1. p. 49.

⁹⁹ IDEM, IBIDEM.

Alguns nomes ficaram muito conhecidos nesta altura, é o caso de D. Francisco de Almeida e D. Afonso de Albuquerque, governadores com títulos de vice-reis que tinham a função de governar as terras do oriente em nome do rei. Pois, como era o caso da Índia, que ficava a uma longa distância e era impossível ao rei que estava em Portugal exercer o seu poder diretamente.

Em 1510, foi conquistada Goa, que passou a ser a sede do governo português na Índia e poucos anos depois, em 1511, D. Afonso de Albuquerque conquista a Malaca e em 1515, Ormuz¹⁰⁰.

A partir destes feitos, a continuada conquista e expansão do comércio chegou ao Extremo Oriente, mais concretamente à China, Japão e Timor, sendo que em 1543, os portugueses atingiram o Japão.

Para além da falada carreira da Índia que era feita várias vezes para abastecer de mercadorias na Índia, foi criado em Lisboa a Casa da Índia. Esta era um monopólio do comércio dos produtos orientais e nesta casa eram organizadas as várias viagens da Rota do Cabo, eram adquiridos os produtos que as armadas precisavam de levar nas embarcações nas viagens e a venda de produtos vindos do oriente.

De terras de Vera Cruz, mais tarde designada de Brasil, vinham os animais exóticos e o pau-brasil, este era muito estimado na Europa, pela sua qualidade e a sua função em tinturaria, mais tarde foi iniciado no Brasil o cultivo da cana-de-açúcar. A colonização do Brasil decorreu de forma semelhante à dos arquipélagos da Madeira e Açores, ou seja, em capitânias.

O cristianismo sempre teve um grande peso ao longo dos séculos, no mundo inteiro. A época dos Descobrimentos não foi diferente, logo este é um ponto de grande importância, especialmente para os portugueses, pois a visão cristã do mundo deu bases

¹⁰⁰ GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: O Mais Longínquo Oriente*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012d, vol. 8. p. 7.

poderosas para validar a guerra contra os «infiéis», justificando assim diversos atos e até barbaridades contra diversas populações¹⁰¹.

Um dos principais objetivos da conquista de uma nova terra já habitada é a conversão para o cristianismo. Assim, colonos, mercadores e missionários fixavam-se nas várias terras, em grande parte de África, o cristianismo foi bem aceite e no oriente também, mas só pela população mais desfavorecida, pois na restante população os muçulmanos influenciavam a religião escolhida¹⁰². Ainda assim, tornou-se um meio de comunicação importante, pois em certos aspetos interligava-se com outras culturas, especialmente na relação entre a “Terra e o Céu, o Profano e o Sagrado, o Homem e a Divindade, a vida terrestre e a vida para além da morte.”¹⁰³.

Um dos missionários mais conhecidos da época foi S. Francisco Xavier e teve uma função extremamente importante na fixação dos Portugueses no Japão.

¹⁰¹ BETHENCOURT, Francisco in, *História da Expansão Portuguesa – Formação do Império (1415-1570)*. Vol. 1. s.l. Círculo de Leitores, 1998. p. 369.

¹⁰² SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal: Século de Ouro (1495 - 1580)*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1978, vol. III. p. 147.

¹⁰³ BETHENCOURT, Francisco in, *História da Expansão Portuguesa – Formação do Império*, o.c., p.369.

4- Análise de dois manuais

O capítulo que se segue é um ponto essencial na realização deste relatório, pois trata da análise de manuais, para tal é preciso entender o que são os manuais, para que servem, como são utilizados e escolhidos pelas escolas. Só assim, é possível entender o seu fundamento e prosseguir para a avaliação de dois manuais que estavam em vigor no ano letivo de 2011/2012, altura da realização deste relatório e consequente recolha de dados.

Os manuais são um instrumento pedagógico, usados pelos docentes, para orientar as suas aulas, tornando-as mais eficientes para o processo ensino/aprendizagem. Este é realizado com base no programa nacional de cada unidade curricular, que já apresenta um combinado de propostas para acompanhar cada conteúdo programático.

Quando falamos de manuais, estamos a falar de um conjunto de informações coletadas por pessoas reconhecidas no país e pelo Ministério da Educação. Esta equipa agarra nos conteúdos já selecionados, que os alunos devem reter e transformam-nos num texto cuidadosamente escrito e formulado para a faixa etária em questão, acompanhado de um conjunto de materiais, como documentos, imagens, jogos, questões, mapas entre outros, de forma a serem um consolidador dos conteúdos apresentados e um meio de ajudar a elucidar os alunos quanto aos vários temas¹⁰⁴. Após este processo, a escola em conjunto com o agrupamento tenta selecionar o que melhor se adequa à escola, turmas e alunos.

Este material adquire um fator importante, pois desde sempre se tornou a base de trabalho dos docentes e alunos em todo o sistema educativo.

Atualmente, os manuais escolares são considerados pela maioria da comunidade escolar como o único meio de lecionar, o único recurso, uma espécie de Bíblia, pela qual os alunos e professores se regem. Este, pelo seu uso, acaba por ser referenciado como se

¹⁰⁴ DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO - *Adoção de Manuais Escolares*. Lisboa. [Consult. 20 nov. 2012]
Disponível em: <<http://www.dgidc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=63>>

do programa se tratasse, sendo um género de mediador entre o programa e o professor. Nesta época, ainda é possível ver docentes demasiado ligados ao manual e este está de tal forma inserido no dia-a-dia dos professores que muitas não veem alternativa ao seu uso¹⁰⁵.

Apesar da conotação deste material, esta não é a melhor utilização a fazer-se, pois limita o processo de ensino que os professores fazem e limita principalmente o processo de aprendizagem por parte dos alunos, esta consequência deve-se ao facto de este material ser considerado um facilitismo, especialmente para os docentes, mas que acaba por afetar os alunos¹⁰⁶. O manual deveria ser considerado como sendo “mais” um material disponível a ser utilizado e não o único¹⁰⁷. As entidades reconhecidas pelo seu fornecimento e docentes deveriam estar mais aptos e recetíveis a um leque maior de materiais. A grande revolução a nível escolar e de educação sucedeu-se após o 25 de abril, em 1974, pois passou a haver mais liberdade por parte das editoras e os manuais passaram a ser escolhidos pelos docentes e pelas escolas, este fator veio alterar profundamente o estilo de ensino, mas esta melhoria com o passar dos anos deixou de satisfazer as necessidades dos alunos¹⁰⁸. Contrariamente aos últimos anos, atualmente, os manuais terem vindo acompanhados de *cd's room's* ou *pen's drivers* com diversos jogos, questões, vídeos, cadernos de atividades, de jogos, de colagens, montagens, entre outros produtos, devemos ter em conta que isto não chega¹⁰⁹. Estamos num mundo em constante mudança e como tal as nossas práticas também devem mudar e não ficarem estagnadas no tempo.

¹⁰⁵ PEREIRA, Ana Bela - *Manuais escolares: estatuto e funções*. Revista Lusófona de Educação, 2010. [Consult. 15 nov. 2012], p. 191. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n15/n15a14.pdf>>

¹⁰⁶ CABRAL, Marianela - *Como Analisar Manuais Escolares*. Lisboa: Texto Editores, 2005. p. 45.

¹⁰⁷ VISEU, Floriano; MORGADO, José Carlos - *Manuais Escolares e Desprofissionalização Docente: um estudo de caso com professores de Matemática*, 2011. [Consult. 10 mar. 2012], p. 994. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15860/1/Manuais%20escolares%20e%20desprofissionaliza%C3%A7%C3%A3o%20docente.pdf>>

¹⁰⁸ MOREIRA, Darlinda; PONTE, João Pedro; PIRES, Manuel Vara; TEIXEIRA, Paula - *Manuais escolares: Um ponto de situação (Texto de apoio ao Grupo de Discussão - Manuais Escolares)*. Actas do XV Encontro de Investigação em Educação Matemática, 2006. [Consult. 13 nov. 2012], p. 2. Disponível em: <http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/manuais_%20GDiscussao_publicacoes.pdf>

¹⁰⁹ VISEU, Floriano; MORGADO, José Carlos - *Manuais Escolares*, o.c., p. 994.

Estamos perante um novo mundo, multicultural, onde nos envolvemos com diferentes culturas, pessoas, tecnologias que evoluem a cada hora que passa e como tal, essa mudança também ocorre na escola e com os nossos jovens, especialmente com eles, pois crescem e necessitam de acompanhar estas evoluções constantes. Como tal, temos alunos cada vez mais exigentes com o sistema educativo e consequentemente com os próprios professores e restantes envolvidos no sistema educativo. Há mais alunos que sabem que precisam de “mais” e “melhor”, porque as suas mentes não estão formatadas para simplesmente receber, reter e acatar ordens, conteúdos sem uma brecha para discussão, desenvolvimento e criticismo. Igualmente os próprios educadores não devem baixar a “fasquia” mas sim elevá-la a novos níveis, sempre atendendo às necessidades e à turma que está em causa.

Esta pequena reflexão tem como função fazer entender que os manuais não são o único serviço à disposição e mesmo que seja, existem formas de contornar este problema, só é necessário em primeiro lugar motivação, criatividade e interesse, especialmente por parte dos docentes. Estes são a imagem que sobressai na aula a figura de uma certa autoridade e como tal têm o dever de incentivar, criar e motivar novas oportunidades para os respetivos alunos.

Neste novo mundo, temos à disposição uma parafernália de documentos, vídeos, imagens, filmes, conteúdos diversos que por mais simples e quotidianos que podem ser transformados em poderosos utensílios em sala de aula. Até um simples recorte de jornal ou notícia pode ser a base de uma aula, desde que seja relacionado com o conteúdo. No caso da disciplina de História, podemos dar um bom exemplo da atual crise e compará-la com as mais antigas e verificar pontos em comum.

Além deste pequeno exemplo, podemos criar vários momentos na sala de aula excelentes para desenvolver a mente dos alunos e abrir alas a novos conceitos, torna-los mais críticos, facilitando a aprendizagem destes e não esperando que eles tenham como função memorizar e declamar os diversos conteúdos apresentados tirando o maior

proveito possível do manual. O objetivo dos manuais escolares é mais do que transmitir conhecimentos e conteúdos, é também desenvolver competências, atitudes e valores¹¹⁰.

Neste sentido e com base no tema do relatório, foi considerado necessário por mim e pelo respetivo orientador, fazer uma análise de alguns manuais, tendo em conta o tempo disponível e a grande variedade de manuais à disposição no respetivo ano letivo. Foram selecionados dois, para proceder à respetiva avaliação. Neste sentido, a avaliação destes foi feita unicamente a um conteúdo em particular, a Expansão Quatrocentista, avaliando assim a mancha gráfica, disposição dos documentos, frequência dos mesmos, utilização da didática em todos os sentidos, entre muitos outros aspetos.

Entre vários manuais obtidos, optou-se pela escolha de apenas dois, devido à possível extensão do trabalho e limites a respeitar. Sendo assim, foram selecionados o manual 1 e o manual 2 utilizou-se uma grelha de avaliação adaptada, como foi referido anteriormente. Esta grelha é apresentada de seguida já preenchida com os resultados obtidos da avaliação dos respetivos manuais, seguindo-se um texto explicativo e pormenorizado acerca de cada aspeto da avaliação.

Para iniciar esta avaliação foi utilizada a respetiva grelha, que é baseada na de Marianela Cabral ¹¹¹, ligeiramente alterada, pois foi sentida a necessidade de adicionar mais aspetos a avaliar, para ter uma análise eficiente.

¹¹⁰ VISEU, Floriano; MORGADO, José Carlos - *Manuais Escolares*, o.c., p. 3180.

¹¹¹ CABRAL, Marianela - *Como Analisar Manuais*, o.c., p. 152.

Tabela elaborada para proceder à avaliação dos manuais:

ESTRUTURA/ORGANIZAÇÃO			CONTEÚDOS ANALISADOS	
			Portugal nos séculos XV e XVI	
			MANUAL 1	MANUAL 2
N.º DE PÁGINAS			30	26
PÁGINA INTRODUTÓRIA COM OBJETIVOS			Não	Sim
N.º DE TEMAS			6	2
SOLUÇÕES			Não	Sim
AUTO-AVALIAÇÃO			Não	Não
PROJETOS/INVESTIGAÇÃO			1	0
TIPOLOGIA DA INFORMAÇÃO	TEXTOS	Documentos autênticos	18	17
		Textos explicativos	Sim	Sim
		Fontes atuais	9	6
		Localização dos documentos	Preferencialmente centrais	Preferencialmente centrais
		Destaque visual dos documentos	Em média 1 por página	Em média 1 por página
TIPOLOGIA DE ATIVIDADES E QUESTÕES	Pistas de trabalho e/ou investigação		1	Não
	Perguntas que exigem respostas factuais		Sim	Sim
	Propõe atividades relacionadas com as outras disciplinas		Sim	Não
	Completação (esquemas/textos/documentos)		Unicamente no caderno de atividades.	Unicamente no caderno de atividades.
	Perguntas de interpretação de textos		Sim	Sim
	Perguntas de análise e/ou síntese		Sim	Poucas
	Jogos e outras atividades lúdicas		1	0
TIPOLOGIA DE ILUSTRAÇÕES	Fotografias		10	12
	Esquemas		1	2
	Gráficos		1	0
	Mapas		14	15
	Ilustrações		3	10
	Espaço dedicado às imagens		Metade da página em média está dedicada às imagens e outros documentos	1/3 das páginas estão dedicadas às imagens e outros documentos
	Localização das imagens		Preferencialmente centrais	Preferencialmente centrais

Como é possível verificar, não foi feita uma avaliação totalmente qualitativa, pois nem todos os aspetos podem ser avaliados de forma qualitativa. Além disso, outras tornavam-se muito exaustivas ou obtinha-se números muito grandes quando se fizesse uma contabilização.

Numa primeira parte de avaliação, é referido o número de páginas, observando que entre os dois manuais não há muita diferença, logo não é um dado muito importante nesta avaliação. A seguir, verifica-se se o manual tem ou não uma página introdutória com os objetivos, e de facto ambos seguem esta diretória. Neste aspeto, talvez seja importante valorizar o aparecimento desta página, pois pode ajudar os alunos e o professor a sintetizar de alguma forma o que vai ser dado, é também uma forma de os alunos olharem para esta página nas aulas seguintes e lembrarem o que já foi dado, o que estão a aprender e os conteúdos que ainda vão conhecer.

Quanto ao número de temas, os dois manuais apresentam uma grande diferença. Enquanto o manual 1 apresenta 6 temas, o manual 2 apresenta dois grandes temas. Neste aspeto, provavelmente o manual 1 está mais bem dividido, pois uma maior separação de temas pode ajudar os alunos a identificar os vários conteúdos mais facilmente.

Relativamente às soluções presentes no manual, o manual 1 não apresenta soluções, ao contrário do manual 2, mas este pormenor pode ser valorizado, pois se o manual não apresenta soluções, os alunos não vão ter a curiosidade de ver as respostas e serão obrigados a ler os documentos e texto para conseguirem responder às questões do manual.

Além disso, nenhum dos manuais apresentados, dá um lugar de destaque à autoavaliação, mas esse poderá ser um aspeto facilmente contornado pelo docente da disciplina, dedicando algum tempo a esta questão se sentir que é necessário.

A questão seguinte é a presença ou não de projetos de investigação. Em relação a este ponto, o manual 1 apresenta um projeto sem grande complexidade, onde é sugerido aos alunos que investiguem os nomes das ruas e largos com nomes de navegadores e ou

terras descobertas durante a expansão, receitas com ingredientes e plantas de outros continentes, que vejam filmes e leiam livros relativos a este assunto, para que no fim consigam elaborar biografias e molduras para servir de base a este tema expondo o resultado final nos vários espaços da escola. Este é um ponto importante para despertar a curiosidade e motivar os alunos para o conteúdo.

De seguida, é referida a tipologia dos vários tipos de textos presentes no manual. Relativamente a este aspeto não é apresentada grande diferença entre os manuais. De facto, ambos apresentam documentos autênticos com uma diferença mínima de um documento. Ambos têm textos explicativos, mas em relação a este ponto, o manual 1 apresenta um tipo de texto explicativo mais claro, simples e mais adequado aos alunos, sem linguagem pesada, o que torna este manual melhor em relação ao outro.

Ambos utilizam fontes atuais, apesar de o manual 1 apresentar mais três fontes. Este aspeto está mais presente quando é abordado o tema dos recursos naturais, povoamento e atividades económicas da Madeira e dos Açores. Quanto à localização dos documentos, ambos os manuais tentam de uma forma geral colocá-los mais ao centro, evitando os cantos ou a parte mais interior do manual, onde ficam menos visíveis. Por fim e mais uma vez, ambos os manuais não ultrapassam a utilização de um único documento por página, o que é importante para não saturar os alunos com muita informação. É bom referir que estes documentos estão interligados às imagens também presentes na página.

Quanto às tipologias de atividades e questões, o manual 1 apresenta mais variedade e logo fica mais completo. Em relação às pistas de trabalho ou investigação, o manual 1 sugere um exercício relacionado, ao contrário do manual 2. Ambos têm perguntas que exigem respostas factuais. De seguida, um aspeto bastante importante em termos de didática e educação nos dias de hoje, é a interdisciplinaridade. O manual 1 faz referência a todas as outras disciplinas e como estas se podem relacionar com a disciplina e o tema em questão, como por exemplo: leitura de textos e realização de biografias em Língua Portuguesa; estudo das diferentes formas geométricas em Matemática; estudo de plantas e animais de outros continentes em Ciências da Natureza, audição de canções relacionadas com o tema em Educação Musical; ensaio de danças africanas, brasileiras e

orientais em Educação Física, entre outros exemplos de atividades para as restantes disciplinas.

Quando se refere as atividades de completção de textos e esquemas, estes só existem no caderno de atividades em ambos os manuais, nos quais, existem o mesmo número de perguntas de interpretação e análise de textos. Por último, é referida a existência de jogos e outras atividades. Neste caso, o manual 1 apresenta um jogo, tipo da glória, no final deste tema, já o manual 2, apresenta vários jogos mas no caderno de atividades.

A última parte da tabela de avaliação é dedicada à tipologia de ilustrações, onde à primeira vista não existem grandes diferenças. No entanto o manual 1 apresenta um gráfico, que pode ser um ótimo exercício para os alunos desenvolverem outras capacidades adquiridas em outras disciplinas. Por fim, há uma diferença na leitura de resultados ou outros dados. Quanto às ilustrações, é evidente notar pela grelha que o manual 2 lhes dá bastante importância. Já o manual 1 dá relevância à utilização dos documentos autênticos e fotografias com qualidade e numa dimensão apropriada para uma boa leitura.

Assim, justifica-se a diferença no espaço relativo às imagens, vendo que o manual 1 dedica metade da página a documentos e imagens, já o manual 2 lhe confere uma parte menor, com imagens de pequenas dimensões, diminuindo a possibilidade de uma boa leitura. A posição destas nos dois manuais é preferencialmente central.

Para finalizar esta avaliação, o manual 1 apresenta um tipo de documento que não está presente na grelha de avaliação, a banda desenhada. Esta aparece no início do capítulo de forma a contextualizar e a motivar os alunos. Com uma ilustração muito boa e pormenores importantes bem destacados, como o uso da caravela, vestuário e instrumentos de orientação. A conversa apresentada também dá boas indicações do que se fazia nesta época e como as pessoas se comportavam, com base num texto claro e conciso. É também necessário considerar algumas questões de interpretação da banda desenhada de forma a contribuir para uma melhor análise dos alunos e orientá-los para o desenvolvimento do tema. Assim sendo, uma banda desenhada não vai ajudar os alunos

se esta for somente lida e deixada de lado. A interpretação é importante, todos os aspetos presentes na banda desenhada são importantes, logo é necessário dispensar algum tempo a analisar algo diferente e que entusiasme os alunos.

CAPÍTULO 5 – EXEMPLO DE UMA AULA

Neste capítulo é mostrado um exemplo de uma aula. Esta é desenhada para um bloco de uma hora e trinta minutos, onde é possível verificar a existência de uma estrutura de planificação bastante comum e que pode ser adaptada a outra e/ou como o docente desejar. Ainda é importante referir que esta aula é semelhante à apresentada no capítulo 2, ponto 4, referente à aula de História escolhida. Utiliza-se esta pelo facto de já ter sido criada conforme a ideologia apresentada neste trabalho.

Os conteúdos e objetivos estão de acordo com o Currículo Nacional e com um manual escolhido para o propósito. Na descrição da aula e atividades, existe um discurso claro e conciso, onde é possível entender o seguimento da aula e todos os materiais utilizados e como vão ser utilizados.

A coluna referente aos materiais e avaliação está dispersa consoante o momento da aula, mas todos os objetivos podem ser aplicados a toda a aula e não em específico a um momento.

Este é somente um exemplo escrito e sem apresentação de materiais. No entanto, estão pensados e dispostos na planificação segundo as ideias e objetivos pretendidos ao longo do relatório, podendo ser materializados posteriormente.

Agrupamento de Escolas: X				
Escola: X				
Plano de Aula				
Período: X	Ano: 5º	Dia da semana: X	Data: X	
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal		Tempo: Um bloco de 1 hora e 30 minutos		
Temas/Tópicos/Conteúdos	Competências/Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
<p>Tema – Do século XIII à União Ibérica e Restauração (séc. XVII)</p> <p>Subtema: Portugal nos séculos XV e XVI.</p> <p>3.1 A expansão marítima portuguesa;</p> <p>3.2 Técnicas de Navegação.</p>	<p>- Conhecer diferentes tipos de informação;</p> <p>- formular hipóteses simples;</p>	<p>Depois da chegada à sala, os alunos procedem à correção dos trabalhos de casa e ou outras atividades propostas, da aula anterior.</p> <p>Segue-se a exploração de uma imagem do manual, que será exposta em grande plano, a partir do projetor multimédia, para que estes identifiquem e descrevam as várias situações, de forma a formular pequenas hipóteses dos acontecimentos seguintes.</p> <p>A seguir é abordado a questão do tempo e espaço situando os acontecimentos em relação à matéria</p>	<p>-Manual, quadro, ou quadro interativo, retroprojetor, material de escrita;</p>	<p>- Observação centrada na utilização de diferentes instrumentos de trabalho e análise dos mesmos;</p>

	<ul style="list-style-type: none"> - identificar o início da expansão portuguesa; - compreensão das lendas associadas às viagens; <p>-compreender as mudanças provocadas pelas descobertas.</p>	<p>dada anteriormente. Assim pretende-se obter uma boa contextualização para poder prosseguir com os conteúdos seguintes.</p> <p>Os alunos podem responder a algumas questões introdutórias, que na sua grande maioria aparecem nos manuais.</p> <p>O tema da expansão marítima, mais concretamente de Portugal à Serra Leoa será feito com base em <i>Power Point</i> realizado pelo docente. Este pode ser acompanhado por outro material didático que oferecido aos docentes com os manuais no início do ano letivo, como <i>Power Points</i> que apresentam muitas vezes sons, pequenos jogos, etc..</p> <p>O Power Point, realizado pelo docente, poderá ter documentos extras como mapas necessários para a melhor compreensão dos alunos.</p> <p>Por fim, poderá ser abordado na aula as técnicas de navegação, utilizando um <i>Power Point</i> e as diversas imagens alusivas ao conteúdo no manual.</p>	<p>Imagem;</p> <p>Manual;</p> <p><i>Power Point</i>;</p> <p>Computador;</p> <p>Projeto;</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Observação da capacidade de intervenção; - Observação das respostas dadas às diversas perguntas; - Participação;
--	---	---	---	--

	<p>-análise e tratamento de diferentes tipos de informação.</p>	<p>Por fim os alunos podem responder às questões finais, que normalmente surgem no fim de quase todos os conteúdos dos manuais.</p> <p>No final da aula os alunos podem proceder à escrita do sumário, em forma de síntese da aula, servindo para relembrar e criar um momento de comunicação entre docente e a turma.</p> <p>Caso haja tempo, o professor pode acrescentar um material à aula, e reproduzir uma música relacionada com o tema, explorando o significado desta no contexto do tema.</p>		<p>- Interesse.</p>
--	---	---	--	---------------------

CAPÍTULO 6 – CONCLUSÃO

1- Principais conclusões da investigação:

Este estudo tinha como objetivo tentar compreender quais as principais dificuldades que os alunos sentem em determinado conteúdo da disciplina de HGP. Após essa compreensão, trabalhou-se no sentido de facilitar a aprendizagem dos alunos. Com a pesquisa e leitura de bibliografia adequada foi feita uma aprendizagem por parte da autora deste estudo e de todos que o lerem na íntegra, com o objetivo de estar preparada e ter uma maior capacidade de ensinar determinado conteúdo. No entanto, este tipo de estudo pode-se aplicar a vários campos da educação, como se aplica também às várias unidades curriculares, que é o mais importante, pois apesar de se dedicar unicamente a uma pequena amostra de todos os conteúdos de HGP, as ferramentas e base deste estudo podem ser aplicado às restantes disciplinas.

Na fase inicial da pesquisa, aquando da aplicação do inquérito, pode-se afirmar que os alunos demonstraram os seus gostos, especialmente pela época referente ao 25 de abril. Relativamente à Expansão Marítima, os alunos explicitaram as suas dificuldades nas várias respostas dadas e analisadas. No entanto, foi possível verificar o esforço em responder de forma acertada, em alguns casos.

Durante esta investigação, o capítulo que aborda o campo da didática demonstra o quanto é importante estudá-la. Referi-la nesta investigação é um auxiliar precioso, para entender e concretizar o principal objetivo da investigação, elaborar uma aula que preencha todos os requisitos de uma aula interessante, didática, lúdica, entre outros. Quando este capítulo é lido e entendido, torna-se mais fácil perceber a ligação com o ponto 4, a análise de manuais, do capítulo 4. Pois, verifica-se que não é preciso trocar de manual, para se proceder a uma boa aula, mas pode-se juntar vários manuais ou o próprio docente tem que fazer uma pesquisa de forma a completar o manual que foi escolhido pelo agrupamento, tornar o tema mais adequado à faixa etária, às dificuldades dos alunos, aos interesses da turma, entre outros aspetos.

Numa fase final, pode-se concluir que é uma investigação bem sucedida, no entanto um pouco incompleta devido a vários fatores que vão ser abordados na reflexão final e reflexão global. Pode-se ainda deixar uma antevisão de algumas questões que poderiam ser respondidas com uma investigação mais profunda e completa, como por exemplo:

- a) A utilização da didática foi adequada?
- b) Os alunos demonstraram interesse pelo conteúdo, após a reformulação deste segundo a investigação?
- c) Nos inquéritos realizados durante e após uma intervenção, verificou-se uma evolução na aprendizagem dos alunos?
- d) Tornou-se a intervenção um sucesso e um exemplo a seguir?
- e) Que aspetos ainda podem ser alterados, para melhorar?

2-Reflexão final

Ao chegar ao fim deste estudo, pode-se referir que foi de encontro ao previsto, pois apesar de alguns percalços pelo caminho, os objetivos principais foram atingidos e encontram-se refletidos ao longo do trabalho. Ao fim de meses de trabalho e ao chegar ao fim deste caminho, é possível afirmar que tudo o que foi conseguido e que se encontra concentrado neste relatório final de estágio, feito com gosto, dedicação e bastante empenho. Além disso, permitiu entrar num campo da educação onde foram avaliados os conhecimentos dos alunos e trabalhar a partir desse mesmo conhecimento, com um objetivo principal, melhorar as suas aprendizagens.

A metodologia adotada foi adequada. De facto, levou a uma recolha de informação e tratamento da mesma de forma organizada, indo ao encontro das principais questões orientadoras para este estudo.

No entanto, como em qualquer estudo, houve alguns aspetos que poderiam ter sido melhorados, para aperfeiçoar o presente trabalho. Um dos principais obstáculos foi a

limitação do tempo com a amostra do trabalho, sendo metade desta, a mesma com a qual me encontrava a estagiar.

Na minha opinião, preferia um contato mais longo, como por exemplo, com a duração de um ano, assim era possível fazer um estudo mais profundo e complexo, avaliando todos os aspetos. Outra vantagem de fazer um estudo mais prolongado é a possível realização das atividades planeadas e discutidas neste estudo, para avaliar mais concretamente o seu sucesso, tal como a realização de um segundo e talvez um terceiro questionário para uma conclusão de todo o processo.

Nesta investigação, outros aspetos podem ser referidos, como a forma de conselhos para investigações futuras, semelhantes ou uma futura continuidade deste mesmo estudo. Num primeiro momento, seria aconselhado ter uma amostra maior, pois facilitaria uma generalização do problema e consequentemente possibilitaria respostas mais abrangentes e acertadas para responder ao problema.

Como já foi referido, o tempo seria um fator crucial para realizar um estudo completo. Ainda dentro da questão temporal, é necessário referir que também possibilitaria a realização de pelo menos mais um questionário aos alunos, dando uma melhor perspetiva do progresso do estudo e no fim seria possível obter conclusões mais concretas.

A didática é um campo muito vasto, logo neste seguimento de ideias, o capítulo a ela dedicada teria de ser mais aprofundado, de forma a acompanhar o aprofundamento do trabalho que se pretendia. Esta observação também é válida para os restantes capítulos.

Quanto à análise dos manuais, seria interessante fazer uma análise na íntegra e não apenas de um capítulo ou momento histórico, pois assim seria possível ter uma visão global do manual. Se possível, na minha opinião, um estudo com os objetivos representados seria mais completo se todos os manuais existentes no respetivo ano letivo fossem analisados.

Quanto à planificação de uma aula, esta por si só não sugere muito. Mas caso o estudo, o tempo e os restantes intervenientes o permitissem, seria de grande importância criar um conjunto de aulas para o bloco escolhido, do manual, sendo que,

para o estudo ser completo deveria ser realizado um conjunto de planificações que abrangesse o manual inteiro. Assim seria criado uma espécie de livro didático, de onde os vários docentes pudessem retirar ideias, formar as suas próprias opiniões e por fim que olhasse para o estudo em questão teria uma visão global sobre uma disciplina cuja ideia poderia e deveria ser aplicada às restantes áreas do ensino.

Para finalizar este seguimento de ideias, uma verdadeira aplicação das ideias e das planificações seria o ideal para concluir o trabalho. Pois, seria com esta aplicação que tudo seria posto em prática e assim seria verificado o seu sucesso ou insucesso, podendo tudo ser refletido nas conclusões finais.

Em jeito de conclusão, estas ideias transmitidas refletem os vários obstáculos encontrados para realizar um trabalho mais adequado, mas que não impede que a ideia esteja bem justificada e explicada. Os últimos pontos também servem de advertência aos que lerem este estudo, aos que pretendem fazer algo semelhante, pois estão presentes nesta reflexão as ideias de como fazer um trabalho com maior qualidade.

PARTE III – REFLEXÃO GLOBAL

Reflexão Global

“A Escola deixará de ser talvez, tal como nós a compreendemos, com estrados, bancos, carteiras: será, talvez, um teatro, uma biblioteca, um museu, uma conversa.”

León Tolstoi

Durante os dois últimos semestres do ano letivo de 2011/2012, tive a oportunidade de contactar diretamente com dois contextos educativos com características e realidades muito díspares. Desta forma, a Prática de Ensino Supervisionada (PES) foi fundamental para o percurso académico, pelos seguintes fatores: ter alcançado um conhecimento autêntico e profundo dos contextos educativos sobre os quais a minha formação superior incide (1º e 2º Ciclos do Ensino Básico); planificar os vários processos de intervenção; aplicar diversos conhecimentos teóricos e didáticos das distintas áreas e domínios de aprendizagem; tentar solucionar os vários problemas que surgiram durante toda a prática educativa, de forma a incentivar os alunos a continuar sem obstáculos.

Para além destes aspetos, o programa de PES identifica outras componentes essenciais a adquirir para a prática docente e pessoal, são referidas diversas capacidades como: refletir, avaliar e analisar de forma crítica as nossas próprias ações de modo a melhorar as intervenções futuras. Este último aspeto é complicado, pois não é um processo natural em todas as pessoas e logo exige bastante trabalho.

Esta componente da formação leva a uma consciencialização do que é preciso para se ser um bom professor, e tudo o que está envolvido, pois trata-se de uma posição de extrema importância para os alunos, sociedade e futuro. Mas como tudo na vida, este também é um processo em constante mudança e logo, todos os docentes precisam de estar atualizados e conscientes que as práticas muitas vezes deixam de ser válidas ao fim de algum tempo. Por isso, é necessário um constante estudo e atualização das práticas docentes, com base nas diversas formações disponíveis e oferecidas pelo estado, estudo pessoal, e também pela originalidade que muitas vezes leva a novas práticas. Tudo isto, anteriormente dito, eleva o docente ao máximo, como professor e responsável pela educação de várias crianças. Mas como é óbvio, esta mudança na educação, que já surgiu

há algum tempo, não acontece de um dia para o outro e trata-se sempre de um problema a nível nacional, logo é um processo gradual¹¹².

Resumindo, de forma geral, o início da PES I, decorrida em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico (numa sala de 2º ano), foi um misto de emoções, começando pelo nervosismo por estar pela primeira vez sozinha em frente de uma turma, pela responsabilidade imposta a qualquer docente em lecionar, pela extrema vontade aplicar tudo o que foi aprendido nos anos anteriores e por fim pela excitação de me integrar num papel que já há muito desejava. Todos estes fatores foram amenizados com o passar do tempo, surgindo assim, um à vontade com a turma e uma vontade maior em lecionar e aprender ao mesmo tempo com os erros cometidos.

Quando a primeira etapa terminou e outra começou num contexto diferente, é importante realçar que novos métodos, novas aprendizagens, novo contexto educativo, levam a mudar o ritmo de trabalho que se adquiriu durante os últimos meses e a repensar tudo o que ficou para trás. Pois, apesar de o 2º CEB ser em determinados aspetos semelhante ao 1º CEB, estamos num ambiente mais formal de leção. Pois, os alunos já são mais velhos, têm uma personalidade mais evidente, têm diversos professores e diversas disciplinas e ao contrário do primeiro estágio perde-se o fator mais “maternal” e acolhedor.

Ambos os ciclos apresentam um programa curricular, que mesmo sendo predefinido, dá oportunidade de uma variedade de técnicas e métodos de ensino e diferentes atividades, dando liberdade para o docente desenvolver a sua prática pedagógica, desde que sejam respeitados os diversos conteúdos¹¹³.

Apesar de referir que a nível curricular não há uma grande diferença, é importante indicar que já a transição de um ciclo para o outro não é tão simples e é também alvo de grandes preocupações pelos pais e professores. A passagem de um contexto para o outro pode causar na vida das crianças efeitos muito negativos a nível emocional, cognitivo e

¹¹² SOUSA, Ana de; PATO, Aureliana; CANAVILHAS, Conceição – Novas Estratégias - Novos Recursos no Ensino da História. Rio Tinto: Edições ASA, 1993. p. 19.

¹¹³ MINISTÉRIO da Educação - *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. M.E./DEB – NEPE. ed. 5ª. Lisboa, 2006. pp. 17-18.

afetivo. De facto, é a passagem para o desconhecido e tem de haver alguma delicadeza ao tratar o assunto, fazendo com que os alunos não sejam prejudicados. Como já foi referido, as diferenças entre os dois ciclos situam-se na mudança de contexto, corpo docente e práticas pedagógicas. Estes fatores podem levar o aluno a sentir-se inseguro, ansioso, mais excluído e como consequência mais grave, pode levar ao insucesso escolar¹¹⁴.

Como estagiária, não senti este problema associado ao 1º CEB porque se tratava de uma turma de 2º ano que já estava completamente adaptada e consciente. Já no 2º CEB, a prática pedagógica foi realizada com uma turma do 5º ano de escolaridade e apesar de ter iniciado esta etapa em meados de fevereiro, foi possível verificar alguns comportamentos associados à mudança de ciclo. Alguns alunos ainda tinham comportamentos idênticos e outros demonstravam ainda não estarem completamente adaptados à nova turma e colegas.

As práticas pedagógicas não se devem centrar unicamente nos conhecimentos, aptidões e valores atribuídos, mas devem dar igual valor aos fatores sociais, atitudes e comportamentos dos alunos, pois antes de serem alunos, são crianças ou jovens, e tudo o que se sucede em casa, no seio familiar, ou até com os colegas fora da escola pode levar a criança a ter uma imagem mais negativa da escola ou até a rejeitá-la, como um modo de escapatória. Com base neste pressuposto e durante toda a prática realizou-se um trabalho em conjunto com os professores da turma e com o par de estágio, no sentido de dar mais confiança aos alunos e mais à vontade para se expressarem. Assim, tentávamos demonstrar que a aprendizagem não é um percurso solitário mas que faz parte de uma comunidade com vários envolventes, desde os colegas, aos professores, a família e por fim e não menos importante o próprio aluno. Neste conjunto deve haver ajuda e confiança de forma mútua.

A preocupação com a aprendizagem feita pelo aluno realça a problemática dos modelos pedagógicos adotados pelos docentes, sendo este um fator decisivo entre o sucesso e o insucesso dos alunos. O modelo curricular é encarado como um orientador

¹¹⁴ ABRANTES, Pedro - *As Transições entre Ciclos de Ensino: Entre Problema Social e Objecto Sociológico*, 2005. [Consult. 17 de jan. em 2013], p. 28. Disponível em: <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/185/1/A2.pdf>>

para pensar, avaliar, estruturar e planejar, pondo assim em prática o processo de ensino, sendo que, o educador(a) tem de estar diretamente ligado juntamente com o seu conhecimento, trabalhando sempre para uma evolução ¹¹⁵. É de realçar que mesmo o método transmissivo é importante em determinadas alturas e deve ser usado de forma moderada, mas mesmo utilizando este procedimento, deve haver uma preocupação em transmiti-lo de forma motivadora, participativa e segura, recorrendo sempre que possível aos vários recursos disponíveis, atenuando assim a vertente mais maçadora e menos participativa do método.

Foi com esta preocupação e esta problemática que me deparei, tanto na PES I como na PES II, tentando sempre adotar uma posição mais motivadora para os alunos, fazendo-os participar, não os deixando esquecidos e à espera de uma participação.

Foi neste momento crucial que a planificação teve a sua importância, pois teve um papel fundamental na orientação e escolha mais pertinente das metodologias de trabalho, visando sempre a participação dos alunos em todos os momentos.

A utilização deste tipo de pedagogia, na minha opinião, também ajuda a relembrar e ensinar os diversos valores aos alunos, desde a aprenderem a serem independentes, autónomos e principalmente ensinando-os a viver em democracia, deixando-os expressar-se, mas ao mesmo tempo ensinando-lhes os limites dessa mesma liberdade. Pois, as crianças não são seres vazios e têm uma grande capacidade de aprendizagem e diversas competências e como tal, também têm direito a participar na sua própria aprendizagem e a sugerir o que acham melhor para elas.

Infelizmente, vários exemplos mostram que a teoria nem sempre é levada em consideração por muitos docentes ¹¹⁶.

Esta chamada anulação das crianças tem um efeito muito indesejado nelas, torna-as inseguras e com pouco auto estima, como já foi referido anteriormente. Através da prática pedagógica, diversas pesquisas e leituras feitas ao longo do ano sobre esta prática,

¹¹⁵ MARCHÃO, Amélia de Jesus - *O lugar do livro nos modelos curriculares para a infância*, 2012. [Consult. 16 de dez. em 2012], p. 3. Disponível em: <<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2540/1/O%20lugar%20do%20livro%20nos%20modelos%20curriculares%20para%20a%20inf%C3%A2ncia.pdf>>

¹¹⁶ IDEM, p. 5.

consegui ter uma noção de que é importante tornar os alunos mais ativos, com grande sentido de criatividade, confiantes e interessados no futuro, pois só assim conseguiremos formar adultos capazes de se distinguirem num mundo tão competitivo e tão impaciente por pessoas e produtos novos e com qualidade. Portanto, é preciso começar desde a tenra idade a educar as nossas crianças para que estas demonstrem todas as suas qualidades, pois todos somos capazes de fazer alguma coisa. É neste sentido que a escola tem um papel fulcral, pois é nesta que os alunos passam grande parte da vida, e é também durante esta fase que o desenvolvimento das competências é maior, cabe portanto à escola e conseqüentemente aos docentes, desenvolver as mesmas, para que o sucesso seja alcançado.

A PES II foi principalmente a parte do estágio em que mais considerei o assunto, pois tive a oportunidade de trabalhar com os jovens neste aspeto, perguntando-lhes quais eram os seus sonhos, dando-lhes voz para se expressarem. Apesar de, nesta faixa etária serem muito sonhadores, já dá para ter alguma percepção do que os alunos pretendem do futuro, se têm sonhos, ambições. Foi interessante verificar que vários alunos desejavam um futuro com boas perspetivas e tinham ambição. No entanto, o comportamento de alguns alunos durante as aulas e a posição que tinham em relação à escola deixava antecipar que as suas perspetivas não eram grandes. Este foi um aspeto que me deixou intrigada e a pensar na forma de os ajudar, mas o tempo de prática e a disponibilidade eram poucos devido ao programa.

Mesmo assim, tenho em mente um episódio que me deixa feliz e empenhada na minha futura profissão, pois dá-me esperança na mudança. Quando um aluno durante a PES II, que constantemente desafiava os colegas e professores, não tinha o melhor comportamento, não se mostrava interessado pela maioria das atividades e como forma de se evidenciar, mostrava felicidade quando algum teste, que tinha realizado, tinha uma nota mais baixa que a maioria dos colegas. Este aluno, a determinada altura, depois de eu e a minha colega termos insistido frequentemente com ele, para que fizesse participações positivas na aula, tentasse estudar e aprender o que era lecionado, finalmente revelou-nos que estava contente por numa determinada atividade ter dado a resposta correta. Na altura, nem foi preciso ele ter dito nada, pois era possível notar na sua expressão que

estava contente consigo mesmo, pois tinha estado atento as explicações dadas, conseguiu perceber o enunciado e responder corretamente.

Numa fase inicial de cada prática pedagógica, foi essencial o tempo dedicado à observação da turma, assim foi possível fazer uma recolha de dados e informações essenciais para o desenvolvimento da PES, como o comportamento dos alunos, que métodos seriam os melhores de adotar, entre outros critérios essenciais ao desenvolvimento da prática pedagógica. Mas após este tempo de observação, verifica-se que esta não deixa de ser essencial durante todo o percurso, em vários aspetos, seja para a avaliação das atividades escolhidas dos alunos, seja de mim mesma como docente. Esta observação/avaliação não foi somente realizada por mim, mas igualmente pela minha colega de estágio, pelos alunos, pelos diversos professores das turmas duraste a PES I e PES II e por fim dos professores supervisores, tudo para que a prática corresse da melhor forma e que eu pudesse melhorar o meu trabalho e desempenho como docente.

Outro momento importante durante este período probatório era a planificação. É definido que a planificação é como um processo para encontrar um equilíbrio entre vários fatores, como um meio para chegar a um fim é uma forma de melhorar o sistema educacional, para cumprir determinados objetivos para e em determinados períodos de tempo¹¹⁷. Para completar é um ato reflexivo e complexo e na minha opinião é algo muito difícil de se concretizar na perfeição, sendo que foi um dos pontos com os quais mais me debati por não saber planificar devidamente, e logo foi também um ato de aprendizagem como aluna e futura docente. De facto, não há nenhuma “receita” de como fazer uma planificação, visto que esta é adaptada consoante o contexto.

Este ato de planificar trazia algumas consequências adjacentes à minha inexperiência, como a tentativa constante de completar a mesma, mesmo quando algo inesperado acontecia, este tipo de comportamento levava a que me concentrasse mais na planificação do que nos alunos, o que é um erro. Em primeiro lugar, devem estar os alunos, e a aula deve ser seguida também de acordo com a velocidade dos mesmos, se por alguma razão, não conseguem acompanhar determinado ritmo, não se deve apressar

¹¹⁷ SOBRINHO in, PADILHA, Paulo Roberto - *Planeamento dialógico: como construir o projecto-pedagógico da escola*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2001. p. 30

a aula de modo a concretizar algo, pois põem-se em risco a sua aprendizagem. A meu ver, esta é uma capacidade importante e que só pode ser adquirida com a experiência e é algo permanente ¹¹⁸.

Após a planificação que já é um ato de reflexão e a sua aplicação surge o ato reflexivo sobre os acontecimentos do dia. Esta atividade é feita individualmente, mas tem posteriormente a intervenção do colega de estágio, do professor cooperante e em algumas ocasiões do professor supervisor, que exercem um papel fundamental ao partilharem as suas ideias, opiniões e identificando os aspetos menos positivos da aula. Mais uma vez, foi um objetivo difícil de concretizar, pois na minha opinião, o ato de refletir não é simples e é necessário tempo, prática e estudo para o adquirir na perfeição. Mas, este é um instrumento importante para aperfeiçoar as práticas.

Outro aspeto importante e que está relacionado com a planificação é a utilização dos materiais durante as aulas e atividades. Para manter um nível elevado de motivação nos alunos, manter o interesse e empenho, estes devem ser variados. Durante este processo da PES, nos dois ciclos em que estagiei, tive noção da dificuldade que é elaborar materiais diferentes e a capacidade que este trabalho exige, mas no fim tornou-se um aspeto bastante positivo, consegui desenvolver mais as minhas capacidades e criatividade.

Relativamente aos dois ciclos de estágio, um dos materiais muito usados é o manual escolar, este tornou-se um objeto muito corrente e demasiado utilizado. Com uma gama muito vasta de manuais escolares à disposição, o professor detém um papel crucial e crítica na sua escolha, tentando escolher o manual que melhor se adapta às necessidades da escola e dos futuros alunos que o vão manusear. Na minha opinião, o manual não deveria ser o único material a ser usado, e fazendo uso dessa opinião recorri o menos possível ao mesmo durante todo o período de prática pedagógica nos dois ciclos, tornando-os numa espécie de suporte durante a aula e de recurso aos alunos para consolidar os conteúdos.

Com todos os aspetos referidos, a gestão da sala de aula fica muito comprometida e é necessário uma grande organização por parte de qualquer docente, pois a forma

¹¹⁸ VASCONCELLOS in, PADILHA, Paulo Roberto - *Planeamento dialógico*, o.c., p. 30.

como se organiza o ambiente, como se cria e mantém o ritmo das atividades e como se monitoriza o que acontece pode ditar a eficácia do professor em sala de aula ¹¹⁹.

Um dos aspetos mais importantes durante as intervenções em sala de aula é o apoio que se fornece aos alunos, este é mais um ponto comum aos dois ciclos. Estes foram a minha principal preocupação durante as intervenções. Fiz o possível para supervisionar as atividades dos alunos. Por vezes, a ajuda do par de estágio foi preciosa para dar a atenção necessária a toda a turma, tentei ao máximo ajudá-los a superar as suas dificuldades, utilizando sempre reforços e “feedbacks” positivos.

A estimulação dos alunos também foi bastante importante para mim, pois sempre quis aproveitar ao máximo as suas capacidades e interesses. Na minha opinião, nunca diferenciei os alunos nem os discriminei em algum momento e por isso o tempo estabelecido para a realização das atividades e as próprias atividades tinham sempre um prazo para serem cumpridas. Claro que também prestei atenção aos alunos que apresentavam muitas dificuldades de aprendizagem. Para que eles estivessem inseridos nas atividades, alterava simplesmente o grau de dificuldade dos exercícios e das restantes atividades, sem alterar a sua aparência ou tudo na íntegra. Isto ajudava estes alunos a terem uma atitude mais positiva e mais confiante, o que é muito importante, pois são sujeitos a muita pressão e muitas vezes sentem-se rejeitados e inseguros por não terem uma capacidade tão elevada com a dos colegas ou por precisarem de mais tempo para realizarem as atividades. Assim, foi possível que todos os alunos atingissem os objetivos pretendidos para aquela semana, dia ou aula, mesmo que fosse por percursos diferentes.

Todas estas observações servem para demonstrar que não existe nenhuma receita certa para lecionar, ajudar os alunos e ser uma boa docente. Tudo depende do contexto, dos alunos e do tipo de docente que se quer ser. O que existe, felizmente, é uma parafernália de documentos que nos ajudam a conseguir atingir os nossos objetivos, logo, para isso, é preciso estar sempre atento e ter um estudo continuado acerca das práticas

¹¹⁹ CAMERON, CONNOR & MORRISON in, CADIMA, Joana; LEAL, Teresa; CANCELA, Joana - *Interações professor-aluno nas salas de aula no 1.º CEB: Indicadores de qualidade*. Revista Portuguesa de Educação, 2001. [Consult. 2 de dez. em 2012], p. 16. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0871-91872011000100002&script=sci_arttext>

educativas, sem nunca desistir de procurar e experimentar as várias estratégias existentes e que surgem todos os dias, para tentar ajudar nas aprendizagens dos alunos.

Como uma das partes finais a refletir, abordo um dos assuntos mais importantes de toda a PES I e II, a avaliação. Esta é um processo de regulação autorregulação que é um dos aspetos mais importantes para a prática pedagógica, tanto para a turma como para o docente. De facto, trata-se de um processo educativo, constantemente presente e tem um grande impacto tanto na comunidade educativo e na forma como é vista fora da comunidade educativa, pois estabelece uma visão acerca das escolas, docentes, entre outros envolvidos ¹²⁰. Na minha opinião, foi muito importante fazer e receber uma avaliação, pois foi crucial para mim ver a evolução dos alunos, durante o período da prática. Ajudou-me a guiar a minha docência e a verificar o que estava ou não de acordo com os alunos e como poderia melhorar as aprendizagens dos mesmos. Também este processo de avaliação não estaria concluído sem a avaliação feita a mim pelos professores supervisores, pelo par de estágio e pelo professor orientador, pois foram elementos de ajuda preciosos.

Enquanto lecionava, nem sempre tinha a perceção correta do que estava a suceder com todos os alunos, sendo que a avaliação era efetuada pelo par de estágio e pelo professor orientador, muitas vezes no mesmo dia ou durante vários momentos do dia e esta terminava com a avaliação feita pelo professor supervisor da Escola Superior de Educação (ESE). Era aí que verificava se todos os meus esforços tinham sido um sucesso e o que ainda precisava de melhorar. É claro que a presença dos supervisores só acontecia de vez em quando, pois não era possível estabelecer avaliações mais regulares, o que muitas vezes também não ajudava a captar a verdadeira relação professor/aluno ou se as práticas utilizadas eram as melhores, entre outros aspetos.

Mesmo com todos os obstáculos impostos aos supervisores que os impedem de ir avaliar mais frequentemente, esta situação deveria ser repensada, pois trata-se de um momento de extrema importância e em algumas ocasiões, situações imprevisíveis acontecem e alteram o rumo da aula por completo. Os alunos, muitas vezes, estão

¹²⁰ Coleção Perspectivas Actuais - Professores e ensino num mundo em mudança – Relatório mundial de educação 1998. Porto: Edições ASA, 1998. p. 69.

agitados com a presença de um elemento estranho na sala de aula, as novas táticas frequentemente escolhidas para a altura não têm o rumo desejado, entre muitos outros aspetos que podem condicionar o sucesso de uma aula.

Numa antecipação do meu futuro como docente, acho que um dos principais obstáculos será relacionado com o trabalho individual em sala de aula, pois a presença de mais dois elementos em sala de aula faz a diferença. Para além disso, não me sinto tão preparada para outros anos letivos. A PES I e PES II não possibilitaram esse contato, o que vai levar numa fase inicial a uma falta de preparação e a um sentimento de maior insegurança. Exatamente devido a estes últimos aspetos seria fundamental repensar igualmente a duração deste segundo ciclo de estudos, pois dois anos de mestrado em que só um é realmente composto por prática pedagógica não me parece suficiente para preparar um conjunto de docentes para ensinarem crianças desde os 6 anos de idade até aos 12, numa base generalista, em que os docentes devem saber lecionar todas as unidades curriculares e esperasse que sejam ótimos docentes.

No entanto, este ciclo de estudo permitiu a realização de um estudo de investigação, o que foi ao mesmo tempo, um estímulo, uma nova oportunidade, um desafio e um momento de reflexão acerca do que se quer ser como docente num futuro próximo.

Possibilitou um trabalho autónomo de grande dimensão, momentos de estudo muito benéficos que, de certeza, irão contribuir para eu ser uma professora com muito mais interesse na profissão, com mais capacidade de resolução de problemas. Por fim, fez-me ter uma noção muito mais realista do que uma formação desta envergadura pode conter, pois é um desejo meu, continuar com a minha formação académica.

Em suma, a PES I e PES II mostraram-me o quão necessário é, ter uma vocação pela profissão, pois caso contrário é impossível ensinar, ajudar e relacionar-se com um grupo de alunos, dando lugar a um sentimento de não pertença, passividade e desmotivação que são os ingredientes para um fracasso iminente da carreira pessoal e das aprendizagens de cada aluno que vai passar pelas nossas mãos.

Um docente tem um papel multifacetado e deve evitar estar numa profissão que a determinada altura, deixa de ser o seu sonho, devendo considerar outras áreas de

interesse. Claro que semelhante afirmação é mais fácil de proferir do que executar. Pois, muitos fatores estarão em jogo uma vez que se lida com seres que estão no início de uma vida, as nossas ações podem conduzir ao sucesso ou insucesso destas crianças.

PARTE IV – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLARD, Michel, LEFEVRE, André, FRAGA, Gustavo De - *A história e o seu Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina, 1976.
- ANTÓNIO, Camilo Cunha – *Formação de Professores: A Investigação por Questionário e Entrevista – Um Exemplo Prático*. Vila Nova de Famalicã. Editorial Magnólia, 2007.
- AZEVEDO, Ana Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves de – *Metodologia Científica: Contributos Práticos para a Elaboração de Trabalhos Científicos*. 9ª ed. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008.
- BARCA, Isabel - *Perspectivas em Educação Histórica*. Braga: Universidade do Minho, 2001.
- BARREIRA, Aníbal [et. al] - *HistGeo5: História e Geografia de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: ASA, 2010.
- BETHENCOURT, Francisco; CHAUDHURI, Kirti - *História da Expansão Portuguesa – Formação do Império (1415-1570)*. Vol. 1. Espanha: Círculo de Leitores, 1998.
- BODGAN, Robert; BLIKEN, Sari – *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- CABRAL, Marianela - *Como Analisar Manuais Escolares*. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- CARDIM, Pedro - *Grande História Universal: A Época dos Descobrimentos*. Alfragide: Ediclube, 2006, vol. 12.
- CAPELO, Rui Grilo [et. al] - *História de Portugal em Datas*. Lisboa: Círculo de Leitores, Lda. e Autores, 1994.
- CITRON, Suzane - *Ensinar a História Hoje: a memória perdida e reencontrada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
- Colecção Perspectivas Actuais - *Professores e ensino num mundo em mudança - in Relatório mundial de educação 1998*. Porto: Edições ASA, 1998.

COMÉNIIO, João Amós - *Didáctica Magma: Coménio – Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*. 4ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses - *Navios e navegações: Portugal e o Mar. Oceanos*, 1999. (Número 38), 103-110.

CORTESÃO, Jaime – *Obras Completas 2 – Os Descobrimentos Portugueses – II*. Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1990.

CORTESÃO, Jaime – *Obras Completas 5 - Influência dos Descobrimentos Portugueses na História da Civilização*. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993

Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário - *Programa de História e Geografia de Portugal: Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem*. Vol. II. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991.

DOMINGOS, Ana Maria, NEVES, Isabel, GALHARDO, Maria Luísa - *Uma Forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*. 3ª ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: O Infante D. Henrique e o Início da Globalização*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012a, vol. 1.

GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: D. João II e os Rumos da Expansão*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012b, vol. 2.

GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: A Abertura do Caminho Marítimo para a Índia*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012c, vol. 3.

GARCIA, José Manuel - *O Mundo dos Descobrimentos Portugueses: O Mais Longínquo Oriente*. Vila do Conde: Printer Portuguesa, 2012d, vol. 8.

GODINHO, Vitorino Barbosa de Magalhães - *Os Descobrimentos e a Economia Mundial*. Lisboa: Editorial Presença, 1987, vol. 1.

LEITE, Duarte – *História dos Descobrimentos*. Lisboa: Colectânea deesparos organizada por V. Magalhães Godinho, 1960.

- LIMA, Marinús Pires – *Inquérito Sociológico: Problemas de Metodologia*: Editorial Presença, 2000.
- MARTINS, Adolfo Silveira - *A Arqueologia Naval Portuguesa (Séculos XIII a XVI)*. Tese de doutorado, Universidade Autónoma de Lisboa, Lisboa, 2001. Dissertação de Doutoramento.
- MARQUES, António Henrique Rodrigo de Oliveira - *Nova História da Expansão Portuguesa: A Expansão Quatrocentista*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, vol. 3.
- MARQUES, A. H. de Oliveira, Serrão, Joel – *Nova História da Expansão Portuguesa – O Império Luso-Brasileiro 1500-1620*. Lisboa: Editorial Estampa, 1992, vol. VI.
- MARQUES, Ramiro - *MUDAR A ESCOLA - NOVAS PRÁTICAS DE ENSINO*. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.
- MATTOSO, José – *História de Portugal: No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. Vol. III. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.
- MINISTÉRIO da Educação - *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo*. M.E./DEB – NEPE. 5ª ed. Lisboa, 2006
- OLIVEIRA, Ana; CANTANHEDE, Francisco; GAGO, Marília - *HGP 5º.Ano: História e Geografia de Portugal*. 1ª ed. Lisboa: Texto Editores, 2010, vol. 1.
- PADILHA, Paulo Roberto - *Planeamento dialógico: como construir o projecto-pedagógico da escola*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2001.
- PERES, Damião – *História dos Descobrimentos Portugueses*. Porto: Portucalense, 1943.
- PESTANA, Manuel Inácio - *Didáctica da História: Guia de Introdução Didáctica*. Coimbra: Atlântida Editora, 1973.
- PROENÇA, Maria Candida - *Didática da História: textos complementares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1989.

- REINEL, Carta de Jorge, c. 1540 - *A Astronomia Náutica e os Descobrimentos Portugueses: Viagem de Bartolomeu Dias*, Lisboa: Planetário Calouste Gulbenkian, 1998.
- REIS, António Matos - *Entre o sucesso e a desgraça: Pedro do Campo Tourinho, fundador de Porto Seguro*. Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho, 2000.
- RODRIGUES, Henrique – *Didática e Pedagogia do Ensino da História: Um conjunto de experiências*. (policopiado), Viana do Castelo, 1986.
- HENRIQUE, Rodrigues – *Pedagogia e Didática da Montagem Audiovisual*, in Primeiro Encontro sobre o Ensino da História – “*Comunicações*”. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista – *Metodologia de Pesquisa*, 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill Interamericana do Brasil, 2006.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal: Século de Ouro (1495 - 1580)*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1978, vol. III.
- SOUSA, Ana de; PATO, Aureliana; CANAVILHAS, Conceição – *Novas Estratégias - Novos Recursos no Ensino da História*. Rio Tinto: Edições ASA, 1993.
- VEIGA, Carlos, WLADIMIRO, Victor – *Portugal e o Mundo nos Séc. XV e XVI*. Lisboa: E. Santos, 1983.

Bibliografia em rede

- ABRANTES, Pedro - *As Transições entre Ciclos de Ensino: Entre Problema Social e Objecto Sociológico*, 2005. [Consult. 17 de jan. em 2013]. Disponível em: <<http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/185/1/A2.pdf>>
- ALVES, Nisa Ávila do Couto – *Investigação por inquérito*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 2005/2006. [Consult. 13 de Jun. 2012] Disponível em: <<http://www.amendes.uac.pt/monograf/tra06investgInq.pdf>>

AMOÊDA, Sandra, MARTINS, Helena, VASCONCELOS, Clara – *Análise Científico – Didática de Manuais Escolares: Um Estudo na Temática da Tectónica de Placas*. Florianópolis, 2008 [Consult. 20 Jun. 2012] Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/56664/2/7261.pdf>>

BITENCOURT, Circe Maria - *Revista de História: Ensino da História – fundamentos e métodos*, p.13-49, 2005. [Consult. 11 Jan. 2013] Disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.apeoesp.org.br%2Fd%2Fsistema%2Fpublicacoes%2F152%2Farquivo%2Frevista-de-historia.pdf&ei=OvPvULPICYLKhAfqjICgDA&usg=AFQjCNFIgqi_fSw6UUWLwTejttkx4izLIQ&sig2=jPc-lJt0abl1Oa6rUhb_cA&bvm=bv.1357700187,d.d2k>

DIREÇÃO GERAL DA EDUCAÇÃO - *Adoção de Manuais Escolares*. Lisboa. [Consult. 20 nov. 2012] Disponível em: <<http://www.dgdc.min-edu.pt/index.php?s=directorio&pid=63>>

IGREJA, Manuel de Azevedo Almeida. - *A Educação para a Cidadania nos Manuais Escolares de História e Geografia de Portugal e História*. Braga, 2004. Dissertação de Mestrado. [Consult. 14 Jun. 2012] Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/951/6/Cap%3%adtulo%20I%20V.pdf>>

JORN, Russen - *DIDÁTICA DA HISTÓRIA: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão*. (Trad. Marcos Roberto Kusnick). Ponta Grossa: Praxis Educativa, vol.1, nº 2, 2006. [Consult. 28 Jun. 2012] Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/279/285>>

KARNAL, Leandro - *Revista de História: História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, p.381-456, 2003. [Consult. 10 Jan. 2013] Disponível em: <http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CCwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.apeoesp.org.br%2Fd%2Fsistema%2Fpublicacoes%2F152%2Farquivo%2Frevista-de-historia.pdf&ei=OvPvULPICYLKhAfqjICgDA&usg=AFQjCNFIgqi_fSw6UUWLwTejttkx4izLIQ&sig2=jPc-lJt0abl1Oa6rUhb_cA&bvm=bv.1357700187,d.d2k>

historia.pdf&ei=OvPvULPICYLKhAfqjICgDA&usg=AFQjCNFIgqi_fSw6UUWLwTejttkx4i
zLIQ&sig2=jPc-lJt0abl1Oa6rUhb_cA&bvm=bv.1357700187,d.d2k>

LITZ, Valesco Giordano - *O Uso da Imagem no Ensino da História*. Curitiba:

Universidade Federal do Paraná, 2009. [Consult. 11 Jan. 2013] Disponível em:
<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>>

MARCHÃO, Amélia de Jesus - *O lugar do livro nos modelos curriculares para a infância*,

2012. [Consult. 16 de dez. em 2012]. Disponível em:
<<http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2540/1/O%20lugar%20do%20livro%20nos%20modelos%20curriculares%20para%20a%20inf%C3%A2ncia.pdf>>

MELO, Maria do Carmo Barbosa de - *O Labirinto da Epistemologia e do Ensino de História:*

Um Estudo em Recife. Braga: Universidade do Minho, 2006 [Consult. 12 Jun. 2012]
Disponível em:
<<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/6304?mode=full>>

Moreira, D., Ponte, J. P., Pires, M. V., & Teixeira, P. (2006). *Manuais escolares: Um ponto*

de situação (Texto de apoio ao Grupo de Discussão - Manuais Escolares). Actas do
XV Encontro de Investigação em Educação Matemática. Acedido em 13 de
novembro de 2012 em:
<http://www.ore.org.pt/filesobservatorio/pdf/manuais_%20GDDiscussao_publicacoes.pdf>

PEREIRA, Ana Bela - *Manuais escolares: estatuto e funções*. Revista Lusófona de Educação,

2010. [Consult. 15 nov. 2012] Disponível em:
<<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rle/n15/n15a14.pdf>>

RODRIGUES, Isilda Teixeira, FAVAS, Paulo Jorge de Campos, COELHO, Fernando - *Análise*

de Manuais – Uma Reflexão Necessária na Formação Inicial de Professores. Vila
Real: Universidade de Trás os Montes e Alto Douro (s.d) [Consult. 3 Set. 2012]
Disponível em: <<http://apice.webs.ull.es/pdf/345-067.pdf>>

WISEU, Floriano; MORGADO, José Carlos - *Manuais Escolares e Desprofissionalização*

Docente : um estudo de caso com professores de Matemática, 2011. [Consult. 10

mar. 2012] Disponível em:
<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15860/1/Manuais%20escolares%20e%20desprofissionaliza%C3%A7%C3%A3o%20docente.pdf>>

VISEU, Floriano - *Manual Escolar na Prática Docente do Professor de Matemática*. Actas do X Congresso Internacional Galego Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. [Consult. 10 mar. 2013] Disponível em:
<<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10095/1/o%20manual%20escolar%20na%20pr%C3%A1tica%20docente%20do%20professor%20de%20matem%C3%A1tica.pdf>>

Plataformas

- <http://www.escolasdoatlantico.pt/produtos/documentos-orientadores>
- <http://www.jf-monserrate.com/>

ANEXOS

Anexo 1 - Planificações escolhidas para as reflexões

Nas seguintes reflexões, estão referidos determinados anexos, documento, imagens, etc..., mas estes não se encontram no presente trabalho, por não serem necessários.

Ciências da Natureza

Plano de Aula – Ciências da Natureza	
Ano: <u>5º</u> Turma: <u>X</u> Data: <u>16 e 19/03/2012</u> Ano letivo: <u>2011/2012</u>	
O professor: <u>XXXXXXXXXXXXXX</u> Disciplina: <u>Ciências da Natureza</u>	
A estagiária: <u>Samanta Aguiar/ XXXXXXXXX</u>	
Tempo: <u>1 bloco de 90 minutos</u> Horas: <u>15:25 às 16:55</u>	
OBJETIVOS: - Identificar experimentalmente as propriedades físicas da água; - Dissolução.	CONTEÚDOS: A água como solvente: propriedades da água Solvente/ soluto/ solução
RECURSOS: Manual, pp. <u>148, 149</u>	OUTROS RECURSOS: - Copos de plástico; - Açúcar; - Farinha; - Óleo; - Areia; - Colheres; - Espelho.
ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES Depois da chegada à sala, os alunos procedem à escrita do sumário da respetiva aula. Para esta aula será realizada uma atividade prática, com base em alguns recursos. Em primeiro lugar será visualizado um vídeo do “Fineas e Ferbs” que deverá servir de motivação ao que irá decorrer durante a aula. No fim, questionarei aos alunos acerca do vídeo, se gostaram, se não, etc... de seguida os alunos deverão mostrar	

<p>curiosidade para os seguintes acontecimentos, ou seja, a atividade prática.</p> <p>Posteriormente será mostrado um Power Point, até determinada altura, para iniciar o protocolo que se vai seguir, este vai ser entregue numa altura específica, ao fim do diapositivo nº 7, para não comprometer a atenção e a curiosidade dos alunos.</p> <p>A atividade decorrerá juntamente, durante toda a aula, com a apresentação em Power Point.</p> <p>No fim serão retiradas as conclusões necessárias para a compreensão dos conceitos descritos nos conteúdos e serão resolvidas as questões da página 149 para concluir o tema.</p>	
<p>AVALIAÇÃO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desempenho das atividades ao longo da aula; - Qualidade das intervenções; - Interesse nas atividades realizadas; 	
<p>SUMÁRIO:</p> <p>A água como solvente: propriedades físicas da água: Solvente/ soluto/ solução</p>	<p>OBSERVAÇÕES:</p> <p>Esta aula será repetida no dia 19, ou seja, logo na segunda-feira seguinte.</p> <p>Caso haja tempo para retratar mais algum assunto será desenvolvida a atividade em anexo. (Anexo 3)</p>

Matemática

Plano de Aula - Matemática

Ano: 5º Turma: XX

Data: 09-05-2012 Ano

letivo: 2011/2012

O professor: XXXXXXXXXXXXXXXX Unidade didática: 6

A estagiária: Samanta Aguiar Horas: 10.20 – 11.05

OBJETIVOS:

Identificar e dar exemplos de sequências e regularidades numéricas e não numéricas.

- Determinar o termo seguinte (ou o anterior) a um dado termo e ampliar uma sequência numérica, conhecida a sua lei de formação.
- Determinar termos de ordens variadas de uma sequência, sendo conhecida a sua lei de formação.
- Analisar as relações entre os termos de uma sequência e indicar uma lei de formação, utilizando a linguagem natural e simbólica.

- Compreender as propriedades e regras

CONTEÚDOS:

ÁLGEBRA

1. Relações e regularidades:

1.1. Sequências e regularidades

<p>das operações e usá-las no cálculo.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utilizar estratégias de cálculo mental e escrito para as quatro operações usando as suas propriedades. - Compreender as noções de comprimento e área. - Compreender o que é uma unidade de medida e o que é medir. - Realizar medições utilizando unidades de medida convencionais (centímetro, metro) - Estimar comprimentos, massas, capacidades e áreas. - Compreender a noção de equivalência de figuras planas e distinguir figuras equivalentes de figuras congruentes. - Relacionar a fórmula da área do triângulo com a do retângulo. - Calcular a área de figuras planas simples, decomponíveis em retângulos e em triângulos ou por meio de estimativas. - Determinar valores aproximados da área de um círculo desenhado em papel 	<p>NÚMEROS E OPERAÇÕES</p> <p>1. Números Naturais</p> <p>1.1. Propriedades das operações e regras operatórias.</p> <p>GEOMETRIA: Medida</p> <p>1. Comprimento, massa, capacidade e área</p> <p>1.1. Medida e unidade de medida</p> <p>1.2. Comparação e ordenação</p> <p>1.3. Estimação</p> <p>2. Áreas</p> <p>2.1. Equivalência de figuras planas</p> <p>2.2. Unidades de área</p> <p>2.3. Área do triângulo e do círculo</p>
---	---

[illegible]

<ul style="list-style-type: none"> - Interpretar a informação e ideias matemáticas representadas de diversas formas. - Representar informação e ideias matemáticas de diversas formas. - Expressar ideias e processos matemáticos, oralmente e por escrito, usando a notação, simbologia e vocabulário próprios. - Discutir resultados, processos e ideias matemáticos. 	<p>1.3. Formulação e teste de conjecturas</p> <p>Comunicação matemática</p> <p>1.1. Interpretação</p> <p>1.2. Representação</p> <p>1.3. Expressão</p> <p>1.4. Discussão</p>
<p>RECURSOS:</p> <p>Manual, pp. 62 e 63</p>	<p>OUTROS RECURSOS:</p>
<p>Pré – requisitos dos alunos: Realizar medidas utilizando unidades de medida. Área do quadrado, do retângulo e do triângulo e do círculo.</p>	
<p>ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES</p> <p>A aula irá começar com a escrita do sumário, sendo escolhido um aluno aleatoriamente para o ir escrever ao quadro.</p> <p>Posteriormente será realizada uma tarefa, na qual os alunos vão entender como descobrir a área de um círculo. Esta tarefa será realizada em conjunto, mas os alunos devem descobrir e pensar na área do círculo individualmente, sendo discutido as várias conclusões novamente em conjunto, sempre acompanhada por um power point. Esta tarefa demonstra no fim a fórmula, que deve ser utilizada, para determinar a área do círculo.</p>	

De seguida serão realizados diversos exercícios, de forma a praticar o conteúdo aprendido com a realização dos exercícios da página 62 e 63.

Dando relevância ao primeiro exercício, que mostra um círculo decomposto em 4 partes, os alunos vão primeiro observar o exercício com atenção, projetado no quadro, e em grande grupo chegar à resolução do exercício. Partindo de seguida para a resolução dos seguintes exercícios, para no fim serem corrigidos, observando as várias respostas ou dúvidas que possam persistir.

AVALIAÇÃO:

Participação, empenho e atenção dos alunos durante a aula.

Associação, distinção e reconhecimento das sete unidades de medida.

Raciocínio e comunicação dos alunos explicando corretamente como pensaram.

O aluno identifica as fases de resolução de problemas.

SUMÁRIO:

A área do círculo.

Resolução de exercícios.

OBSERVAÇÕES:

Aula de 90 minutos.

Português

Plano de Aula

Ano: 5º Turma: X

Data: 23-04-2012 Ano

letivo: 2011/2012

O/A professor(a): XXXXXXXXXXXXXX Unidade didática: 5

A estagiária: Samanta Aguiar Horas: 12:00 – 13:30

OBJETIVOS:

Compreensão do oral

- Prestar atenção ao que ouve, de modo a tornar possível:
 - cumprir instruções dadas;
 - explicitar o assunto, tema ou tópico;
 - indicar o essencial da informação ouvida;
 - responder a perguntas acerca do que ouviu.

Expressão oral:

- Usar da palavra de modo audível, com boa dicção e num débito regular
- Ler, em público, em coro ou individualmente.

Leitura:

- Localizar a informação e avaliar a sua pertinência.
- Ler de modo autónomo.
- Ler em voz alta com fluência e expressividade.

Escrita:

- Redigir com correção enunciados para responder a diferentes propostas de trabalho:
 - organizar as respostas de acordo com o foco da pergunta ou pedido.

Conhecimento Explícito da Língua:

CONTEÚDOS:

- Texto poético;
- Tempos e modos verbais: indicativo – futuro e pretérito perfeito;
- Classe de palavras: determinantes;
- Análise sintática: sujeito, predicado, complemento direto, complemento indireto, vocativo;

<ul style="list-style-type: none"> • Sistematizar paradigmas flexionais regulares dos verbos. • Explicitar propriedades distintivas de classes e subclasses de palavras. • Explicitar a relação entre constituintes principais de frases e as funções sintáticas por eles desempenhadas. 	
<p>ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção do trabalho de casa • De seguida, o título do texto que irá ser lido vai ser exposto no quadro “Os Meus Tesouros”. Neste momento, os alunos não devem ter o manual aberto, para as respostas não serem influenciadas. • Assim, será iniciado um pequeno diálogo, onde os alunos devem referir as suas ideias acerca do título e referir o que são os “Tesouros” deles e a importância desta palavra. • Elaboração do exercício 1 da página 162 “Antes de Ler....”, onde, por tentativas, devem associar diversas sílabas e formar palavras relacionadas com o texto. • Leitura do texto “Os Meus Tesouros”, da página 162. • Realização dos exercícios de interpretação do texto e de conhecimento explícito da língua, da página 163. • No fim, e caso haja tempo, é dada aos alunos uma pequena ficha que vai abordar os diversos conteúdos, como forma de revisão para a ficha de avaliação. Esta, se não for efetuada na sala de aula, deverá ser levada para trabalho de casa. Será posteriormente corrigida, em sala de aula, seja no final da ficha de avaliação, caso todos os alunos acabem antes do tempo, ou na próxima quinta-feira, depois da correção do teste. 	
<p>AVALIAÇÃO:</p> <p>Participação e empenho dos alunos durante a aula.</p>	
<p>SUMÁRIO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura e interpretação do texto “Os Meus Tesouros”. - Exercícios de aplicação. 	<p>OBSERVAÇÕES:</p>

História e Geografia de Portugal

<p>Ano: <u>5º</u> Turma: <u>X</u> Data: <u>16/03/2012</u> Ano letivo: <u>2011/2012</u></p> <p>O/A professor(a): <u>XXXXXXXXXXXXXX</u> Disciplina: <u>História</u> Tempo: <u>1 bloco de 90 minutos</u> Horas: <u>08:30 às 10:00</u></p> <p>A estagiária: <u>Samanta Aguiar</u></p>	
<p>OBJETIVOS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer diferentes tipos de informação; - formular hipóteses simples; -identificar o início da expansão portuguesa; - compreensão das lendas associadas às viagens; -compreender as mudanças provocadas pelas descobertas. - análise e tratamento de diferentes tipos de informação. 	<p>CONTEÚDOS:</p> <p>Tema B – Do século XIII à União Ibérica e Restauração (séc. XVII)</p> <p>Subtema 3: Portugal nos séculos XV e XVI.</p> <p>3.1 A expansão marítima portuguesa;</p> <p>3.2 Técnicas de Navegação.</p>
<p>RECURSOS:</p> <p>Manual, pp.<u>128, 129, 130, 131</u></p> <p>E-manual, material <u>Power point didático,</u> <u>nº 11</u></p>	<p>OUTROS RECURSOS:</p>

ESTRATÉGIAS/ATIVIDADES

Depois da chegada à sala, os alunos procedem à correção dos trabalhos de casa da aula anterior.

Segue-se a exploração da imagem da página 128 do manual, que será exposta em grande plano, a partir do projector multimédia, para que estes identifiquem e descrevam as várias situações, de forma a formular pequenas hipóteses dos acontecimentos seguintes.

A seguir é abordado a questão do tempo e espaço situando os acontecimentos em relação à matéria dada anteriormente. Assim pretendo obter uma boa contextualização para poder prosseguir com os conteúdos seguintes.

Os alunos respondem às primeiras questões da página 128, para finalizar a contextualização.

O tema da expansão marítima, mais concretamente de Portugal à Serra Leoa será feito com base em power point realizado por mim, acompanhando o power point didático do livro do professor, pois contém elementos “agradáveis” de observar como sons, imagens, etc.

Este power point vai conter os mapas necessários para a melhor compreensão dos alunos.

Por fim, será abordado na aula as técnicas de navegação, utilizando um power point e as diversas imagens alusivas ao conteúdo no manual.

Por fim os alunos devem responder às questões da página 133.

No final da aula os alunos procedem à escrita do sumário, em forma de síntese da aula.

AVALIAÇÃO:

- Observação centrada na utilização de diferentes instrumentos de trabalho e análise dos mesmos;

<ul style="list-style-type: none"> - Observação da capacidade de intervenção; - Observação das respostas dadas às diversas perguntas; - Participação; - Interesse. 	
SUMÁRIO: <ul style="list-style-type: none"> - Portugal nos séculos XV e XVI. - A expansão marítima portuguesa. - O início da expansão portuguesa. - De Portugal a Serra Leoa. - As técnicas de navegação. 	OBSERVAÇÕES:

Anexo 2 – Inquérito realizado as turmas

Encontra-se a seguir o inquérito no seu formato de impressão, tal como foi dado aos inquiridos. Este foi impresso em frente e verso de modo a fazer alguma poupança, quanto ao gasto de papel, também foi impresso a preto e branco.

Foi entregue aos alunos num momento de descontração e de calma, sem muita pressa.

Questionário

Dados Pessoais do Aluno:

1-	Nome: _____	Turma: _____	Nº: _____
2-	Data do Nascimento: __/__/__		
3-	Sexo:	Masculino <input type="checkbox"/>	Feminino <input type="checkbox"/>
4-	Naturalidade: concelho, _____ Freguesia, _____ lugar/rua _____		
5-	Residência: concelho, _____ Freguesia, _____ lugar/ rua _____		

Dados Informativos do aluno:

6-	Gostas da tua escola?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
Se sim, porquê?	Gosto de estar com os meus amigos.	<input type="checkbox"/>	Gosto de estudar e aprender. <input type="checkbox"/>
	Gosto dos professores.	<input type="checkbox"/>	Gosto da escola, porque assim não estou em casa. <input type="checkbox"/>
Se não, explica porquê? _____			
7-	Frequentaste o ensino pré-primário?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
8-	Já repetiste algum ano letivo?	Sim, em que ano? <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
9-	Tens apoio pedagógico?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
10-	Tens livros em casa?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
	Se sim, quantos tens?	1 a 50 <input type="checkbox"/>	51 a 100 <input type="checkbox"/>
		101 a 500 <input type="checkbox"/>	+ de 500 <input type="checkbox"/>
11-	Dos livros que tens alguns são de história?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>
12-	Gostas de história?	Sim <input type="checkbox"/>	Não <input type="checkbox"/>

13-	Quais os temas/matérias de história que mais gostas?	Os primeiros Povos	<input type="checkbox"/>	Os Muçulmanos	<input type="checkbox"/>
		Formação do Reino de Portugal	<input type="checkbox"/>	A consolidação do Reino	<input type="checkbox"/>
		A Revolta/crise de 1383-1385	<input type="checkbox"/>	A vida quotidiana	<input type="checkbox"/>
		A Expansão Marítima	<input type="checkbox"/>	Descobrimento do Brasil	<input type="checkbox"/>
		O tempo dos Filipes/união Ibérica	<input type="checkbox"/>	O tempo do Marquês de Pombal	<input type="checkbox"/>
		O Liberalismo	<input type="checkbox"/>	Ditadura	<input type="checkbox"/>
		25 de Abril	<input type="checkbox"/>	Democracia	<input type="checkbox"/>
14-	Costumas ler?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
15-	Onde?	Quarto	<input type="checkbox"/>	Sala	<input type="checkbox"/>
		Biblioteca da escola	<input type="checkbox"/>	Biblioteca Municipal	<input type="checkbox"/>
		Biblioteca ambulante	<input type="checkbox"/>	Não tens um sítio específico	<input type="checkbox"/>
16-	Estudas:	Diariamente	<input type="checkbox"/>	Frequentemente	<input type="checkbox"/>
		Raramente	<input type="checkbox"/>	Nas vésperas dos testes	<input type="checkbox"/>
		Quando gosto da matéria	<input type="checkbox"/>	Nunca	<input type="checkbox"/>
17-	Tens alguém que te ajude no estudo?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
18-	Costumas conversar em casa sobre a escola e os estudos?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
19-	As conversas sobre a escola, em casa são:	Todos os dias	<input type="checkbox"/>	Só ao fim de semana	<input type="checkbox"/>
		Quando tenho testes	<input type="checkbox"/>	Só no final do período	<input type="checkbox"/>
		Só no final do ano letivo	<input type="checkbox"/>	Só quando faço asneiras	<input type="checkbox"/>
Dados informativos sobre história. Escolhe a opção ou opções corretas, colocando um X					

20-	Portugal foi pioneiro na Expansão Marítima?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
21-	Dos seguintes nomes, seleciona aqueles que estiveram ligados à expansão marítima portuguesa.	D. João I	<input type="checkbox"/>	Infante D. Henrique	<input type="checkbox"/>
		Bartolomeu Dias	<input type="checkbox"/>	D. João I de Castela	<input type="checkbox"/>
		D. Afonso V	<input type="checkbox"/>	Bartolomeu Dias	<input type="checkbox"/>
		Gil Eanes	<input type="checkbox"/>	Vasco da Gama	<input type="checkbox"/>
		D. Afonso Henriques	<input type="checkbox"/>	D. Dinis	<input type="checkbox"/>
		Conde de Andeiro	<input type="checkbox"/>	D. João IV	<input type="checkbox"/>
22-	Qual foi o primeiro território conquistado em África pelos portugueses?	Cabo da Boa Esperança	<input type="checkbox"/>	Madeira	<input type="checkbox"/>
		Índia	<input type="checkbox"/>	Macau	<input type="checkbox"/>
		Ceuta	<input type="checkbox"/>	Cabo Bojador	<input type="checkbox"/>
		Açores	<input type="checkbox"/>	Algarve	<input type="checkbox"/>
		Ilhas de Cabo Verde	<input type="checkbox"/>	Brasil	<input type="checkbox"/>
23-	Que tipo de embarcações foram utilizadas pelos portugueses durante os Descobrimentos?	Navio a vapor	<input type="checkbox"/>	Galé	<input type="checkbox"/>
		late	<input type="checkbox"/>	Barca	<input type="checkbox"/>
		Caravela	<input type="checkbox"/>	Veleiro	<input type="checkbox"/>
		Nau	<input type="checkbox"/>	Barinel	<input type="checkbox"/>
		Canoa	<input type="checkbox"/>	Lancha	<input type="checkbox"/>
24-	Sabes o nome do objeto que servia para marcar a presença dos portugueses nas suas descobertas? Escolhe a opção correta (apenas uma está correta).	Pelourinho	<input type="checkbox"/>	Padrão	<input type="checkbox"/>

	Casas	<input type="checkbox"/>	Bandeiras	<input type="checkbox"/>	
25-	Que produtos começaram a ser comercializados por Portugal a partir da expansão marítima?	Especiarias	<input type="checkbox"/>	Moedas	<input type="checkbox"/>
		Animais	<input type="checkbox"/>	Tecidos	<input type="checkbox"/>
		Cereais	<input type="checkbox"/>	Ouro	<input type="checkbox"/>
		Diamantes	<input type="checkbox"/>	Escravos	<input type="checkbox"/>
26-	Seleciona os instrumentos usados durante a expansão marítima portuguesa para orientar a navegação em alto mar.	Navegação por GPS	<input type="checkbox"/>	Cartas Náuticas	<input type="checkbox"/>
		Astrolábio	<input type="checkbox"/>	Quadrante	<input type="checkbox"/>
		Balestilha	<input type="checkbox"/>		
27-	Já ouviste falar no Tratado de Tordesilhas?	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>
27.1.	Em que data foi assinado o Tratado de Tordesilhas?	1250	<input type="checkbox"/>	1383	<input type="checkbox"/>
		1385	<input type="checkbox"/>	1492	<input type="checkbox"/>
		1494	<input type="checkbox"/>	1755	<input type="checkbox"/>
		1910	<input type="checkbox"/>	2006	<input type="checkbox"/>
28-	O que foi acordado no Tratado Tordesilhas? Escolhe a opção que achas mais correta.	Que Portugal só podia ficar com as terras descobertas no continente africano.	<input type="checkbox"/>	As terras a descobrir, segundo este tratado descobrimentos pertenciam ao reino de Castela	<input type="checkbox"/>
		O mundo ficava dividido em duas partes, uma para Portugal e outra para Castela.	<input type="checkbox"/>	Que Portugal perderia a sua independência.	<input type="checkbox"/>
		Que Portugal Não poderia realizar mais	<input type="checkbox"/>	O mundo ficava dividido em três partes iguais,	<input type="checkbox"/>

		descobrimientos.		em que duas partes pertenciam ao reino de Castela e a última parte a Portugal.	
29-	Em Portugal, que estilo arquitetónico foi influenciado pelos presentes descobrimientos?	Manuelino	<input type="checkbox"/>	Românico	<input type="checkbox"/>
		Romântico	<input type="checkbox"/>	Moderno	<input type="checkbox"/>
		Rococó	<input type="checkbox"/>	Barroco	<input type="checkbox"/>
30-	Que benefícios trouxeram os descobrimientos para a economia portuguesa?	O mercado ficou mais forte.	<input type="checkbox"/>	Houve um maior aumento dos impostos.	<input type="checkbox"/>
		O mercado não assistiu a nenhuma alteração.	<input type="checkbox"/>	A posição geográfica ficou reconhecida.	<input type="checkbox"/>
		A chegada de metais preciosos aumentou a riqueza do país.	<input type="checkbox"/>	Portugal sofreu grandes perdas porque tinha de comprar mais produtos.	<input type="checkbox"/>
31-	Quais destas personalidades escreveram sobre a expansão marítima portuguesa?	Gil Vicente	<input type="checkbox"/>	Fernando Pessoa	<input type="checkbox"/>
		Miguel Torga	<input type="checkbox"/>	Aquilino Ribeiro	<input type="checkbox"/>
		Camões	<input type="checkbox"/>	Frei Luís de Sousa	<input type="checkbox"/>
		Eça de Queirós		Camilo Castelo Branco	
32-	Refere para que serviam as drogas, especiarias, bálsamos e unguentos, na época dos descobrimientos.	Combustível	<input type="checkbox"/>	Conservação de alimentos	<input type="checkbox"/>
		Remédios caseiros e populares	<input type="checkbox"/>	Essência para perfumes	<input type="checkbox"/>
		Reprodução	<input type="checkbox"/>	Alimentação dos animais domésticos	<input type="checkbox"/>
		Tintas	<input type="checkbox"/>		

33-	Indica quais eram as especiarias usadas na época dos descobrimentos.	Açafrão – da – Índia	<input type="checkbox"/>	Sal	<input type="checkbox"/>
		Salsa	<input type="checkbox"/>	Canela	<input type="checkbox"/>
		Noz- moscada	<input type="checkbox"/>	Cravo	<input type="checkbox"/>
		Bananas	<input type="checkbox"/>	Incenso	<input type="checkbox"/>
34-	Indica qual foi o homem que comandou a descoberta do Brasil.	Cristóvão Colombo	<input type="checkbox"/>	Vasco da Gama	<input type="checkbox"/>
		Pedro Álvares Cabral	<input type="checkbox"/>	D. Manuel I	<input type="checkbox"/>
35-	Indica o rei que se encontrava a reger, quando foi iniciada a descoberta da Índia, por via marítima.	D. Pedro I	<input type="checkbox"/>	D. Fernando	<input type="checkbox"/>
		D. João I		D. João II	
		D. Manuel I	<input type="checkbox"/>	D. Sebastião	<input type="checkbox"/>

Anexo 3 – Análise de todos os dados do inquérito por tabelas

Quadros da análise em Excel do inquérito aplicados às duas turmas, durante o processo de concretização deste relatório final de prática pedagógica. Nesta lista de quadros, não estarão presentes os dados referentes à identificação dos alunos, nem o seu local de residência, para proteger as respetivas identidades. Assim sendo, só se encontrarão os quadros relativos a todas as questões do inquérito sobre os hábitos de leitura, gostos e factos históricos.

Quadro 1 – Datas de Nascimento dos alunos das duas turmas.

Datas de Nascimentos		
Ano 2000	Ano 2001	Não respondem
2	29	7

Quadro 2 – Contagem do sexo dos alunos das duas turmas.

Sexo	
Feminino	Masculino
17	22

Quadro 3 – Relação do local de residência dos alunos das duas turmas.

Local de residência dos alunos	
Total alunos de Viana do Castelo	35
Outros.....	2
Não respondem	1

Quadro 4 – Relação por sexo sobre a resposta à questão: Gostas da tua escola?.

Gostas da tua escola?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	9	9	12	7	37	97,4
Não	0	1	0	0	1	2,6
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 5 – Relação por sexo sobre as opções escolhidas pelos alunos, em relação à questão anterior.

T1 e T2				
Sim	Feminino	Masculino	Total	%
Gosto de estar com os meus amigos.	10	20	30	46,9
Gosto de estudar e aprender.	8	6	14	21,9
Gosto dos professores.	4	11	15	23,4
Gosto da escola, porque assim não estou em casa.	2	3	5	7,8
Total	24	40	64	100
Outras respostas: (cada resposta equivale a um aluno)				
"Porque podemos conhecer muitos amigos"				
"Porque tem muito espaço"				
"Gosto da minha escola para aprender a arranjar amigos."				
"Porque gosto da biblioteca do refeitório e porque o meu irmão anda nesta escola."				
"Porque não tem muitos alunos e não há confusão"				
Se não, explica porquê?				
"Não gosto da minha turma"				

Quadro 6 – Relação por sexo sobre a frequência do ensino pré-primário.

Frequentaste o ensino pré-primário?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	8	8	11	7	34	89,5
Não	1	1	0	0	2	5,3
Não responde	0	1	1	0	2	5,3
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 7 – Relação por sexo sobre a repetição de anos letivos.

Já repetiste algum ano letivo?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	Qual?
Sim	0	0	1	1	2	Não responde
Não	9	10	11	6	36	
Total	9	10	12	7	38	

Quadro 8 – Relação por sexo sobre a frequência do apoio pedagógico.

Tens apoio pedagógico?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	2	1	0	0	3	7,9
Não	7	8	12	7	34	89,5
Não responde	0	1	0	0	1	2,6
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 9 – Relação por sexo dos livros que os alunos possuem em casa

Tens livros em casa?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	8	9	12	7	36	94,7
Não	1	1	0	0	2	5,3
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 10 – Relação por sexo dos livros que os alunos possuem sobre a temática de história.

Dos livros que tens alguns são de história?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	7	8	12	4	31	81,6
Não	1	1	0	2	4	10,5
Não responde	1	1	0	1	3	7,9
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 11 – Relação por sexo sobre o gosto pela história.

Gostas de história?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	8	7	11	6	32	88,9
Não	1	2	1	0	4	11,1
Não responde	0	1	0	1	2	5,6
Total	9	10	12	7	36	100

Quadro 12 – Relação por sexo sobre os conteúdos de história mais escolhidos pelos alunos.

Quais os temas/matérias de história que mais gostas?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Os primeiros Povos	3	4	4	1	12	9,9
Os Muçulmanos	4	6	3	2	15	12,4
Formação do Reino de Portugal	4	4	7	0	15	12,4
A consolidação do Reino	2	1	0	0	3	2,5
A Revolta/crise de 1383-1385	3	3	4	2	12	9,9
A vida quotidiana	2	2	4	1	9	7,4
A Expansão Marítima	4	2	4	0	10	8,3
Descobrimento do Brasil	4	3	2	0	9	7,4
O tempo dos Filipes/união Ibérica	0	0	1	0	1	0,8
O tempo do Marquês de Pombal	0	1	1	0	2	1,7
O Liberalismo	1	1	2	0	4	3,3
Ditadura	4	3	1	1	9	7,4
25 de Abril	6	5	4	2	17	14
Democracia	2	0	1	0	3	2,5
Total	39	35	38	9	121	100

Quadro 13 – Relação por sexo sobre os hábitos de leitura dos alunos.

Costumas ler?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	9	10	9	7	35	92,1
Não	0	0	3	0	3	7,9
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 14 – Relação por sexo sobre os locais dos hábitos de leitura.

Onde?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
No quarto	8	7	8	7	30	46,9
Sala	6	2	6	2	16	25
Biblioteca da escola	3	2	3	2	10	15,6
Biblioteca municipal	0	1	0	1	2	3,1
Biblioteca ambulante	0	0	0	0	0	0
Não tens um sítio específico	0	3	0	3	6	9,4
Total	17	15	17	15	64	100

Quadro 15 – Relação por sexo sobre os hábitos de estudo.

Estudas:						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Diariamente	0	4	2	4	10	25
Frequentemente	2	2	2	2	8	20
Raramente	2	1	3	1	7	17,5
Nas vésperas dos testes	5	4	3	0	12	30
Quando gosto da matéria	0	1	2	0	3	25
Nunca	0	0	0	0	0	0
Total	9	12	12	7	40	100

Quadro 16 – Relação por sexo sobre o apoio recebido em casa ao estudo.

Tens alguém que te ajude no estudo?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	9	8	9	6	32	84,2
Não	0	2	3	1	6	15,8
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 17 – Relação por sexo sobre a comunicação em casa sobre a escola.

Costumas conversar em casa sobre a escola e os estudos?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	7	8	12	6	33	89,2
Não	2	2	0	0	4	10,8
Não responde	0	0	0	1	1	2,7
Total	9	10	12	7	37	100

Quadro 18 – Relação por sexo sobre a frequência das conversas em casa.

As conversas sobre a escola, em casa são:						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Todos os dias	4	6	5	4	19	44,2
Só ao fim de semana	2	1	2	3	8	18,6
Quando tenho testes	2	2	5	1	10	23,3
Só no final do período	1	1	0	0	2	4,7
Só no final do ano letivo	0	1	0	0	1	2,3
Só quando faço asneiras	2	0	0	1	3	7
Total	11	11	12	9	43	100

Quadro 19 – Relação por sexo sobre o papel de Portugal no início da expansão marítima.

Portugal foi pioneiro na Expansão Marítima?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	7	9	8	2	26	68,4
Não	2	1	3	2	8	21,1
Não responde	0	0	1	3	4	10,5
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 20 – Relação por sexo sobre as personagens ligadas à expansão marítima.

Dos seguintes nomes, selecciona aqueles que estiveram ligados à expansão marítima portuguesa.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
D. João I	3	2	3	0	8	6,6
Bartolomeu Dias	4	7	2	3	16	13,1
D. Afonso V	0	4	1	0	5	4,1
Gil Eanes	8	9	5	3	25	20,5
D. Afonso Henriques	2	2	2	3	9	7,4
Conde de Andeiro	0	0	0	1	1	0,8
Infante D. Henrique	5	7	5	4	21	17,2
D. João de Castela	0	0	2	1	3	2,5
Bartolomeu Dias	2	2	1	2	7	5,7
Vasco da Gama	8	9	6	3	26	21,3
D. Dinis	0	0	0	0	0	0
D. João IV	0	0	1	0	1	0,8
Total	32	42	28	20	122	100

Quadro 21 – Relação por sexo sobre a primeira conquista portuguesa em Africa.

Qual foi o primeiro território conquistado em Africa pelos portugueses?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Cabo da Boa Esperança	2	0	2	1	5	13,2
Índia	0	0	2	1	3	7,9
Ceuta	7	8	7	3	25	65,8
Açores	0	0	0	0	0	0
Ilhas de Cabo Verde	0	0	0	0	0	0
Madeira	0	0	0	0	0	0
Macau	0	0	0	1	1	2,6
Cabo Bojador	0	1	1	0	2	5,3
Algarve	0	0	0	1	1	2,6
Brasil	0	1	0	0	1	2,6
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 22 – Relação por sexo sobre as embarcações utilizadas durante os Descobrimentos.

Tipo de embarcações utilizadas pelos portugueses durante os Descobrimentos.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Navio a vapor	0	0	0	0	0	0
late	0	0	1	0	1	1,4
Caravela	7	9	11	4	31	41,9
Nau	7	9	11	5	32	43,2
Canoa	0	0	0	0	0	0
Galé	1	0	0	0	1	1,4
Barca	2	0	4	2	8	10,8
Veleiro	0	0	0	0	0	0
Barinel	0	0	1	0	1	1,4
Lancha	0	0	0	0	0	0
Total	17	18	28	11	74	100

Quadro 23 – Relação por sexo sobre os objetos utilizados na marcação da presença dos portugueses nas suas descobertas.

Sabes o nome do objeto que servia para marcar a presença dos portugueses nas suas descobertas?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	total	%
Pelourinho	5	4	5	0	14	35,9
Padrão	2	4	1	0	7	17,9
Casas	0	0	1	2	3	7,7
Bandeiras	3	1	5	5	14	35,9
Não responde	0	1	0	0	1	2,6
Total	10	10	12	7	39	100

Quadro 24 – Relação por sexo sobre os produtos comercializados por Portugal após a Expansão Marítima.

Que produtos começaram a ser comercializados por Portugal a partir da expansão marítima?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Especiarias	8	8	11	6	33	34,4
Moedas	1	3	0	0	4	4,2
Animais	2	1	0	0	3	3,1
Tecidos	4	4	3	1	12	12,5
Ouro	7	7	2	2	18	18,8
Cereais	8	8	4	2	22	22,9
Diamantes	3	0	0	0	3	3,1
Escravos	0	1	0	0	1	1
Total	33	32	20	11	96	100

Quadro 25 – Relação por sexo sobre os instrumentos utilizados na orientação marítima.

Seleciona os instrumentos usados durante a expansão marítima portuguesa para orientar a navegação em alto mar.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Navegação por GPS	0	1	0	1	2	1,9
Astrolábio	7	8	9	4	28	26,4
Balestilha	6	8	8	3	25	23,6
Cartas Náuticas	8	6	2	6	22	20,8
Quadrante	7	9	9	4	29	27,4
Total	28	32	28	18	106	100

Quadro 26 – Relação por sexo sobre o conhecimento prévio sobre o Tratado de Tordesilhas.

Já ouviste falar do tratado de Tordesilhas?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Sim	9	10	2	1	22	57,9
Não	0	0	10	6	16	42,1
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 27 – Relação por sexo sobre a data da assinatura do Tratado de Tordesilhas.

Em que data foi assinado o Tratado de Tordesilhas?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
1250	0	0	1	0	1	2,6
1383	1	0	0	0	1	2,6
1492	1	2	0	0	3	7,9
1385	0	0	0	0	0	0
1494	7	5	0	0	12	31,6
1755	0	0	0	0	0	0
1910	0	3	0	0	3	7,9
2006	0	0	0	0	0	0
Não responde	0	0	11	7	18	47,4
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 28 - Relação por sexo sobre o objetivo do Tratado de Tordesilhas.

O que foi acordado no Tratado Tordesilhas? Escolhe a opção que achas mais correta.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Que Portugal só podia ficar com as terras descobertas no continente africano.	1	0	0	0	1	2,6
As terras a descobrir, segundo este tratado descobrimentos pertenciam ao reino de Castela.	1	1	1	0	3	7,9
O mundo ficava dividido em duas partes, uma para Portugal e outra para Castela.	6	7	2	1	16	42,1
Que Portugal não poderia realizar mais descobrimentos.	0	1	0	0	1	2,6
Que Portugal perderia a sua independência.	0	0	0	0	0	0
O mundo ficava dividido em três partes iguais, em que duas partes pertenciam ao reino de Castela e a última parte a Portugal.	1	1	9	6	17	44,7
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 29 - Relação por sexo sobre o estilo arquitetónico utilizado na época.

Em Portugal, que estilo arquitetónico foi influenciado pelos presentes descobrimentos?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	total	%
Manuelino	1	0	1	0	2	5,1
Românico	5	6	7	4	22	56,4
Romântico	0	0	0	0	0	0
Moderno	2	3	0	1	6	15,4
Rocóco	0	1	0	0	1	2,6
Barroco	0	0	0	0	0	0
Não responde	1	0	5	2	8	20,5
Total	9	10	13	7	39	100

Quadro 30 – Relação por sexo sobre os benefícios da Expansão Marítima para Portugal.

Que benefícios trouxeram os descobrimentos para a economia portuguesa?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
O mercado ficou mais forte.	6	6	7	1	20	43,5
Houve um maior aumento dos impostos.	0	1	0	2	3	6,5
O mercado não assistiu a nenhuma alteração.	1	0	0	1	2	4,3
A posição geográfica ficou reconhecida.	2	0	1	0	3	6,5
A chegada de metais preciosos aumentou a riqueza do país.	0	4	1	1	6	13
Portugal sofreu grandes perdas porque tinha de comprar mais produtos.	1	1	1	1	4	8,7
Não responde	1	2	3	2	8	17,4
Total	11	14	13	8	46	100

Quadro 31 – Relação por sexo sobre os escritores relacionados com a Expansão Marítima.

Quais destas personalidades escreveram sobre a expansão marítima portuguesa?						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Gil Vicente	1	0	0	1	2	4,5
Miguel Torga	1	1	1	0	3	6,8
Camões	4	6	7	4	21	47,7
Eça de Queirós	2	2	0	0	4	44,4
Fernando Pessoa	1	1	0	2	4	9,1
Aquilino Ribeiro	1	0	0	0	1	2,3
Frei Luís de Sousa	0	0	0	0	0	0
Camilo Castelo Branco	0	0	0	0	0	0
Não responde	1	3	3	2	9	20,5
Total	11	13	11	9	44	100

Quadro 32 – Relação por sexo sobre a utilização das drogas, especiarias, bálsamos e unguentos.

Refere para que serviam as drogas, especiarias, bálsamos e unguentos, na época dos descobrimentos.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Combustível	1	1	0	2	4	9,3
Conservação dos alimentos	0	1	0	0	1	2,3
Remédios caseiros e populares	2	4	6	1	13	30,2
Reprodução	3	3	0	0	6	14
Tintas	1	1	1	1	4	9,3
Conservação de alimentos	1	1	0	0	2	4,7
Essência para perfumes	0	1	2	1	4	9,3
Alimentação dos animais domésticos	0	0	0	0	0	0
Não responde	2	0	4	3	9	20,9
Total	10	12	13	8	43	100

Quadro 33 – Relação por sexo sobre as especiarias utilizadas durante a Expansão Marítima.

Indica quais eram as especiarias usadas na época dos descobrimentos.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	Total	%
Açafrão-da-Índia	5	3	6	1	15	22,7
Salsa	2	1	1	2	6	9,1
Noz-moscada	2	4	2	3	11	16,7
Bananas	0	1	0	0	1	1,5
Sal	5	5	4	1	15	22,7
Canela	2	4	2	2	10	15,2
Cravo	0	0	0	0	0	0
Incenso	0	0	2	0	2	3
Não responde	0	1	2	3	6	9,1
Total	16	19	19	12	66	100

Quadro 34 – Relação por sexo sobre a figura que comandou a descoberta do Brasil.

Indica qual foi o homem que comandou a descoberta do Brasil.						
	T1		T2			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	total	%
Cristóvão Colombo	1	1	3	0	5	13,2
Pedro Alvares Cabral	4	5	4	0	13	34,2
Vasco da Gama	3	3	5	5	16	42,1
D, Manuel I	1	1	0	0	2	5,3
Não responde	0	0	0	2	2	5,3
Total	9	10	12	7	38	100

Quadro 35 – Relação por sexo sobre o rei regente e a descoberta da Índia.

Indica o rei que se encontrava a reger, quando foi iniciada a descoberta da Índia, por via marítima.						
	T1			T2		
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino	total	%
D. Pedro I	1	0	1	1	3	7,9
D. João I	1	1	0	0	2	5,3
D. Manuel I	1	7	4	0	12	31,6
D. Fernando	0	0	3	2	5	13,2
D. João II	6	2	2	0	10	26,3
D. Sebastião	0	0	0	0	0	0
Não responde	0	0	2	4	6	15,8
Total	9	10	12	7	38	100